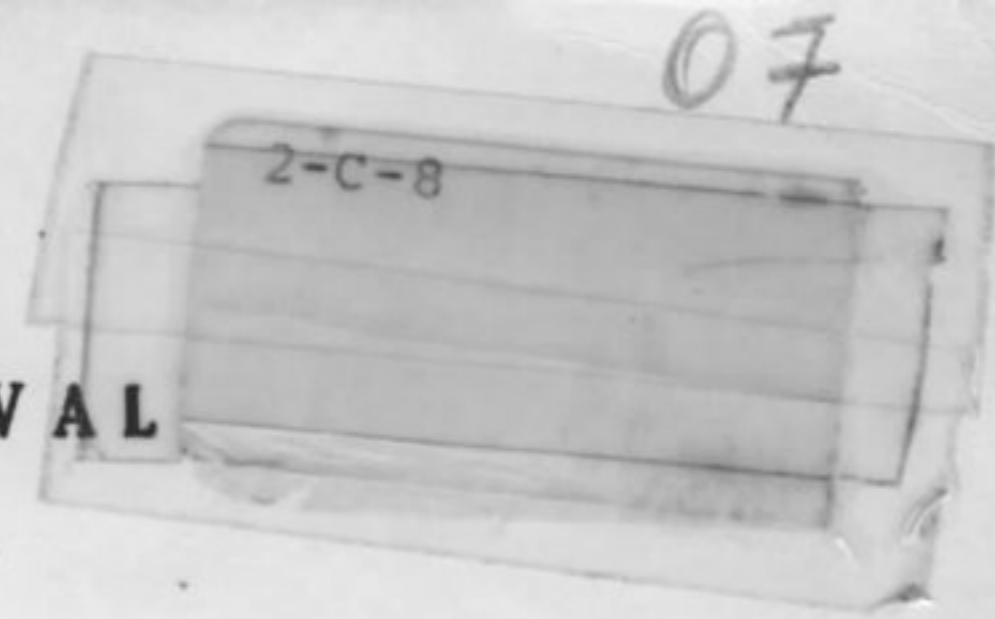


ESCOLA DE GUERRA NAVAL



Curso C-PEM/86

Partido.....

Solução do P-III-5(Mo) Monografia

Apresentada por

NÉLIO ACHÃO

Capitão-de-Fragata (FN)

NOME E POSTO



RIO DE JANEIRO

19.86



A GUERRA IRÃ-IRAQUE

NÉLIO ACHÃO  
Capitão-de-Fragata (FN)



MINISTÉRIO DA MARINHA  
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1986



MM-EGN  
BIBLIOTECA  
06/01/1987  
N: 662

GN-00001587-9

END - 81642

EXEMPLAR - 86835



# Í N D I C E

FOLHA

Lista de Figuras.....	III
Introdução.....	IV
CAPÍTULO 1 - AS ORIGENS DO CONFLITO.....	1
CAPÍTULO 2 - AS FORÇAS EM OPOSIÇÃO.....	4
CAPÍTULO 3 - O DESENVOLVIMENTO DA GUERRA.....	5
Generalidades.....	5
O Assalto Inicial Iraquiano.....	5
A Perda do Movimento.....	11
A Contra-ofensiva Iraniana.....	12
A Guerra de Atrição.....	16
A Procura da Quebra da Paralisação.....	18
A Grande Ofensiva Iraniana dos Pântanos.....	20
A Campanha Naval.....	22
CAPÍTULO 4 - O IMPACTO SOBRE OS PAÍSES DO GOLFO.....	29
CAPÍTULO 5 - A POSIÇÃO DAS SUPERPOTÊNCIAS.....	33
CAPÍTULO 6 - A INFLUÊNCIA SOBRE O MERCADO MUNDIAL DE PE-	
TRÓLEO.....	37
CAPÍTULO 7 - REFLEXOS SOBRE OS INTERESSES BRASILEIROS....	43
CAPÍTULO 8 - CONCLUSÕES.....	47
ANEXO A - PODER MILITAR DOS PAÍSES DO ORIENTE MÉDIO E	
DA ÁFRICA DO NORTE.....	A-01
ANEXO B - PODER NAVAL DO IRÃ E DO IRAQUE.....	A-13
BIBLIOGRAFIA.....	A-21

LISTA DE FIGURAS

FIGURA Nº	TÍTULO	FOLHA
1	MAPA DA REGIÃO DO GOLFO PÉRSICO.....	3-A
2	ESQUEMA GERAL DO ASSALTO INICIAL IRA- QUIANO.....	5-A
3	ESQUEMA DE MANOBRA APROXIMADO DO ASSAL- TO INICIAL IRAQUIANO.....	5-B
4	ESQUEMA DA ATIVIDADE AÉREA E DE BLINDA- DOS POR OCASIÃO DO ASSALTO INICIAL IRA- QUIANO.....	11-A
5	ESQUEMA DE MANOBRA APROXIMADO DA CON- TRA-OFENSIVA IRANIANA.....	12-A
6	MAPA DA REGIÃO DE KHORRAMSHAHR E ABA- DAN.....	14-A
7	MAPA DA REGIÃO IRÃ-IRAQUE (CIDADE AL HAWIZAH).....	21-A
8	ESQUEMA DE MANOBRA APROXIMADO DA GRAN- DE OFENSIVA IRANIANA DOS PÂNTANOS.....	21-B

## INTRODUÇÃO

A guerra que eclodiu em 22 Set 80 entre dois países de fronteira comum defrontando-se, sem intervenção estrangeira, para obter a primazia do controle de um território contestado e por razões de ordem política e ideológica, apresentava características próprias, sob o ponto de vista de especialistas, de uma guerra clássica.

O Irã, às voltas com problemas internos e externos de gravidade, parecia que, ao invés de optar pela luta, recorreria aos meios diplomáticos e à negociação para evitar a guerra que poderia, inclusive, ameaçar a existência do regime islâmico recém estabelecido em Teherã. A preocupação, na realidade, era de ordem geopolítica e econômica, pois em caso de ampliação e ultrapassagem de limites, a luta poderia provocar a interrupção do fluxo de petróleo e talvez redundasse num terceiro "choque de petróleo".

Muito depressa, ficou claro que o litígio territorial não era a causa essencial nem o único motivo, e o acontecimento não correspondia ao modelo habitual dos conflitos do Terceiro Mundo. A evolução do conflito demonstrou ser o mesmo de muito difícil previsão.

Os especialistas têm a tendência a relegar o conflito ao plano das guerras esquecidas, talvez por classificá-lo como uma guerra limitada, infra-nuclear e alheia à confrontação Leste-Oeste. Assim, este conflito considerado como o mais sangrento da era contemporânea não tem merecido um décimo da atenção que teria direito.

Diante da impossibilidade de se fazer um estudo mais profundo, pela carência de informações, o trabalho teve que ser limitado. Dessa forma, pela ausência de maiores detalhes sobre as operações terrestres o autor teve que fazer uso de muita imaginação para elaborar alguns poucos esquemas de manobra,

onde foi possível, para que se pudesse melhor compreender certas fases das operações. A Campanha naval, de modo semelhante, foi restringida ao período do irrompimento do conflito até abril de 1981.

Para facilitar a concatenação das idéias e montagem do trabalho, o período considerado, com a exceção acima, foi de 22 Set 80 a Abr 85, e pautou-se:

- nas origens do conflito;
- na apresentação das forças em oposição;
- no desenvolvimento da guerra;
- no impacto sobre os demais países do Golfo;
- na política entre os países árabes diante da guerra;
- na posição assumida pelas superpotências;
- na influência sobre o mercado mundial de petróleo; e
- nos reflexos sobre os interesses brasileiros.

## CAPÍTULO 1

### AS ORIGENS DO CONFLITO

A guerra do Golfo Pérsico está repleta de raízes remotas e recentes. Poucas nações vizinhas possuem tantas razões para estar separadas, como o Irã e o Iraque. Assim: se os iraquianos são árabes, os iranianos descendem dos persas; o teocrático regime iraniano é xiita e, em contrapartida, o governo autocrático do Iraque é constituído por minoria sunita; ambos são radicais e, em virtude deste radicalismo, o Aiatolá Khomeini isolou seu país do restante do mundo, e o Presidente Saddam Hussein, do Iraque, liderou os extremistas do mundo árabe-Síria, Líbano e Argélia- na campanha contra os acordos de Camp David. As ambições hegemônicas dos dois estados sobre o Golfo são patentes e há muito tempo se preparam militarmente para controlá-lo, o Irã, até recentemente, com a ajuda estadunidense, o Iraque com o suporte soviético. Além disso, ambos são atores de contenciosos sobre territórios na confluência do rio Tigre com o Eufrates e no estratégico Estreito de Ormuz.

Todavia, a causa próxima para a eclosão do conflito foi protagonizada pela Revolução Islâmica de cunho fundamentalista, conduzida pelos iranianos, visto que, com frequência, Khomeini vinha disseminando a idéia de um Exército Revolucionário Islâmico, estruturado com as massas iranianas, que seria o "instrumento de libertação dos iraquianos".

Khomeini não parecia estar firmemente no poder, pois tanto as facções de esquerda - Partido Comunista Tudeh- e antigos monarquistas conspiravam contra o regime. O próprio clero estava profundamente dividido entre extremistas e moderados.

A classe média que aproveitara consideravelmente as benesses do regime do Xã, em muitos setores, não aparentava estar disposta a derramar seu sangue em nome de Khomeini. A sociedade



de iraniana estava fraturada. Na região Noroeste do Irã, os curdos estavam mais uma vez lutando por uma qualidade de autonomia mais verdadeira e segura. A sociedade iraniana também defrontava-se com um índice de desemprego da ordem de 50%, que representava uma situação terrível e próxima da anarquia.

As forças armadas, onde o Xã dispendera enormes somas de dinheiro em equipamentos e armamentos dos mais sofisticados, e às quais propiciara uma série de privilégios, possuíam em seus quadros elementos ativamente opostos a Khomeini. Haja vista, que, entre Jun e Ago 80 foram abortados, pelo menos, três golpes militares e, em consequência, expurgado um grupo de oficiais. A desconfiança imperava no regime e Khomeini receava um levante contra ele no momento em que determinado grupo de oficiais pegasse em armas para dar combate aos iraquianos. (31:35; 92:279; 91:76).

A crise gerada pela tomada de reféns da Embaixada Americana, em Teherã, obteve dos Estados Unidos, em retaliação, um embargo sobre o fluxo de peças de reposição ao Irã (91:76), que eram elementos vitais para os equipamentos e armamentos iranianos, em sua quase totalidade de origem estadunidense. A estimativa iraquiana a respeito era de que esses equipamentos e armamentos dependiam extremamente de peças sobressalentes, e que, por negligência, haviam-se transformado em sucatas, em grande parte, inoperantes. (31:36).

Os iraquianos contavam com a vantagem que a surpresa lhes propiciaria e com o potencial devastador de centenas de armas do seu moderno arsenal. Os iraquianos estavam seguros de que aplicariam um golpe que despedaçaria o frágil regime de Khomeini, compulsando-o a pedir a paz nos termos que conviessem ao Iraque, ou talvez até derrubando-o do poder.

A decisão de atacar não foi tomada precipitadamente, ela foi fruto de muito estudo e reflexão.

A ofensiva foi desencadeada em 22 Set 80, após vários incidentes de fronteira. Essa decisão de atacar tão perto do fim da estação seca deixou evidenciada a natureza limitada dos propósitos iniciais de guerra pretendidos alcançar pelo Iraque (31:36).

Oficialmente, as razões para a deflagração do conflito, declaradas pelo Iraque, foram:

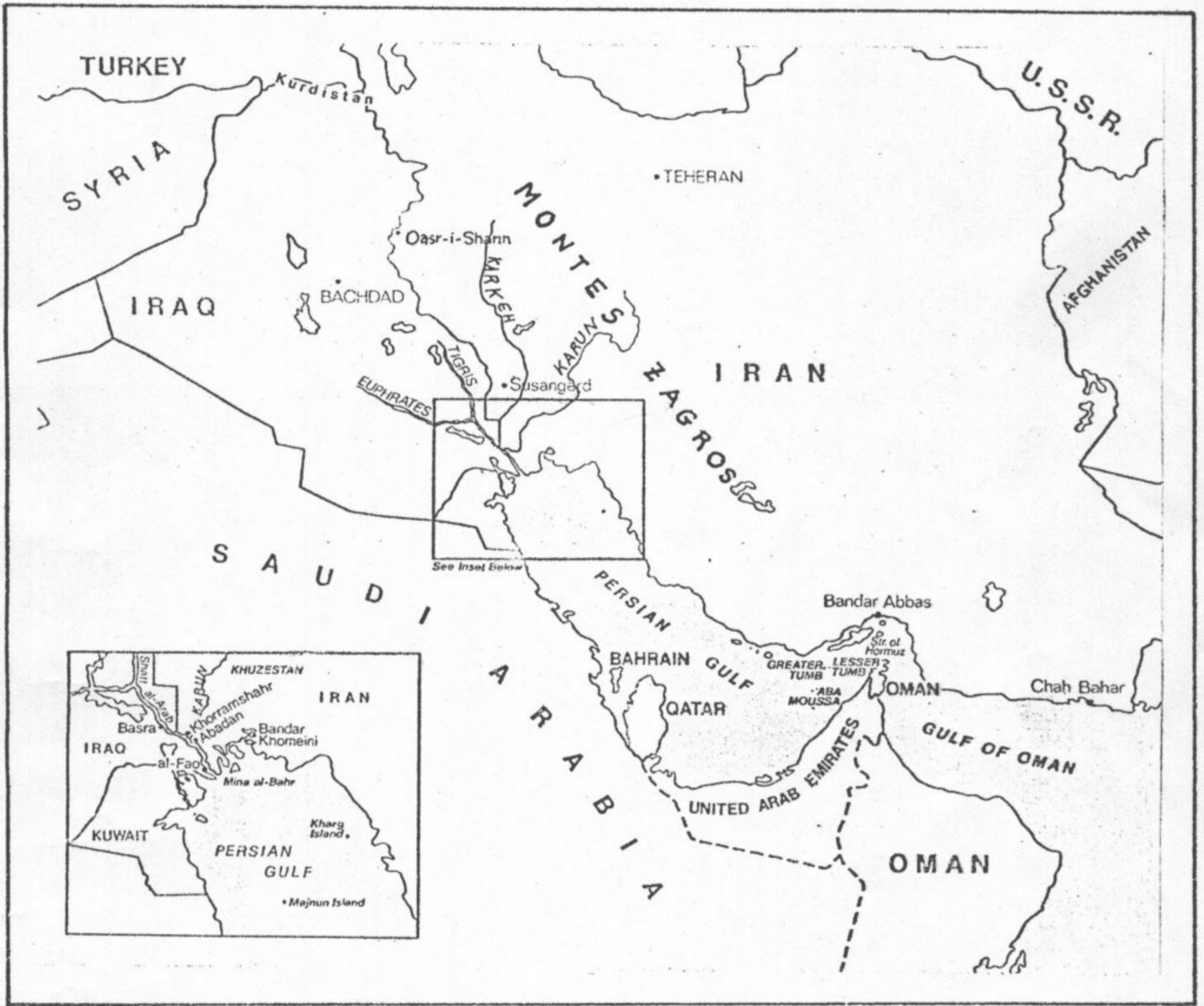
- reconhecimento pelo Irã, dos direitos de exclusividade do Iraque de navegar pelo Shatt al-Arab (um rio com cerca de 130 milhas de extensão, das quais 55 milhas formam uma fronteira entre o Irã e o Iraque, e que proporciona a este último o seu acesso principal ao Golfo) (Figura 1);

- retorno das ilhas Tunb e Abu Musa - situadas a Sudeste do Golfo, perto do estreito de Ormuz - e "ocupadas", segundo o Iraque, e "recuperadas", segundo o Irã, em 1971, à soberania árabe;

- governo próprio para os árabes da província do Cuzistão (por esse modo, dando ao Iraque os campos de petróleo da província) (21:152).

FIGURA 1

(31:35)



## CAPÍTULO 2

### AS FORÇAS EM OPOSIÇÃO

As forças iraquianas tiveram seus efetivos elevados com os reservistas mobilizados somando um total de 400.000 homens, razoavelmente bem treinados, equipados e armados, principalmente, com material de origem soviética. Em Fev 81 correspondentes de guerra estrangeiros destacaram a presença dos novos tanques russos T-72 e T-64 e grande quantidade de outras viaturas e equipamentos modernos. Os iraquianos tinham alguma experiência de combate em montanha, pois na década de 70 estiveram em guerra contra os curdos nesse tipo de região. Quatro das doze Divisões Iraquianas eram de montanha, e as demais eram blindadas ou mecanizadas, com seus regimentos constituídos principalmente com tanques (Anexo A-4).

As forças armadas iranianas haviam sido desmanteladas pela Revolução de Khomeini. Ao tempo do Xã seu efetivo era da ordem de 400.000 homens. (Anexo A-4 e 5). Com a Revolução Islâmica a maior parte dos generais e coronéis foi executada, aprisionada, demitida ou fugiu do país. Não estava em vigor a chamada de conscritos e houveram deserções em larga escala. O General Gerabaghi, o último Chefe de Estado-Maior do Exército do Xã nos acontecimentos pré-revolucionários, ordenara ao Exército para não intervir e, quando a revolução ocorreu, o que restou do Exército permaneceu no quartel, sob o comando de oficiais intermediários e subalternos, mantendo atuação discreta e alheia aos acontecimentos. O Xã equipara suas forças armadas com uma imensa quantidade de sofisticados armamentos, mantidos por técnicos estrangeiros que partiram quando a revolução eclodiu em 1979. Os armamentos e equipamentos foram abandonados e se encontravam em péssimo estado de conservação.

## CAPÍTULO 3

### O DESENVOLVIMENTO DA GUERRA

Generalidades - A ofensiva iraquiana começou em 22 Set 80, marcando o princípio de uma guerra que pode agora ser dividida, conforme os acontecimentos se desenrolarem, e para melhor compreensão, em 6 fases: a inicial do assalto iraquiano, a da perda do movimento, a da primeira contra-ofensiva iraniana, a da guerra de atrição, a da procura da quebra da paralisação completa e da grande ofensiva dos pântanos.

A Fase Inicial do Assalto Iraquiano - A fronteira Iraque-Irã corre de um modo geral para o Norte do Shatt al-Arab por cerca de 800 milhas até chegar à Turquia. Quando os iraquianos iniciaram o seu ataque, em 22 Set 80, eles rapidamente eliminaram os postos de fronteira e precipitaram-se para o interior do território iraniano. Com rapidez considerável capturaram a cidade fronteiriça de Qasr e-Shirim, sobre a principal rodovia Bagdá-Teherã, realizando um ataque no flanco direito, empenhando nessa manobra uma parte de uma Divisão de Montanha. Em seguida, progrediram cerca de 15 milhas para o interior dos contrafortes da maciça montanha (Montes Zagros), na direção Este, e estabeleceram o bloqueio da mais provável via de acesso para um contra-ataque inimigo (Figura 2 e 3).

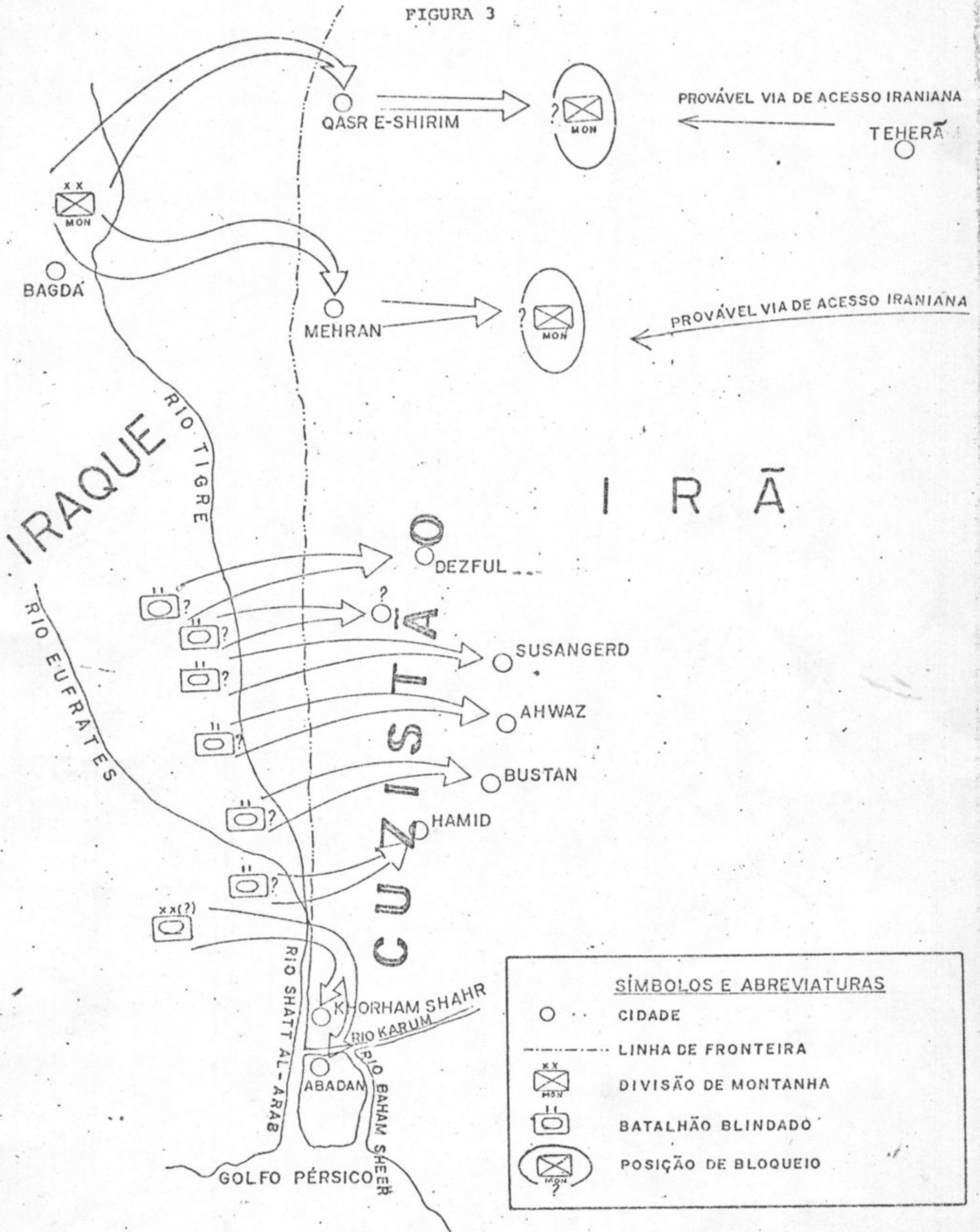
Cerca de 100 milhas ao Sul de Qasr e-Shirim, os iraquianos empregaram o restante da Divisão de Montanha, e, fazendo uso de uma tática similar à anterior, conquistaram a também fronteiriça cidade de Mehran, prosseguindo, logo após, umas poucas milhas na direção dos contrafortes das montanhas. Este segundo movimento tático serviu para que fosse estabelecido o bloqueio da outra principal via de acesso de contra-ataque iraniana, a qual poderia permitir que os iranianos alcançassem o sistema de estradas iraquianas. Tanto este movimento para cap

FIGURA 2

(24:9)



FIGURA 3



ESQUEMA DE MANOBRA APROXIMADO DO ASSALTO INICIAL IRAQUIANO EM 22 DE SETEMBRO DE 1980

turar Mehran quanto aquela para Qasr e-Shirim foram manobras táticas semelhantes(68:44).

A Oeste de Qasr e-Shirim e Mehran, no território iraquiano, o terreno era um misto de plano e suavemente ondulado e na estação seca era adequado para a movimentação de blindados; enquanto que a Este, a poucas milhas da fronteira, do lado do Irã, a região, pela sua característica topográfica montanhosa, impedia a manobra das viaturas.

Mais ao Sul, situava-se a rica província iraniana do Cuzistão, contemplada com 80% dos recursos petrolíferos iranianos e instalações afins. Era uma província que se podia dizer "árabe", visto que, de uma população de 3,5 milhões, 2 milhões dos habitantes eram de origem árabe. Fundamentados neste facto, os iraquianos sempre reclamaram que essa região deveria ser parte do território iraquiano, desde a divisão do Império Otomano após a 1.ª Guerra Mundial.

Aproveitando a adequabilidade desta região os iraquianos lançaram seis pequenas Colunas Blindadas, aproximadamente do tamanho de um batalhão cada uma, e organizadas, com algumas variações, sob o modelo soviético, que cruzaram a fronteira, tendo pela frente campo aberto, e, independentemente, atacaram várias cidades, como: Ahwaz, Dezful, Susangerd e outras. (Figura 2 e 3)

Localizadas no canto Sudoeste do Cuzistão, regim<sup>o</sup> limitada pelo Shatt al-Arab e adjacente ao Golfo Pérsico, as cidades de Khorramshahr e Abadan constituíam-se nos objetivos prioritários do planeamento iraquiano. Khorramshahr com suas docas e terminais de transferência de petróleo e Abadan com a maior refinaria de petróleo do mundo e suas instalações de armazenagem daquele petróleo. Ambas eram vastos complexos industriais e residenciais. Abadan, à pouca distância ao Sul de Khorramshahr, situava-se no que se poderia considerar uma ilha de 68 milhas quadradas pelo fato de estar limitada a Oeste pelo



Shatt al-Arab, ao Sul pelo Golfo, a Este pelo rio Bahamsheer e ao Norte pelo rio Karun. Os iraquianos pretendiam conquistar, primeiramente, Korranshahr e, logo em seguida, Abadan. Com a conquista e manutenção destas duas cidades, passariam a exercer o controle do Shatt al-Arab, o que significaria uma conquista de alto valor estratégico (68:45). Assim, três Regimentos Blindados iraquianos transpuseram o Shatt al-Arab em em barcações, ao Norte de Khorramshahr e, em terra, desdobraram-se e voltaram-se para o Sul na direção de Khorramshahr. Esta era uma região extremamente perigosa para as unidades blindadas que ficaram imediatamente expostas a emboscadas executadas por pequenos grupos armados unicamente com fuzis, granadas e conquetéis Molotov, e posicionados em barricadas de estrada e de ruas, muitas vezes, construídas com blocos de muro de jardim. À medida que os tanques iranianos progrediam, eram apanhados em emboscadas na rede de estradas e ruas estreitas repletas de obstáculos.

A resistência tenaz oferecida pelos iranianos foi contrária à fragilidade esperada. Ela foi reforçada pelos grupos de Pasdarans<sup>?</sup> que se haviam deslocado para a linha de frente e que combateram com fanática bravura. Numa semana, os soldados regulares iranianos foram rapidamente deslocados dos seus quartéis para os campos de batalha; primeiramente, as unidades de transporte, seguidas pelas de artilharia e de infantaria. Para conquistar Khorramshahr, que caiu em 10 Nov, os iraquianos levaram 15 dias e tiveram 5.000 baixas. Os iranianos sofreram, também, pesadas baixas, e, em honra de seus mortos redenominaram a cidade para "Khuninshahr" ou "Cidade de Sangue" (31:37).

Detectando seus erros táticos, os iraquianos suspenderam suas operações ofensivas por três semanas nesta zona de ação. Nesse Interim, suas Forças Especiais, Unidades de Pára-quedistas e um Destacamento da Guarda Presidencial recebiam treina-

mento intensificado de combate em localidade para serem empregados na frente de Khorramshahr. Novas unidades de infantaria foram reunidas e receberam treinamento semelhante.

No ataque a Abadan, o fogo de artilharia, do lado iraquiano do Shatt, colocou em chamas os tanques de petróleo de Abadan, que arderam por dias sem fim. Este fato propiciou a errônea impressão de que combates violentos estavam sendo travados, o que não era verdadeiro; visto que, apenas no final de outubro, a infantaria, liderando desta vez o ataque, transpôs o rio Karun e progrediu, vagarosamente, em direção a Abadan, distante 10 milhas. (68:46) (Figura 3). Outras unidades iraquianas tentaram um movimento sobre o flanco Este, porém foram impedidas de progredir em face do obstáculo que representava a largura razoável do rio Bahamsheer. Sobre o rio Karun havia três pontes principais, duas das quais estavam tomadas, mas a terceira - mais para Este - estava batida pelo fogo iraniano, e, portanto não poderia ser usada. Em meados de novembro, as chuvas impediram em larga escala os movimentos; embora os iraquianos já tivessem conseguido cerrar sobre Abadan, não obtiveram sucesso em capturá-la.

Os iranianos tinham montado uma defensiva confusa, mas que ofereceu uma resistência determinada, usando uma mistura de grupos armados locais, Pasdarans e soldados regulares. Contudo, sofreram pesadas baixas, freqüentemente defendendo até o último homem, resolutamente postados em bloqueios de estradas e ruas, e em posições de emboscadas. A inexistência de uma clara cadeia de comando acarretou ordens inseguras e discórdâncias.

É importante frisar que a luta por Khorramshahr e Abadan deveria ter sido uma operação combinada. Todavia, a ausência da participação naval foi completa. Parecia não haver coordenação entre as armas, pois cada uma operava independentemente

das outras. Ambas as marinhas possuíam cerca de 40 pequenas lanchas de patrulha, muitas com mísseis, mas estas permaneceram em seus ancoradouros, principalmente em Basra (Irã) e em Bandar e - Shaipur (Irã), ou em outros lugares, usando seus armamentos apenas quando as aeronaves inimigas se aproximavam. (68:46). Pequenas lanchas foram usadas, à noite, para suprir os iraquianos através do Shatt, e, mais tarde, helicópteros que voavam baixo, rente à superfície d'água; enquanto pequenas lanchas fluviais deslizavam, silenciosamente, pelo rio Baham-sheer para abastecer a sitiada Abadan. Havia 62 navios estrangeiros retidos no Shatt.

No setor do Cuzistão, ao Norte de Khorramshahr, como as suas pequenas Colunas Blindadas se moviam sem oposição através das planícies áridas, os iraquianos esperavam ser acolhidos como libertadores pelos habitantes árabes. Tal fato, entretanto, não aconteceu, pois os árabes se mantiveram impassíveis. Em face desta inesperada situação adversa, as colunas iraquianas ficaram embaraçadas, muitas tendo procedimentos que variavam da hesitação à execução de esforços vigorosos desarticulados. Para exemplificar, uma Coluna alcançou Susangerd no 23º dia e, encontrando-a não defendida, penetrou nela, mas, quase imediatamente, retirou-se, e se deslocou para Este. Poucos dias mais tarde, retornou e a encontrou fortemente defendida, em virtude de ter sido reforçada por Pardarans. Dois mal-sucedidos ataques foram realizados sobre Susangerd, que continuou a resistir. Uma outra Coluna Blindada iraquiana vacilou, por alguns dias, fora da cidade de Hamid, próxima ao rio Karun, quando poderia ter progredido, rapidamente, através campo, por uma boa via de acesso para tanques, para conquistar Ahwaz, que nas primeiras semanas estivera sendo defendida apenas por Pardarans. Hamid foi a primeira cidade a cair em mãos iranianas no Cuzistão e, a seguinte, foi Bustan. (68:47).

Outras Colunas iraquianas titubearam no rio Karkheh, quando poderiam ter investido para capturar a cidade de Dezful e sua Base Aérea, que eram pontos táticos chaves naquele setor.

No oitavo dia de guerra o Presidente Bani-Sadr estabeleceu seu Quartel-General avançado em Dezful e assumiu, pessoalmente, a responsabilidade pela conduta da guerra. Depois de alguns dias, os Pasdarans, seguidos mais lentamente pelas tropas regulares, afluíram para dentro das cidades do Cuzistão tornando-as quase inexpugnáveis para as formações de tanques iranianos <sup>que</sup> que, destituídos integralmente de infantaria de proteção, ficaram se movimentando, incertamente, pelas suas vizinhanças e, ocasionalmente, disparando seus canhões sobre os defensores. Os momentos de oportunidade dos blindados iraquianos foram desperdiçados. Houve, também, muita cautela quanto à vulnerabilidade de sua retaguarda na ocasião em que poderiam ter investido pelo menos na parte Norte-Sul do rio Karun.

No tocante às atividades aéreas, antes que o assalto fosse iniciado em 22 Set, um comando de caças-bombardeiros MiG, iraquianos, espalhou-se pelos céus do Irã e atacou, simultaneamente, dez Bases Aéreas inimigas, inclusive o Aeroporto de Mehrabad, em Teherã. Com esse ataque, o Alto Comando iraquiano pretendia liquidar com um só golpe todo o poderio aéreo iraniano e, dessa forma, repetir a façanha israelense, na Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando destruiu, praticamente, a força aérea egípcia no solo (73:47; 13:30). Entretanto, o resultado foi bem outro, pois as aeronaves iranianas estavam bem protegidas em abrigos de concreto capazes de suportar impactos diretos de bombas de 1.000 libras, que os iraquianos ignoravam existir. Incapazes de atingir diretamente as aeronaves, limitaram-se a bombardear as pistas de decolagem, que foram reparadas em poucas horas; e, já no segundo dia da guerra a Força Aérea Iraniana efetuou limitados contra-ataques (31:36). Assim,

ambas as forças aéreas, nesta fase inicial da guerra bombardearam em suas <sup>9</sup>surtidas os subúrbios de Teherã e Bagdá, instalações petrolíferas, e outras cidades, tais como Tabriz, Qasr e-Shirim, Ahwaz, Khorramshsr, Abadan, Isfaran, Shiraz, Ilha de Kharg e Busheir, no Irã; e Mosul, Kirkuk, Basra, Nasiriyah e Kut, no Iraque. Os ataques paralisaram as refinarias de petróleo mas poucas perdas foram causadas e, comparativamente, poucos danos provocaram. (68:47; 31:36) (Figura 4).

Em 07 Nov, os iranianos desfecharam bem executados ataques aéreos, navais e de comandos sobre as instalações de Mina al-Bakr e al-Fao e, virtualmente, destruíram a capacidade iraquiana para exportar petróleo através o Golfo. (Figura 1).

As Forças Especiais iranianas efetuaram ações de Comandos e cortaram o transporte de petróleo iraquiano por oleoduto através da Turquia, enquanto aviões F-4 iranianos atacaram os postos de fronteira do <sup>U</sup>Kwait, como uma advertência aos estados do Golfo de que o braço longo do Irã cobraria um preço pelo apoio ao Iraque, e suas instalações petrolíferas poderiam ser atacadas tão facilmente quanto os postos de fronteira. (31:37).

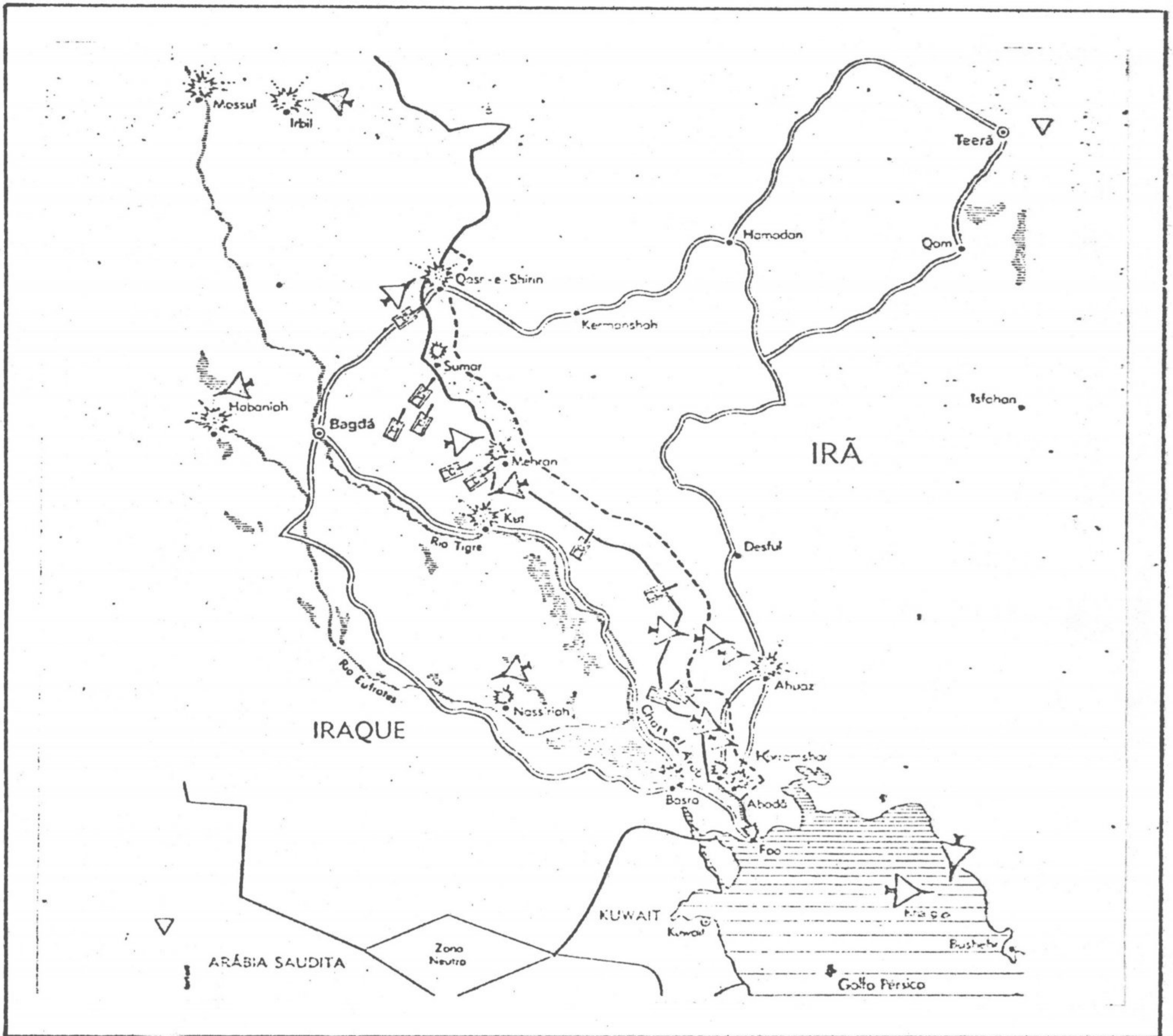
Esses ataques surtiram o efeito desejado, pois, em decorrência, as exportações de petróleo iraquianas caíram. Mas, mesmo tendo suas instalações vulneráveis, os estados do Golfo mantiveram o apoio ao Iraque sob a condição de que ele restringisse seus ataques de represália somente contra a infraestrutura de exportação de petróleo iraniano.

<sup>"momentum"? impulsão?</sup>  
A Perda do Movimento - As operações terrestres iraquianas no Cuzistão foram suspensas com a conquista de Khorramshahr. O Exército Iraquiano passou a ações que lhe possibilitassem estabelecer-se firmemente ao longo de sua linha de avanço, enquanto apertava o cerco de Abadan.

O conflito assumiu o aspecto de uma duradoura "guerra de

FIGURA 4

(75:20)



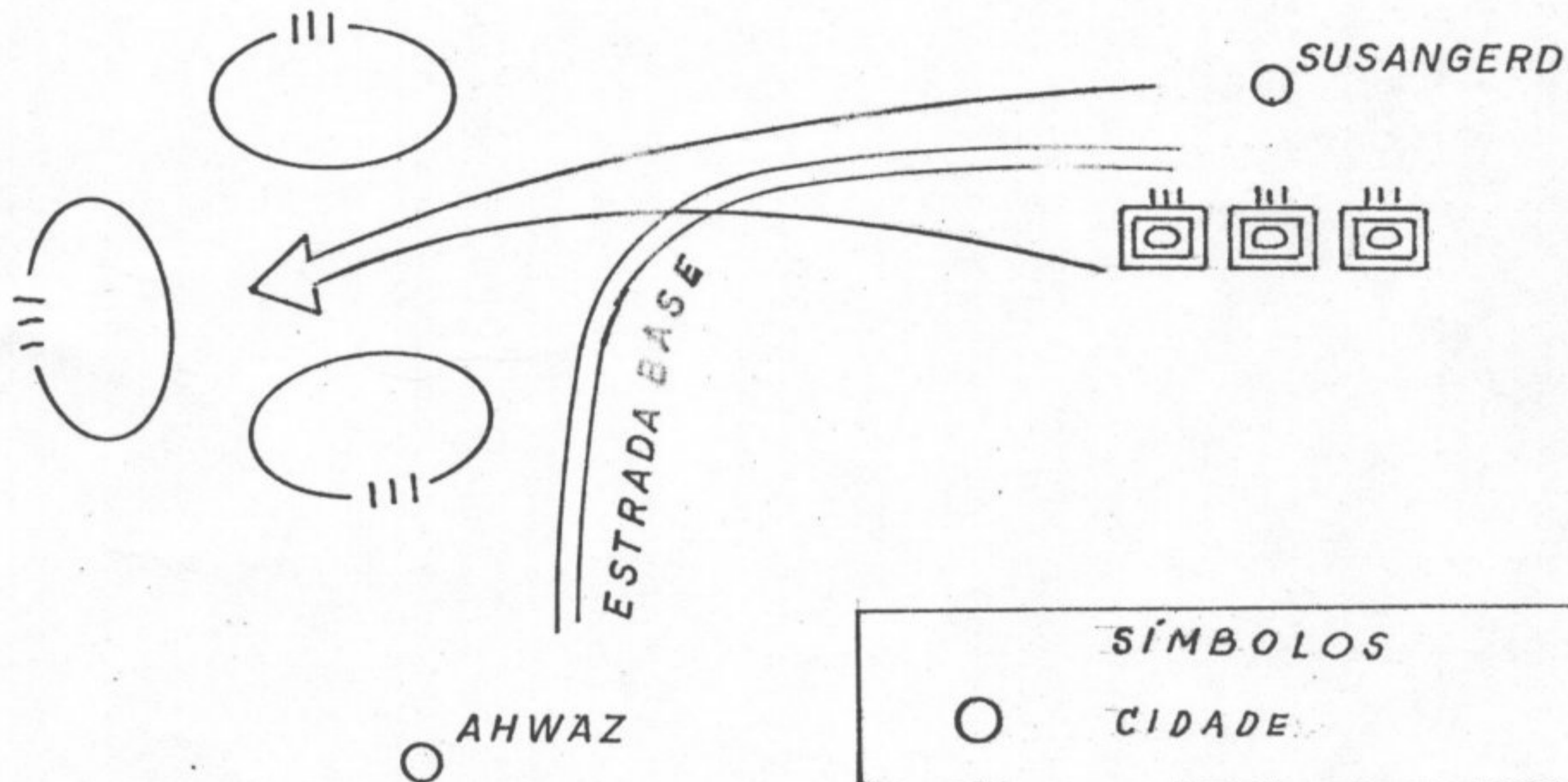
embuste" por todo o verão e parte do inverno. Os beligerantes desencadearam um inconstante duelo de artilharia, enquanto empenhavam-se em restaurar suas forças. Os iraquianos concentravam-se em reabastecer seu arsenal e adquiriram cerca de 2 bilhões de dólares de armamento do Egito (31:37).

Por seu turno, os iranianos reconvocaram veteranos do antigo Exército do Xã, reunindo aproximadamente 100.000 "voluntários" adicionais, e estabeleceu um Conselho Supremo de Defesa com 7 membros, sob a Presidência de Bani-Sadr, para conduzir a guerra.

A Contra-ofensiva Iraniana - O Presidente Bani-Sadr, sentindo que seu Exército estava melhor organizado e refeito da surpresa do ataque iraquiano, resolveu passar ao ataque. Em 05 Jan 81, desencadeou um contra-ataque com três pequenos Regimentos Blindados pelo eixo denominado "estrada base" entre Ahwaz e Susangerd. Informados desse movimento iraniano, os iraquianos posicionara<sup>m</sup> três pequenos Regimentos Blindados num dispositivo de emboscada semelhante a uma caixa de três lados, dentro do qual os blindados inimigos se projetaram e cambalearam. Por quatro dias essas duas forças de tanques, totalizando 400 tanques, cambateram violentamente sobre um mar de lama. (31:37) (68:49:)(Figura 5).

Os iraquianos reivindicaram uma vitória, quando os iranianos se retiraram deixando muitos tanques atolados na lama. O fato é que os iranianos não tendo feito um planejamento logístico adequado, simplesmente tiveram esgotados os seus suprimentos de combustível e munição. Incapazes de romper o contato, completamente, muitos tanques tiveram que ser abandonados por causa das condições do terreno. Os iraquianos perseguiram lentamente os inimigos mas pararam logo, deixando de explorar o êxito, preferindo manter as posições que haviam defendido com sucesso. Mais de 100 tanques iranianos capturados, foram

FIGURA 5



SÍMBOLOS	
○	CIDADE
○ 	NÚCLEO DE DEFESA IRANIANO
□ ○ 	REGIMENTO BLINDADO IRANIANO

ESQUEMA DE MANOBRA APROXIMADO DA CONTRA-OFENSIVA IRANIANA DE 5 DE JANEIRO DE 1981



exibidos, mais tarde, no Iraque. Bani-Sadr admitiu a perda de 88 tanques, mas retrucou dizendo que os iraquianos tinham perdido o dobro.

Esta batalha de tanques, em circunstâncias desfavoráveis, de certa forma ajudou os iranianos, pois lhes permitiu avaliar o desempenho dos seus tanques. Eles julgavam que os M-60 americanos eram melhores do que os britânicos Chieftains, presumivelmente porque eram mais fáceis de serem postos em serviço novamente. Após a batalha, todavia, os iranianos enalteceram os tanques britânicos. Pelo lado iraquiano, os Comandantes que participaram dos combates estavam convencidos de que os tanques soviéticos eram melhores que os britânicos e americanos, e, mais ainda, que os T-72 eram superiores a qualquer um que o Ocidente tenha produzido. (68:49).

Durante a primavera e o verão, nenhum dos contendores <sup>teve</sup> tiveram condições para desencadear uma ofensiva. Os iraquianos encontravam-se combalidos e aos iranianos faltava ainda capacidade. O Exército iraniano estava num processo de reorganização, sob um novo grupo de coronéis selecionados pelo Presidente Bani-Sadr, e as unidades de valor regimento estavam principiando a operar. A extensão da guerra foi ampliada até certo grau em abril, quando o Presidente Saddam Hussein começou a apoiar os dissidentes curdos no Irã, em seus conflitos com os Pasdarans e o Governo de Teherã. Em seguida ao "impeachment" de Bani-Sadr, em julho, mais reformas foram efetivadas efetivadas no Exército Iraniano, e, concomitantemente, estavam sendo feitos preparativos para uma ofensiva de outono.

Iniciando em 02 Set, blindados, artilharia e infantaria em viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) e caminhões iranianos deslocaram-se para Sudoeste, do terreno mais alto ao Norte de Susangerd, e, transpuseram o rio Karkheh numa larga frente. A força desdobrou-se em colunas e atacou pontos

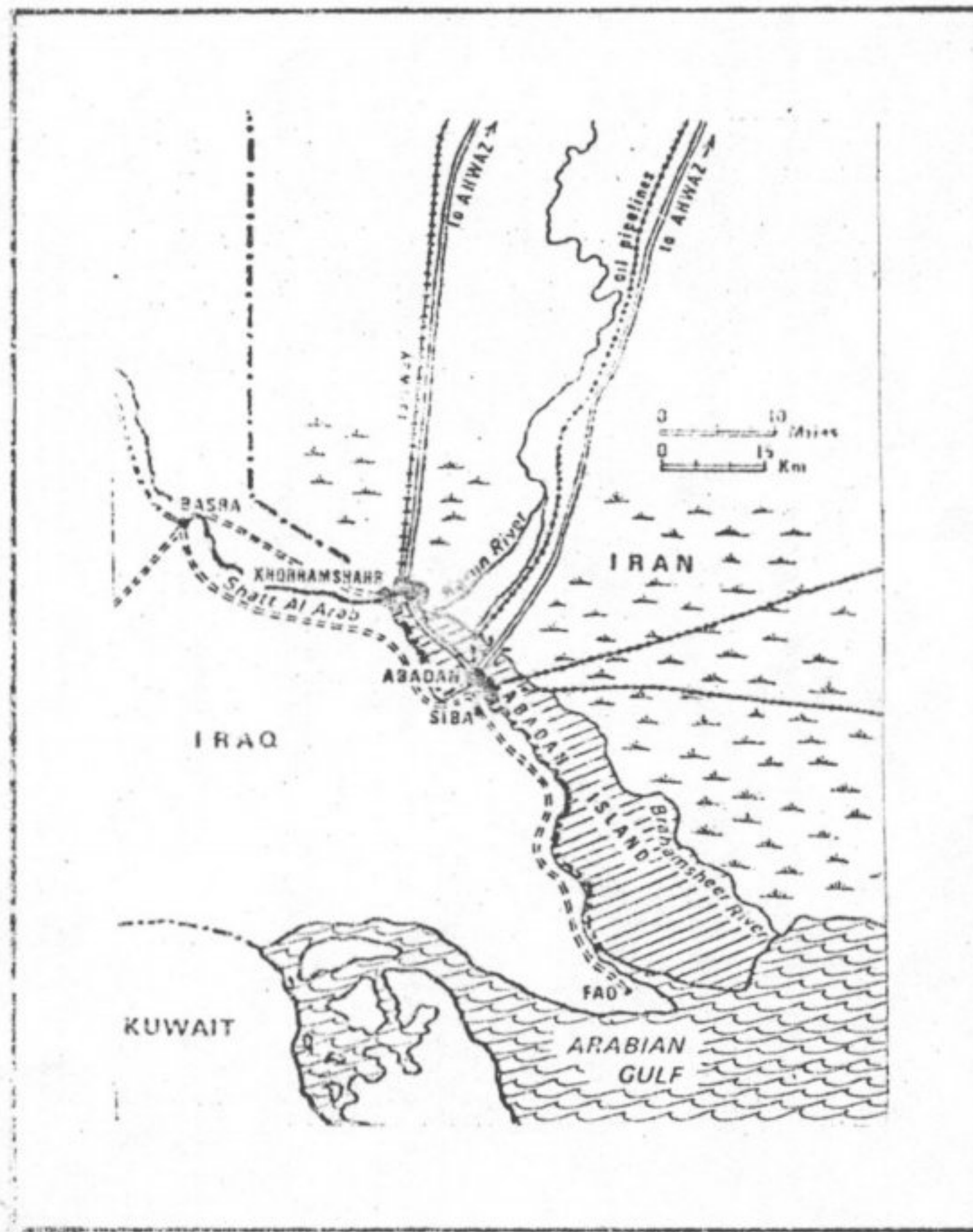
selecionados da frágil linha de fronteira iraquiana. Empregando tática semelhante a pequenas mordidas prosseguiu por três semanas, empurrando os iraquianos para trás em vários locais, por umas poucas milhas.

O objetivo real dessa ofensiva era aliviar o cerco a Abadan (68:49), atraindo reforços iraquianos, enquanto cinco Regimentos de Infantaria apoiados por algumas unidades de blindados e artilharia avançavam para se desenvolverem ao longo do rio Bahamsheer oposto à "ilha" de Abadan. No vigésimo sexto dia, esses regimentos atravessaram o rio para atacar os sitiados no flanco e na retaguarda. Três dias de duros combates se seguiram, especialmente sobre a parte Este da "ilha" onde os iraquianos estavam retraiendo, através do rio Karun, para Khorramshahr. (Figura 6). Pelo vigésimo nono dia, os iranianos noticiaram que haviam destruído uma divisão iraquiana, quebrado o cerco de Abadan, e aberto as estradas que ligavam Abadan à Ahwaz, à Marsah (60 milhas a Este), e à Darkoveyen (20 milhas ao Sul). A vitória iraniana era evidente, particularmente sob o ponto de vista moral, posto que as forças armadas consideravam Abadan como a sua Stalingrado. As esperanças do Presidente Saddam Hussein de dominar o Shatt al-Arab ficaram extremamente abaladas, porquanto era impossível por algum tempo, e talvez para sempre, que seria capaz de reunir tropas suficientes para reverter a situação. (68:50). O Iraque admitiu a retirada para Khorramshahr, mas insistiu que se tratava de um movimento tático e negou as afirmações do adversário de que perdera 600 mortos e 3.000 capturados. Contudo, apesar da vitória, uma tragédia se abateu sobre os iranianos: os quatro líderes militares responsáveis pela ofensiva, e que a conduziram no campo de batalha, morreram num acidente de avião quando retornavam a Teherã.

Em 02 Out, Khomeini indicou para Chefe do Estado-Maior do

FIGURA 6

(63:47)



Exército o General Ali Zahir-Nejad, mas hesitou em nomear um novo Ministro da Defesa. A vitória de Abadan surpreendera o Governo de Teherã. A nova capacidade de operação combinada alarmou-os. O Governo temia um eventual golpe militar.

Uma revivificação da atividade aérea seguiu-se, na qual instalações petrolíferas iraquianas foram atacadas, assim como dois alvos semelhantes o foram no Kwait, o que estendia levemente a guerra do Golfo. O Kwait estava abastecendo o Iraque com produtos refinados do petróleo e se tornara a principal rota pelo Golfo para os suprimentos de guerra daquele país. As forças armadas iranianas pareciam ter tomado o assunto em suas próprias mãos e desdenhado do governo de Teherã. (68:50).

Apesar de os beligerantes não terem nenhuma refinaria de petróleo funcionando e de que o Shatt fora bloqueado, ambos os contendores continuaram a exportar reduzidas quantidades de petróleo: o Iraque por meio de oleodutos passando pela Síria e Turquia para terminais no Mediterrâneo, e o Irã da ilha de Kharg e de Bandar e - Shaipur (redenominada Bandar Khomeini), os quais estavam fora da zona de combate.

Em Dez 81, os iranianos montaram outro grande ataque nas proximidades de Susangerd, desta vez com maior sucesso. Algumas unidades iraquianas, em consequência, entraram em pânico e, em vista desse fato, Saddam Hussein advertiu suas tropas "É importante que não percamos mais nenhuma posição" (31:37).

O crescimento da confiança iraniana culminou na operação nível Corpo de Exército, denominada "Undeniable Victory" ("Incontestável Vitória"), em Mar 82. As unidades iranianas finalmente penetraram através das linhas Este iraquianas de Susangerd, efetivamente isolando as forças iraquianas do Norte das que se encontravam ao Sul do Cuzistão. Em que pese a deficiência constante do apoio logístico e de tática audaciosa, necessária para obter um sucesso decisivo, após uma semana de comba

tes eles conseguiram bater a maior parte de três Divisões iraquianas (31:38).

A "Undeniable Victory" marcou uma mudança fundamental no curso da guerra. A confiança iraquiana ficara abalada extremamente. O Irã por outro lado, fizera 15.000 prisioneiros e capturara e destruíra mais de 700 viaturas blindadas, como resultado de uma operação combinando os esforços de mais do que 10.000 homens do Exército Regular e Pasdarans e Baseeji. A operação ainda deu destaque ao bem sucedido desembarque de comandos iranianos atrás das linhas em Dezful. Esta ação provocou confusão nos iranianos, justamente quando sua situação estava agravada por contínuas falhas em suas informações de combate (31:37 e 38).

Com o sucesso conseguido nesta operação, a iniciativa estratégica passou do Iraque para o Irã(31:38).

À Guerra de Atrição - O Irã prosseguiu em suas investidas, efetuando uma mudança no seu esforço principal, passando-o para a frente Sul, num ataque à guisa de um forcado de três dentes (ataque em três frentes), designado pelo codinome de "Operation Jerusalem" ("Operação Jerusalem"), golpeando o Iraque em Abr 82.

A esse ataque os iraquianos responderam com uma contra-ofensiva no início de Mai 82, defrontando-se com uma forte e obstinada resistência iraniana. Este esforço fracassou porque os iraquianos não foram capazes de obter nenhum progresso significativo. Os iranianos novamente assumiram a iniciativa e retomaram Khorramshahr, naquele mesmo mês.

A guerra começava a dar sinais de estar evoluindo para uma luta de atrito, com os iraquianos numa defensiva crescentemente dura e acoçada. Em uma demonstração, pelo menos aparente, de reconsideração dos propósitos de guerra iraquianos,

Saddam Hussein anunciou, no final de junho, que determinara a retirada de todas as forças do território iraniano - uma tácica admissão de que a guerra não poderia ser ganha.

A paz esperada com essa atitude iraquiana não se efetivou, todavia, visto que Khomeini não apresentou disposição de negociar uma paz imediata. Confirmando esta postura, suas tropas prosseguiram pressionando duramente as frentes Norte e Sul (31:38). Incruentos combates eram noticiados próximos a Qasr e - Shirim, ao Norte. Nas cercanias de Basra, tropas de Pasdaran e Baseeji, à maneira de "vagas humanas", se lançavam em assalto. Os iraquianos enfrentavam o impacto das vagas com pesado fogo de artilharia e metralhadoras. Em Jul 32, eles informaram ter causado a morte de 6.000 iranianos nesses ataques desordenados contra as suas posições fortificadas.

Apesar das enormes perdas sofridas, os iranianos mantiveram-se atacando, e homens velhos e jovens (13 a 19 anos) foram, posteriormente, vistos entre os mortos. Eles prendiam nos pulsos chaves plásticas para o paraíso e usavam sinais, produzidos por matrizes, nas suas túnicas anunciando que tinham "permissão" do Imã Khomeini para entrar no céu. Esses ataques foram realizados com implacável regularidade, por todo o mês de junho. Ao fim de dezoito dias de ininterruptos combates, um número superior a 25.000 fanáticos seguidores de Khomeini haviam sido massacrados, na tentativa da captura de Basra.

A balança do conflito, mesmo em se considerando essas apavorantes perdas de seres humanos, estava pendendo, inexoravelmente, nessa altura, a favor de Khomeini.

No início de agosto, as forças iranianas cruzaram a fronteira e penetraram no Iraque executando um assalto triplo (em três frentes). O Iraque recomeçou seus ataques aéreos as instalações petrolíferas iranianas da ilha de Kharg, com o propósito de interromper sua produção e numa tentativa de envolver na guerra

potências estrangeiras em favor de seus interesses. A exaustão de energias começava a se fazer sentir sobre os iraquianos, e prova disso foi o anúncio de que começavam a se apresentar "voluntários" Jordanianos, egípcios e sudaneses, ao Iraque. Adicionalmente, os iraquianos comunicaram a formação de "brigadas tarefas" especiais, com armamento leve, de voluntários, para suplementar as forças regulares.

As forças de Khomeini mantiveram sob pressão as iraquianas por todo o final de 1982 e 1983, e, embora repelidos com freqüência, amargando sérias perdas, foram eles que estiveram sempre na ofensiva. Os iraquianos, vez por outra, eram obrigados a ceder terreno devido a serem pressionados constantemente. Um evidente exemplo desse fato, foi a ofensiva desencana deada, em Fev 83, por seis Divisões iranianas que redundou num alto custo. Em Jul 83, outra ofensiva empreendida pelos iranianos, na distante frente Norte, conseguiu penetrar 11 milhas no território iraquiano. Em Ago 83, o Iraque retirou-se da frente Central. Em Out 83, o Iraque anunciou ter matado 20.000 iranianos em cinco dias de combate perto de Basra.

Esta fase de atrição, prosseguiu no ano seguinte com os contendores demonstrando capacidade de absorver terríveis castigos sem entrar em colapso. (31:38).

A Procura da Quebra da Paralisação Completa - Em 1984, o Iraque encontrava-se, desesperadamente, em busca de um modo de quebrar a paralisação. Tentaram os iraquianos, inicialmente, aumentar os custos em vidas humanas dos contínuos ataques iranianos. Eles começaram a usar armas químicas, adquirindo centenas de milhões de dólares em armamentos e construindo extensas fortificações e obstáculos para canalizar os assaltos iranianos para o interior das "zonas de destruição" da artilharia pré-planejadas.

Prosseguindo na sua busca persistente para arrastar outros países para o conflito contra o Irã, os iraquianos intensificaram seus ataques aos petroleiros e às instalações de produção de petróleo. Seus aviões de combate Super Etendard, fornecidos pela França, foram empregados pela primeira vez em março, com mísseis Exocet, para atacar um navio tanque grego, próximo à ilha de Kharg. Esta campanha foi marcadamente paradoxal, pois os iraquianos desejavam paralisar o transporte de petróleo iraniano pelo Golfo Pérsico, mas dependia deste também para escoar a sua produção, e recebia mais de um bilhão de dólares por mês por essas exportações. (31:38).

O Iraque não conseguiu obter uma solução, após três anos de luta, e, então, passou a adotar, enfaticamente, uma política de acomodação. Como parte deste procedimento, Saddam Hussein fez uma oferta de encontrar-se, pessoalmente, em um país neutro para negociar a paz. Ao que os iranianos responderam com um ataque e captura da ilha de Majnoon, em Mar 84, onde demonstraram uma elogiável coordenação no emprego de helicópteros, artilharia e embarcações de desembarque.

A Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a ONU divulgaram a confirmação de que os iraquianos estavam usando armas químicas, provavelmente incluindo micotoxinas (chuva amarela), e o Irã preparava-se para dar o troco na mesma moeda (31:38), começando, a montar uma fábrica de produtos químicos, importada da Suécia, que os iraquianos ameaçaram bombardear se não fosse suspensa a sua construção. Rumores agourentos, principiaram a correr de que os iranianos estariam empreendendo esforços clandestinos para desenvolver armas nucleares.

Em meados de 1984, era evidente que os esforços do Iraque para quebrar a completa paralisação não obtiveram êxito. Com efeito, a busca de uma estratégia de "canhões e negociação" tinha empurrando a economia iraquiana para a beira de um colap-



só.

A Grande Ofensiva Iraniana dos Pântanos - Os iranianos estudaram bastante a região pantanosa de Hawizah, próxima a Este da cidade de Uzayr e ao Norte da cidade de Basra. As operações realizadas na área, no ano anterior, haviam convencido o comando iraniano de que as condições pantanosas eram ideais para compensar a vantagem iraquiana de três-para-um em viaturas blindadas e artilharia e sua superioridade de quatro-para-um em aeronaves. Cobrindo mais do que 40 milhas de extensão a região pantanosa tinha profundidade variada de 3 a 10 pés. A manobra era difícil até para veículos anfíbios. O terreno favorecia as mais agressivas tropas iranianas, na sua maioria Guardas Revolucionários (Pasdarans).

Os iraquianos tinham inundado canais e construído imensas fortificações com casamatas e estenderam redes de arame farpado de 50 jardas de cada lado. Em complemento lançaram campos de minas em trechos secos do terreno e montaram posições de metralhadora nas ilhotas existentes nos pântanos.

Em Mar 85, os iranianos desfecharam a ofensiva que foi cognominada de "The Final Battle of Destiny" ("A Batalha Final do Destino"), provavelmente a mais sangrenta e mais decisiva nos quatro anos e meio da Guerra do Golfo (40:32). Os iranianos deslocaram-se à noite enfrentando, logo de início, uma formidável série de defesas ao longo da fronteira, colhendo os iraquianos de surpresa, inicialmente, embora, mais tarde, seus comandantes tenham informado que seus serviços de informações lhes havia prevenido da iminência da operação. (40:33). Ainda à noite, fizeram a transposição dos pântanos, em 5.000 barcos Honda, numa estreita frente, para estabelecer uma cabeça-de-ponte que incluiria a estratégica rodovia que ligava a capital iraquiana de Bagdá à cidade de Basra (40:32). Segundo expo-

sição feita a jornalistas estrangeiros pelo Major General Sultan Hashim, Comandante Iraquiano das Forças de Leste, posteriormente, a tática empregada para fazer face a essa ofensiva já esperada, foi simples e, ao mesmo tempo, mortal. Quando os iranianos atravessassem os pântanos Hawizah e alcançassem terreno seco, os iraquianos retrairiam através do rio Tigre cerca de quatro milhas. Os iranianos, encorajados por sua aparente ruptura das linhas inimigas, precipitar-se-iam, impetuosamente, através de uma estreita frente. Então, quando tentassem transpor o rio para conquistar objetivos que lhes dessem o controle da estratégica rodovia 6 (Bagdá-Basra), cairiam na "Zona de Destruição", onde teriam seus flancos devastados por aviões-bombardeiros e tanques e artilharia das linhas densamente fortificadas iraquianas. "Era uma deliberada armadilha, eu lhes asseguro", disse Hashim. "O inimigo foi contido na Zona que nós preparamos para eles" (40:34). (Figura 7 e 8).

Os iranianos caíram realmente na armadilha e foram martelados por três dias pelos tanques, artilharia e ataques aéreos, finalizando num sangrento combate corpo-a-corpo. Foi um terrível massacre infligido à força iraniana de 53.000 homens, (equivalente a, aproximadamente, 10 Divisões de Infantaria Reforçadas) com baixas de 15.000 mortos e de milhares de feridos.

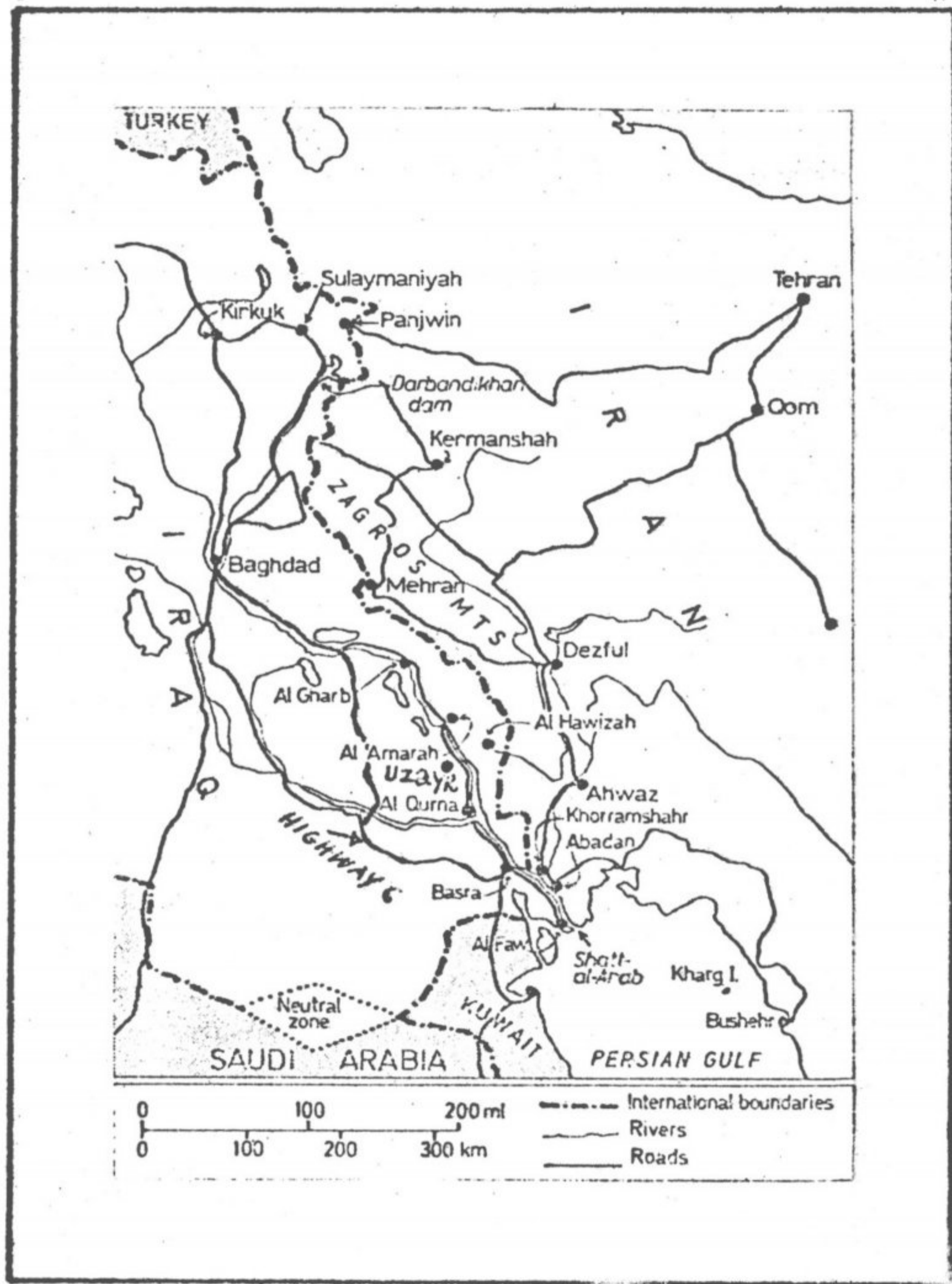
Quando o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Iraquianas, General Abdul-Jawad Zannoun, inspecionou o campo de batalha declarou. "Isto colocará um fim na guerra e completará com êxito a paz", vangloriando-se. "Este era o final da batalha". (40:32). Estas palavras eram demasiadamente otimistas.

A tão propalada invasão pelos iranianos, que a tinham denominado de "A Batalha Final do Destino", poderia ter marcado a última maior esperança de Teherã para obter uma vitória militar completa.

Apesar do desastroso resultado logo surgiram evidências

FIGURA 7

(01:76)



IRAQUE

RIO EUFRATES

RODOVIA 06

BAGDÁ

RIO

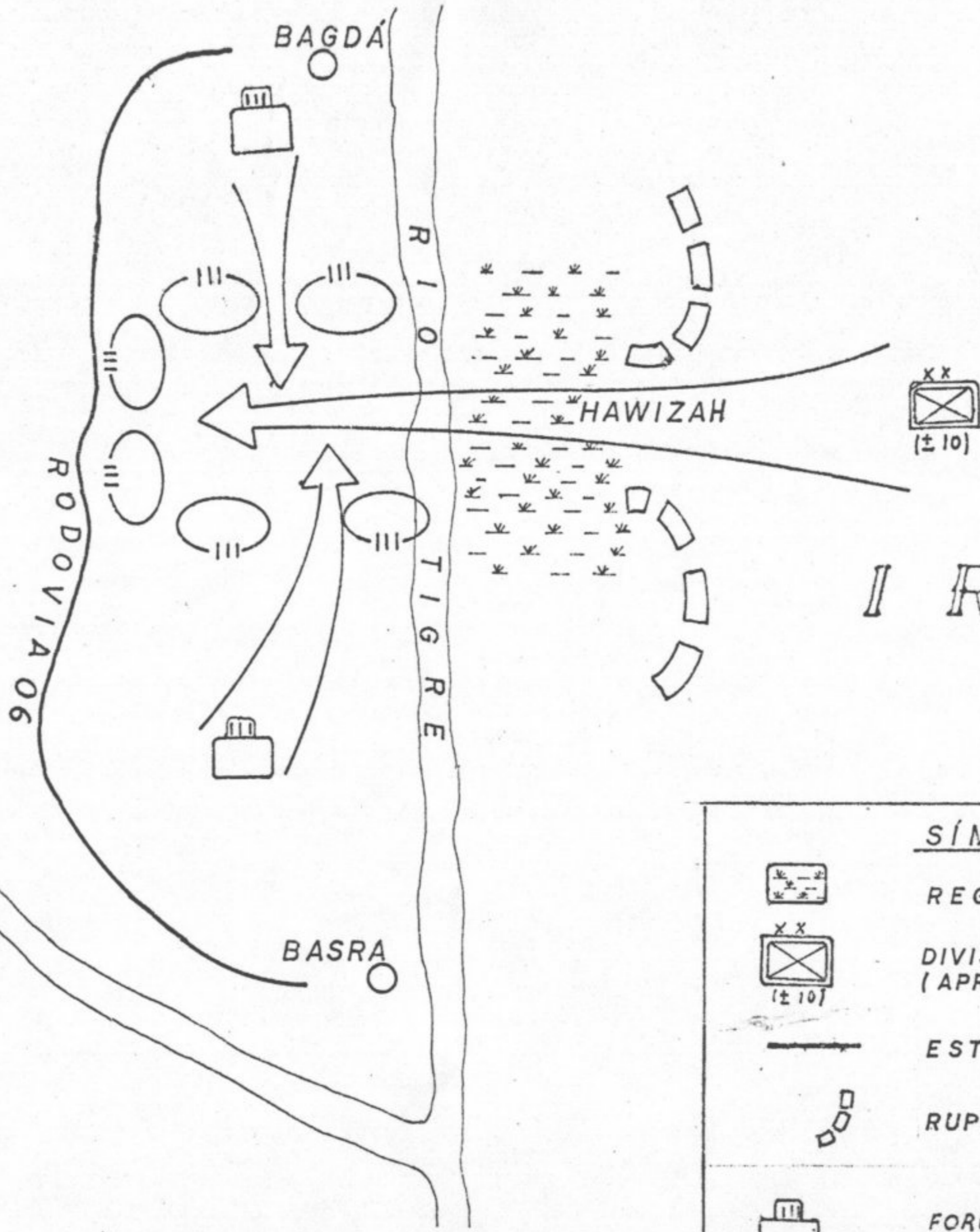
TIGRE

HAWIZAH

BASRA

IRÃ

ESQUEMA DE MANOBRA APROXIMADO DA GRANDE OFENSIVA IRANIANA DOS PÂNTANOS



XX  
(± 10)

SÍMBOLOS	
	REGIÃO PANTANOSA
	DIVISÃO INFANTARIA IRAQUÍTANA (APROXIMADAMENTE 10)
	ESTRADA
	RUPTURA DE POSIÇÕES DEFENSIVAS
	FORÇA TAREFA DE REGIMENTO BLINDADO
	CIDADE

FIGURA 8

de que a guerra não terminaria ali. No ardor da vitória os iraquianos inflamaram-se e, logo em seguida, Bagdá declarou que suas tropas haviam conquistado elevações nas montanhas da fronteira Norte. O governo iraquiano escalou uma campanha de ataques aéreos a objetivos civis, que havia começado duas semanas atrás. Jatos iraquianos bombardearam Teherã e mais doze outras cidades, e Bagdá advertiu todas as aeronaves para permanecerem fora do espaço aéreo iraniano. Em aparente retaliação, explosões abalaram Bagdá e, ainda que o Irã dissesse que as explosões foram causadas por mísseis de fabricação soviética, lançados de longa distância, as autoridades iraquianas insistiram que elas tinham sido trabalho de sabotadores.

Atualmente, o campo de batalha estende-se desde as regiões desérticas do Norte até as úmidas terras pantanosas de fertilidade crescente, ao Sul. Ele está coberto com os corpos de 180.000 mortos de ambos os lados - o dobro dos mortos em todas as cinco guerras árabes-israelenses. Os mais recentes levantamentos indicam 900.000 feridos, alcançando, assim, o total de baixas em mais de um milhão.

A Campanha Naval - A guerra do Golfo tem apresentado um raro exemplo, em recentes anos, de engajamento navio contra navio, de Estados do Terceiro Mundo, empregando meios navais para combater os seus congêneres de outros estados com capacidades consideravelmente modestas, colocando-as em teste. Os contendores dotados com diferentes equipamentos e doutrinas, e com mais potência em suas armas do que as menores marinhas que as antecederam. Há que se registrar que a guerra no mar tem sido um aspecto pouco noticiado no conflito Irã-Iraque, e nas poucas informações tem havido muita controvérsia na exatidão dos dados.

Três parecem ter sido os principais engajamentos navais

envolvendo elementos navais de ambos os adversários e que acarretaram substanciais perdas por um lado ou por ambos. (27: 115). Em 21 <sup>Set</sup> Out 80, primeiro dia das hostilidades, a Agência de Notícias do Iraque informou que navios iraquianos atacaram e destruíram 5 Canhoneiras, após as Forças Navais iranianas terem fustigado navios mercantes de bandeira iraquiana, no Canal do Shatt al-Arab. Foi reportado, também, que outras três canhoneiras iranianas foram destruídas pelo fogo da Artilharia de Campanha iraquiana. A Rádio de Teherã divulgou um comunicado de caráter militar dizendo que as forças iraquianas, igualmente, haviam bombardeado as instalações navais iranianas de Khorramshahr, ao Sul de Abadan. Aparentemente, este ataque era uma represália ao ataque desfechado pelos iranianos sobre a Base Iraquiana de Khor Abdulla, dois dias antes. Tanto as informações iranianas quanto as iraquianas concordavam em que o Iraque perdera um Navio de Patrulha, em ação, em 21 Set.

A segunda maior Batalha Naval ocorreu em 24 Set, quando navios ir<sup>aq</sup>bianos bombardearam a cidade porto de Basra e dois terminais de petróleo: Khor al-Amaya e Mina al-Bakr (Figura 1), fora do porto iraquiano de Fao. O Iraque noticiou que afundara 2 Fragatas e 7 Canhoneiras; e o Irã reportou a destruição de quatro navios iraquianos. A luta intensificou quando, em 25 Set, Canhoneiras e Helicópteros Armados iraquianos informaram ter rechaçado um ataque da Marinha iranianana ao porto petrolífero de Khor Abdulla. De acordo com uma nota da Rádio de Bagdá, 3 Fragatas e 2 Canhoneiras iranianas haviam sido afundadas. Um dia mais tarde, a Rádio de Teherã comunicou que "durante as últimas 24 horas as forças iranianas tinham destruído 6 Navios Lançadores de Mísseis iraquianos e duas "outras lanchas" enquanto admitiam a perda de 2 Canhoneiras e 1 Navio Varredor. Não ficou claro onde os choques navais ocorreram, como também é possível que esta informação fosse a versão iranianana

do evento em Khor Abdulla.

A maior batalha naval, segundo os próprios beligerantes, ocorreu durante 48 horas, no período de 29-30 Nov. O Irã disse que foi travada perto de Fao e do Terminal Marítimo Externo de Mina al-Bakr. A Rádio de Bagdá comunicou a destruição de 3 navios de guerra iranianos, durante o assalto inicial, e fontes militares iraquianas, posteriormente, reivindicaram a destruição de 1 Fragata iraniana. Por seu lado, os iranianos disseram ter afundado 4 Navios Lançadores de Mísseis e 7 Canhoneiras. Além disso, Teherã anunciou que Comandos Iranianos devastaram Mina al-Bakr e içaram a bandeira da República Islâmica sobre as suas facilidades para exportação de petróleo. Os iraquianos negaram que o Terminal Petrolífero tivesse caído e afirmaram que numa ação combinada da Marinha e Força Aérea, com completo sucesso, haviam repellido esse assalto. No que pareceu ser uma represália, quatro dias depois Forças Navais iraquianas informaram ter atacado as instalações e a entrada do Canal de Khor Musa, dizendo terem colocado sob o fogo 4 navios de guerra iranianos.

Lamentavelmente, nenhuma das notícias publicadas deu qualquer informação sobre as armas empregadas nas operações navais. E se os mísseis superfície-superfície (MSS) das "Osa" iraquianas e dos Contratorpedeiros, Fragatas e Lanchas Rápidas de Ataque foram usados, e para quê efeito, para que pudessem ser avaliados. Nada, também, pôde ser concluído a respeito das táticas empregadas. Pelo que pôde ser percebido nas entrelinhas, a vantagem aparentou ter-se inclinado para as forças que atacavam; a surpresa e a concentração de forças denotaram ser os fatores chaves na consecução do pleno sucesso das operações.

À medida que a guerra se desenrolava ficou evidenciado, pouco a pouco, um melhor desempenho iraniano. No que diz res-

peito ao Iraque, ficou claro o erro cometido em não ter pressionado sua ofensiva inicial mais profundamente, pois com a ajuda da Força Aérea, poderia ter derrotado a Marinha Iraniana nas duas primeiras semanas (27:116).

Os iraquianos, treinados pelos soviéticos, devem ter sido influenciados por uma rigorosa aderência a planos táticos pre-determinados, o que lhes cortou a capacidade de iniciativa subseqüentes, a despeito do sucesso conseguido inicialmente.

Numa cuidadosa verificação interpretativa das perdas de navios reivindicadas pelos beligerantes, no período de 22 Set 80 a 22 Abr 81, constata-se que ambos os lados foram seriamente afetados. Considerando, e dando fé aos relatos, o Irã perdeu mais de 76 navios operativos de vários tipos, ou seja, o correspondente a 56% de sua frota. O Irã teve perdas menores, 42, mas que representaram 66% de seus navios. Essas perdas incluem os navios que foram destruídos por outros meios como aeronaves, artilharia e, pelo menos em um caso, por tropas.

Enquanto os engajamentos navais tinham como palco a parte mais ao Norte do Golfo, a diplomacia naval empenhava-se em outras partes da região. Em consequência do tamanho e da credibilidade ao tempo do Xã, a Marinha Iraniana era a mais profissional e beneficiária dessa variante não-violenta da estratégia naval.

Assim, no dia 22 Set, a rádio de Teherã anunciou que todas as hidrovias perto das costas iranianas estavam declaradas como Zonas de guerra e que o Irã não permitiria a qualquer navio mercante transportar carga para portos iraquianos. No dia seguinte, relato atribuído a uma fonte de informação vinculada a Washington dava conta de que 2 Fragatas iranianas estavam patrulhando o Estreito de Ormuz, mas não interferiam com a navegação. Uma companhia de petróleo afirmou que um de seus navios passara pelo estreito sem acidentes, mas que os navios



de guerra iranianos estavam advertindo todos os navios para que não fossem para o Iraque.

Subseqüentemente, Teherã principiou a disseminar advertências para que outras nações não se intrometessem na guerra, pois, caso isso viesse a acontecer, estabeleceria o bloqueio de Ormuz, ao invés de limitar-se a controlar o seu tráfego.

Mais tarde, os países do Golfo Pérsico foram alertados de que se continuassem a dar abrigo aos navios iraquianos a Marinha Iraniana levaria a guerra a suas águas territoriais, destruindo os navios inimigos onde estivessem.

Sendo informada de que estava em curso uma possível formação de uma Força Naval Internacional para manter Ormuz aberto, o Irã não pouparia esforços para manter aquela via marítima em funcionamento.

Algumas semanas mais tarde, em 14 Out 80, Teherã reiterou suas ameaças de que tomaria medidas drásticas e que poderia até minar o Estreito de Ormuz, caso outros estados do Golfo dessem ajuda ao Iraque.

Numa mostra aparente de mudança de posição, em 22 Out, Teherã comunicou ao Secretário Geral da ONU, Kurt Waldheim, que manteria o estreito livre à navegação. Na ocasião, negou "certos rumores" de que o Irã pretendia bloquear as áreas vitais produtivas de petróleo. (27:116).

A tática iraniana de ameaçar e depois tranquilizar embutia o objetivo de impedir a ajuda militar aos iraquianos, por parte de outros países do Golfo, e a intervenção em Ormuz por uma Força Tarefa de potências de fora da região.

Conquanto as lições resultantes da observação dos aspectos navais da guerra embora ainda possam permanecer expostos à especulação, até que melhores esclarecimentos surjam no decorrer dos acontecimentos, é possível nesta altura trazer à tona três tentativas de conclusão. (13:116 e 117). A primeira,

é de que relativamente baixos níveis de capacidade naval têm demonstrado utilidade para os contendores numa limitada guerra entre dois estados do Terceiro Mundo. Isto porque, se os iraquianos não possuíssem Marinha, a Marinha Iraniana poderia operar com virtual impunidade contra portos e instalações petrolíferas perto ou não da costa, poderia ter apresentado uma oposição imensa à travessia, assalto e operações logísticas no ou perto do Shatt al-Arab, e poderia, da mesma forma, ter infligido um maior dano na totalmente desprotegida frota mercante iraquiana. Se Bagdá não possuísse uma pequena ou nenhuma Marinha, é provável que um maior número de aeronaves da Força Aérea Iraquiana teria sido empregado contra a Marinha iraniana. Considerando-se esta especulação válida, torna-se compreensível imaginar que a posse pelos iraquianos de uma Marinha de capacidade razoável poderia ter liberado elementos da sua Força Aérea para outras missões e, em decorrência, teriam sido evitadas algumas perdas de aeronaves abatidas pelos mísseis superfície-ar de Navios Lançadores destes artefatos.

Por outro lado, se os iranianos não dispusessem de uma Marinha ou se a mesma tivesse chegado a um ponto de deterioração que se tornasse não operacional, as unidades navais iraquianas ficariam numa situação privilegiada para atacar portos e instalações por toda a extensão da costa iraniana e, conseqüentemente, negariam a Teherã muitos de seus abastecimentos e a exportação de petróleo obtidos no baixo Golfo, assim como também compensariam certas vantagens conseguidas contra os demais estados do Golfo.

Uma segunda conclusão é que as Marinhas não desenvolvidas são portadoras de determinadas características de flexibilidade comuns nas marinhas de maior nível. Este fato ficou evidenciado, aparentemente, como fruto das observações que seguem: diplomacia coercitiva (patrulha iraniana do Estreito de Ormuz

e ameaças aos estados do Golfo); ressuprimento logístico (a manutenção iraniana de Abadan, quando sitiada); bombardeio naval das costas (ambas as marinhas operando no Shatt al-Arab e ao longo da costa); operações anfíbias (assalto iraniano sobre Mina Al Bakr), e a evidência de desembarques iraquianos para estabelecimento de cabeça-de-ponte, através de transposição de curso d'água na batalha pela conquista de Korranshahr e Abadan; operações conjuntas com componentes aéreos e artilharia (ambas as marinhas) (13:117).

A terceira conclusão é a mais evidente, por ser auto-explicativa: as marinhas de menor porte apresentam capacidade limitada. Certos conceitos interessantes podem ser levantados nesta infundável guerra: Quanto pequeno é o muito pequeno? Quanto o grande é muito grande? O que se deduz dessas frases interrogativas é que a Marinha Iraquiana era muito pequena para desafiar mesmo uma Marinha Iraniana estropiada no baixo Golfo e, também, para manter rotas de navegação abertas. Era grande, entretanto, o bastante para apresentar um razoável desempenho no Norte do Golfo. No que tange à Marinha Iraniana, pode-se dizer que era também pequena para bloquear os portos de Ácaba e do Mar Vermelho, os quais sustentavam a máquina de guerra iraquiana; e seu tamanho pequeno não comportava a capacidade necessária para bloquear o Estreito de Ormuz.

Os meios flutuantes que o Irã e o Iraque possuíam no início da guerra encontram-se apresentados nos ANEXOS A-4 e B:A-13 a 18, e ANEXO A-5 e B:A-13 a 20, respectivamente. Os meios do Irã apoiavam-se nas Bases Navais de Bandar Abbas, Busheir, Ilha de Kharg e Khorramshahr; já os meios do Iraque encontravam suporte nas Bases Navais de Umm Qasr e Basra.

## CAPÍTULO 4

### O IMPACTO SOBRE OS PAÍSES DO GOLFO

Quando a guerra eclodiu em 1980, os demais estados do Golfo defrontaram-se com uma difícil escolha. Eles temiam as consequências da revolução iraniana, e o proselitismo do Aiatolá Khomeini, sobre suas próprias sociedades. Por outro lado, a perspectiva de que o Iraque viesse a assumir uma posição de preponderância não os deixava tranquilos. Contudo a ameaça que o Iraque representava era incomparavelmente menor do que a iraniana.

Como fruto dessa avaliação e, mais ainda, a percepção de que o Iraque poderia ser bem-sucedido na guerra, os estados do Golfo inclinaram-se para o lado do Iraque assumindo compromissos financeiros para apoiá-lo na edificação do seu arsenal militar e no atendimento às necessidades sociais do seu povo. Isto, entretanto, não impedia a existência de uma contínua apreensão de que a escalada do conflito pudesse prejudicar, diretamente, os estados do Golfo. Porém, como a guerra se arrastava sem uma vitória reveladora, nem expansão adicional para outros estados, os estados do Golfo procuraram isolar-se da guerra. Embora continuassem a contemplar o Iraque com assistência financeira, passaram a negligenciar outros aspectos da sua cooperação. Sua esperança era de que o Irã e o Iraque terminassem a guerra de tal forma enfraquecidos e exauridos que ficassem incapacitados de ameaçar a sua segurança(91:78 e 79).

Jogando com a possibilidade de que este resultado não chegasse a se materializar, os estados do Golfo continuaram seus próprios esforços em cooperação e aceleraram o estabelecimento do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) em maio de 1981. O CCG incluía como membros: a Arábia Saudita, o Kwait, o Bahrein, o Catar, Omã e os Emirados Árabes Unidos. O Iraque, não

tendo sido convidado para integrar-se ao grupo, alertou que o CCG poderia minar a Liga Árabe e prejudicar a cooperação entre os árabes, porém não tomou nenhuma atitude que pudesse vir a frustrar a sua criação. Já o Irã tratou o CCG com desprezo, as severando que nenhuma organização formada poderia desfrutar de credibilidade se não incluísse o Irã, o maior e mais populoso estado da área. Todavia, ele também não poderia impedir o estabelecimento do Conselho (91:79; 43:61).

Com o advento dos ataques, por parte de ambos os beligerantes, à navegação no Golfo, os estados membros do CCG perceberam a necessidade de dedicar maior atenção às suas próprias capacidades de defesa. Assim, em Jan 84, um negócio de armamento no valor de UR\$ 4,5 bilhões entre a Arábia Saudita e a França foi anunciado - envolvendo, principalmente, equipamento de defesa aérea- e manobras conjuntas de forças aéreas foram executadas por Bahrein e Catar, e pela Arábia Saudita e Kwait. Em Mar 84, o Kwait iniciou um plano de mobilização pública para testar a sua capacidade de defesa, e o Rei saudita Fahd divulgou que se país estava exami<sup>ando</sup> a possibilidade de introduzir a conscrição (42:68).

Estas ações pretendiam, presumivelmente, alertar o Irã de que se a guerra se estendesse, envolvendo a Arábia Saudita e o Kwait, uma oposição estava pronta para levantar-se. No entanto, eles claramente falharam, pois nada fizeram quando em resposta ao ataque aéreo iraquiano aos navios próximos dos depósitos iranianos na Ilha de Kharg, as aeronaves atacaram um petroleiro saudita no litoral da Arábia Saudita, em maio, e o Kwait reclamou que dois de seus petroleiros haviam sido atacados, similarmente, na mesma semana. Em consequência, a Administração Reagan comunicou ao Congresso americano que pretendia restaurar seu oferecimento inicial para a venda à Arábia Saudita de 1.200 mísseis anti-aeronave Stinger e, imediatamente, despa-

char um carregamento de emergência de 400 mísseis e 200 lançadores. O Kuwait solicitou, informalmente, que os Estados Unidos o suprissem, também, com Stinger. Apesar das advertências da Arábia Saudita de que se protegeria ante qualquer violação de seu espaço aéreo, em 5 Jan, em seu primeiro envolvimento militar direto na guerra, os sauditas abateram duas aeronaves iranianas. Neste mesmo mês, mais tarde, a Arábia Saudita emitiu um comunicado informando que interceptaria qualquer aeronave ameaçadora mesmo fora dos limites territoriais que, posteriormente, veio a ser chamado de "linha Fahd" (42:68; 34:56). Em junho, no seu primeiro incidente do gênero no baixo Golfo, um navio do Kuwait foi atacado próximo a Catar. Os ministros do CCG condenaram o ataque mas foram cautelosos em não culpar, nominalmente, o Irã; mas os Chefes de Estado-Maior dos seus membros reuniram-se em Riad para discutir medidas a serem adotadas de caráter conjunto, para proteção da navegação no Golfo. As injunções do Kuwait para adquirir os Stinger dos norte-americanos não lograram êxito; e, embora estes tivessem anunciado que forneceria um outro equipamento dentro de um plano no valor de US\$ 32 milhões, o Kuwait não se sentiu seguro e, em julho, seu Ministro da Defesa conseguiu negociar em Moscou um fornecimento de armamentos no valor de US\$ 325 milhões (42:68).

Quando o CCG foi criado os estados membros procuraram enfatizar apenas as suas finalidades políticas, sociais e econômicas; nem a defesa nem a segurança interna foram explicitadas nos seus Estatutos. Contudo, a guerra do Golfo aguçou a consciência da sua vulnerabilidade e levou esses estados a reconsiderarem sua inicial relutância para discutir sua defesa mútua. Seus Ministros da Defesa encontraram-se pela primeira vez em 1982 e seus Chefes de Estado-Maior têm-se encontrado, desde então, muitas vezes; e em outubro de 1983 e 1984, foram realiza-

dos exercícios militares conjuntos. Em decorrência das crescentes preocupações com sua capacidade militar foi comunicada em Dez 84 a formação de um Comando Militar Conjunto de Força, denominado "Península Shield" (Escudo da Península). Esta força, também de Deslocamento Rápido (FDR), seria constituída com elementos das forças armadas de todos os países membros, teria um efetivo de 1.200 homens e ficaria sob o Comando de um general saudita (21:159 e 160; 42:68).

A cooperação de defesa que vinha tendo um desenvolvimento muito lento desde 1980, sofreu uma aceleração durante o período 84/85 motivada por duas razões principais. A primeira, foi a intensificação das retaliações iranianas sobre a navegação dos membros do CCG em contra-posição ao ritmo dos ataques iraquianos sobre a navegação iraniana (e navegação de comércio com o Irã) em grau crescente. Tudo indica que o Iraque pretendia não apenas infligir danos econômicos ao Irã - e, desse modo, forçar Teherã a negociar o fim da guerra-, mas, também, e mais importantemente, para afetar os interesses internacionais, impelindo as potências exteriores a imaginar um modo de por fim à guerra. A segunda razão, fundamentou-se na incredulidade de que as potências externas ao Golfo tomassem alguma providência visando o término da guerra e na impotência dos não-alinhados ou dos próprios estados do Golfo, para persuadirem o Irã a limitar suas atividades militares e, desse modo, abrindo espaço para as negociações. (42:69).

A guerra no Golfo não mostra sinais de findar logo, e quanto mais se prolongue, tanto mais as pressões dela emanadas conduzirão os membros do CCG à ação conjunta para a sua defesa mútua.

## CAPÍTULO 5

### A POSIÇÃO DAS SUPERPOTÊNCIAS

O conflito entre o Irã e o Iraque veio demonstrar que as superpotências não conseguem mais modelar o mundo ao sabor dos seus interesses. Este fato vem se delineando desde a guerra do Vietnã. Isto porque os Estados Unidos (EU) não possuem laços diplomáticos com o Iraque e com ele mantêm relacionamento considerado pouco amistoso; no que concerne ao Irã, suas relações foram cortadas a partir do episódio em que foram sequestrados seus diplomatas e postos como reféns. Com a eclosão do conflito, e a latente ameaça ao fluxo de petróleo para o Ocidente, os EU não efetuaram nenhum contato direto com o Irã; com o Iraque foi feito apenas um contato com um funcionário, de pouca expressão, com credenciais junto à Embaixada da Índia em Washington, sem nenhum resultado.

A União Soviética (URSS) possuindo um tratado de amizade e cooperação com o Iraque, mas ao mesmo tempo tentando aproximar-se do Irã, manteve-se numa corda bamba, entregando-se a equilíbrios em sua retórica e em seus tratos diplomáticos, e declarou-se neutra, passando à velha sistemática de acusações aos EU (13:35).

Agora, passados mais de cinco anos de guerra, nenhuma das superpotências demonstrou capacidade para influir no curso da guerra, embora ela não tenha acarretado efeitos adversos de grande significação sobre as suas pretensões no Oriente Médio. As duas têm-se visto envolvidas em problemas da mesma espécie propiciados pelos beligerantes. É comum o reconhecimento de que o prosseguimento da guerra redundará em riscos para outros estados do Golfo, com implicações imprevisíveis. No entanto, preferem a sua continuação visando evitar que uma vitória possa estabelecer uma mudança radical do poder pré-guerra no



Golfo.

Com a deflagração da guerra, os EU foram tomados por duas preocupações: garantir que o Iraque, cuja inclinação para a URSS a longo tempo se revelava, não viesse a ser bem sucedido em suas ambições; e manter os outros estados do Golfo a fastados do envolvimento na guerra. Tendo ficado evidente a não pendência da balança para favorecer a algum dos contendores, os EU passaram a visualizar os benefícios que poderiam advir de um conflito de desgaste, que, conseqüentemente, resultaria num enfraquecimento dos adversários e marcaria a sua influência na região. Nutria-se a esperança de que as nuances da guerra acabariam por acelerar o retorno do Iraque para a órbita ocidental; havia também a expectativa quanto aos demais países do Golfo que, atemorizados pelas ameaças da guerra, provavelmente, procurariam o suporte e a proteção dos estadunidenses.

A URSS ficou numa posição inconfortável e repleta de dúvidas, pois, sendo o Iraque seu aliado, era óbvio que Bagdá esperaria poder contar com a sua ajuda, e ela se preocupava, veementemente, com uma não-descartável mudança de alinhamento favorável ao Ocidente. Os soviéticos estavam convencidos de que o Irã, na qualidade de país revolucionário e anti-imperialista, certamente iria contrariar os interesses do Ocidente no Golfo; e, por isso, não perderam as esperanças de estabelecer relações mais concretas com Teherã. Baseados nessa conveniência, apesar da sua propalada neutralidade, os soviéticos favoreceram até certo grau os iranianos(91:80).

Com a perseguição movida, implacavelmente, a partir de 1983, pelos iranianos aos sectários do Partido Comunista do Irã (Tudeh), a atitude soviética tendeu a modificar-se. Moscou também depreendeu que a luta contra o Iraque impedia o Irã de prosseguir apoiando os rebeldes afegãos e de tentar exportar a

revolução islâmica para a população muçulmana soviética. A URSS deixou em plano secundário a fé que depositava no Irã e voltou-se mais firmemente para o Iraque visando a aparar arestas e, como resultado, aumentou o seu suprimento de armas para Bagdá.

As atividades terroristas de inspiração iraniana levadas a efeito no Líbano e no Golfo, contribuíram para alterar levemente a posição americana de absoluta neutralidade. Para essa modificação têm colaborado, adicionalmente, pressões da França, que tem grandes compromissos com o Iraque, assim como os países árabes moderados. Todavia, o dilema estratégico dos EU perdura: como evitar um colapso do Iraque sem provocar, em contrapartida, uma alienação do Irã que o impila para a URSS ? (91:80).

A despeito da posição de neutralidade das superpotências nos últimos anos, e até o presente momento, tanto a URSS quanto os EU, segundo um documento preparado pela Comissão de Relações Exteriores do Senado dos EU, têm apoiado o Iraque.

Os soviéticos têm mantido seu fornecimento de armamentos - em 1983 supriram os iraquianos com novos tanques T-72 e sofisticados caças MiG - e os americanos vêm prestando seu apoio não só como no caso de Presidente Regan, mas, também, em concessão de quase 1 bilhão de dólares em créditos para facilitar a compra de produtos agrícolas e a decisão de financiar, através do Export Import Bank (Eximbank), 85% dos gastos para a construção de um novo oleoduto iraquiano que passará pela Jordânia e que tem custo total avaliado em 570 milhões de dólares (39:18).

Tanto os EU como a URSS continuam a manter Forças Navais na região do Golfo (48:63). E quando os iranianos ameaçaram em 1983 que fechariam o estrito de Ormuz à navegação, suscitaram um pronunciamento do Presidente dos EU no qual afirmou

que manteria o estreito aberto, para o escoamento do petróleo e se fosse preciso usaria suas forças navais, o que reenfatizou em 22 Fev 84 (16:216; 21:151).

As duas superpotências compartilham objetivos comuns na região: ambas apóiam (os EU, veladamente) o Iraque, mas preferem uma solução negociada. Esta saída, entretanto, ainda é uma possibilidade remota, porque a guerra além de passar por periódicas escaladas na frente de combate, transformou-se, também, em conflito pessoal entre o Presidente Saddam e o Aiatolá Khomeini, sem condições de ser superado enquanto os dois permaneceram vivos.

Segundo o ex-Secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, "a solução perfeita para guerra do Golfo Pérsico seria a derrocada de ambos os lados, Irã e Iraque" (90:15; 36:29). Esta frase reflete, na verdade, o desejo da quase totalidade dos envolvidos em uma crise cujo desfecho não apenas preocupa, mas claramente inquieta o mundo.

Defrontando-se com maior ou menor número de problemas e dificuldades, parece óbvio, todavia, que as duas superpotências já identificaram o vilão da área - o Aiatolá Khomeini - que se nega totalmente a fazer o jogo por elas conduzido. Por via de consequência, ambas trabalham com empenho para o seu isolamento e queda, e o tem feito de uma forma tal que têm sido levantadas suspeitas de haver entendimentos secretos; contudo essas suspeitas são minimizadas ou eliminadas pelos conflitos de interesses. Pelo visto, o caminho para esse desfecho parece já ter sido encontrado: distanciar a Síria, atualmente o único aliado que sobrou ao Irã. Para alcançar esse fim a URSS atua diretamente sobre a Síria, e os EU através da Arábia Saudita. Sem o apoio da Síria o Irã poderá capitular, e, paralelamente, debilitando o Iraque talvez o vaticínio de Kissinger venha a se concretizar.

## CAPÍTULO 6

### A INFLUÊNCIA SOBRE O MERCADO MUNDIAL DE PETRÓLEO

Quando a guerra entre o Irã e o Iraque iniciou colocou o mundo inteiro alarmado. Após o boicote árabe de 1973, era a primeira vez que a produção petrolífera do Oriente Médio ficava paralisada em seu ponto vital, pois refinarias inteiras, com plexos petroquímicos, terminais petrolíferos, poços de produção e oleodutos eram tragados pelas chamas nos dois países beligerantes e jaziam inutilizados. Conquanto, severamente atingido, o Irã conseguira duros golpes no Iraque atingindo a veia jugular econômica do seu inimigo e obrigando-o a suspender, totalmente, suas exportações petrolíferas. Pode-se deduzir o quanto isso foi desastroso ao se verificar que o Iraque era o quarto produtor e o segundo exportador de petróleo do mundo, com mais de 3 milhões de barris diários, e, ele e o Irã, eram responsáveis por 20% das vendas de toda a OPEP. Incluído nesse percentual estava o Brasil com aquisições de 400.000 barris diários, que significavam metade de suas importações e mais de um terço de todo o seu consumo. Co-participantes desse cenário eram a França, Itália e Japão, que se provisionavam de um quantitativo da ordem de 50% de suas necessidades de petróleo provenientes do Iraque. (13:31 e 32).

Com o ataque iraniano ao superpetroleiro Yanbu Pride, em maio de 1984, navio de bandeira saudita que transportava petróleo do Kwait (930 mil barris de petróleo bruto) para o Brasil, quando atravessava o Golfo Pérsico, próximo ao porto Ras Tanura, da Arábia Saudita, viu-se o mundo imediatamente alarmado. Esse era o nono ataque aéreo contra petroleiros no Golfo. Era evidente que se abrisse uma nova e potencialmente explosiva frente nessa guerra que já se prolongava para perto de quatro anos. O conflito agora parecia desdobrar-se para arrastar ou-

tros países do Golfo (31:56).

A preocupação que se propagou mundo afora na esteira do incidente foi incrementado quando o Embaixador saudita em Washington, o príncipe Bandar Bin Sultan, ao entrevistar-se com o Secretário de Estado George Schultz, entregou-lhe uma mensagem do Rei Fahd, asseverando que no próximo ataque iraniano a seus navios eles responderiam militarmente (34:56).

Esses bombardeios à navegação, e principalmente, aos superpetroleiros de qualquer bandeira, continuaram redundando em frenéticas negociações envolvendo os ricos produtores de petrôleo da região conflagrada, os Estados Unidos (EU) e as Nações Unidas.

Embora o Iraque já tivesse bombardeado mais de 60 navios desde 1981, afetando interesses de países que não tem a ver com a guerra, inclusive o Brasil, a intensificação dos ataques que se seguiram, somados aos protagonizados pelos aviões iranianos agravaram grandemente a tensão na área. A agressividade chegou a um ponto tal que parecia iminente uma intervenção americana - que não aconteceu. Apesar do recebimento de apelos, advertências e pressões, os beligerantes não se detiveram.

O plano iraquiano, nesses bombardeios, era bloquear a ilha de Kharg, o maior terminal de exportação de petróleo iraniano, não hesitando atacar todo e qualquer petroleiro que se aproximasse da região. Diante do vácuo econômico em que caiu o Iraque, o Presidente Saddam concluiu que o Irã só poderia ser contido se não pudesse mais exportar seus 1,6 milhões de barris diários de petróleo através do Golfo. Com esta ação pretendia que governos mais fortes impelisses o Irã para a mesa de negociações. O Irã, por seu lado, limitou seus ataques a navios que envolvessem interesses da Arábia Saudita e Kwait, considerados por Khomeini como aliados notórios do Iraque (43:

32 e 33).

Quando o Iraque anunciou que iria usar os aviões Super Etendard equipados com mísseis Exocet (usados com eficácia na Guerra das Malvinas) contra as instalações petrolíferas iranianas e a navegação no Golfo, teve como contrapartida a ameaça do Irã de que iria fechar o estreito de Ormuz à navegação (53:25). O Presidente Reagan emitiu um comunicado afirmando que a navegação pelo estreito de Ormuz seria mantida e, caso fosse necessário, com o uso da sua Força Tarefa postada na boca do Golfo, tendo como capitânea o Porta-Aviões Kity Hawk, a qual estava preparada para fazer cumprir essa determinação (21:151) (43:33).

Toda essa preocupação em torno da navegação dos superpetroleiros no Golfo e sua passagem pelo estreito de Ormuz, em segurança, se deveria, à grande dependência que existia, há um decênio, de três grupos de nações que temiam o fechamento dessa estratégica passagem estreita de 3,5 Km que se abre ao Sul do Golfo Pérsico, em direção aos mares quentes. Ter Ormuz, significa controlar a navegação no Oceano Índico, de uma parte para a América do Norte e a Europa Ocidental, via rota do Cabo e, de outra parte, para o Japão.

Em favor da sua política energética, estas nações têm procurado por um fim à evolução dos preços de petróleo. O quadro abaixo bem expressa o nível de seu consumo.

Consumo em 1984 (em milhões de toneladas)

América do Norte 791

Europa Ocidental 576

Japão 183

---

1.550

Somente elas representam 54,5% de todo o consumo mundial e 71% do consumo do mundo livre (16:215).

Considerado por muito tempo como a "veia jugular" do Oci-

dente, pelo fato de por ali passarem cerca de 40% do petróleo consumido pelo mundo não-comunista incluindo, aproximadamente, um terço das importações dos Estados Unidos (85:8), ainda em 1985 condiciona por volta de 20% do abastecimento do mundo livre. Este último percentual é devido, primordialmente, a numerosas medidas adotadas para reduzir sua importância.

Desta forma, os Estados Unidos criaram uma importante reserva estratégica governamental - Reserva Estratégica de Petróleo - da ordem de 56 milhões de toneladas que somadas às das companhias petrolíferas, perto de 135 milhões de toneladas, coloca os estoques americanos num patamar correspondente a um ano de importações. Acresça-se a esta providência, a diversificação das fontes de abastecimento, situadas, atualmente (1985), em torno de 86% fora do Oriente Médio, que permitirá à economia americana suportar o fechamento de Ormuz por mais de dois anos, sem prejuízo (50:215).

No que se refere à Comunidade Econômica Européia, não existe nenhuma providência que se assemelhe à estadunidense. Contudo, a produção em ascensão do petróleo do Mar do Norte, combinada com a nuclear e do gás assim como os efeitos conjugados da crise e dos investimentos econômicos na energia, têm provocado a queda das importações de petróleo de 622 milhões de toneladas, em 1973, para 317 milhões em 1984. Todavia, em que pese uma melhor diversificação de suas fontes de abastecimento e, em consequência, uma diminuição na sua dependência ao Oriente Médio de 45,5%, em 1973, para 11,6% em 1984, a Europa permanece insuficientemente preparada para um terceiro choque petrolífero - seus estoques são apenas superiores a 90 dias de importações. (16:216).

Quanto ao Japão, observa-se que um maior grau de aproveitamento da eletricidade nuclear, a utilização maciça de gás e carvão associados, às economias de energia e à construção de

estoques estratégicos (logo elevados a quatro meses de consumo), têm fortemente reduzido a vulnerabilidade energética do país frente ao petróleo do Oriente Médio (55,2%, 1973; 36,6%, em 1984) (16:216).

Pode-se dizer que o estreito de Ormuz não é mais a "veia jugular" como era considerada a alguns anos atrás. A maioria das novas reservas de óleo descobertas nos cinco anos passados têm sido fora do Oriente Médio: México, Indonésia, Norte do Alaska e Mar do Norte. O mundo está flutuando em reservas de petróleo que nunca se imaginou existirem.

Países endividados, como o México e a Nigéria, estão ansiosos por vender seu petróleo e a preços mais reduzidos, o que tem contribuído para erosão da disciplina férrea do cartel da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) (31:41).

Assim os países do cartel da OPEP estão na defensiva. A sua balança de comércio exterior acusa um desequilíbrio crescente: 7 bilhões de dólares em 1982, 33 em 1983, 35 em 1984, e, provavelmente mais de 50 bilhões em 1985. Esta degradação contínua tem conseqüências prejudiciais para seus programas de reequipamento. A Arábia Saudita não poderá continuar a desempenhar, sozinha, o papel de reguladora de baixa, reduzindo sua produção para manter os preços. Quanto aos demais membros da OPEP, eles não possuem mais recursos financeiros para reduzir mais os seus. A OPEP, por conseguinte, rachou-se rapidamente.

Em contrapartida, assiste-se a uma subida de poder dos países produtores de petróleo não pertencentes à OPEP: a Grã-Bretanha, a Noruega, o México, o Egito, cujas exportações acabam retaram a queda da participação da OPEP, na produção mundial, de 53,5%, em 1973, para 31,6%, em 1984 (16:213).

Os inconvenientes de uma baixa acelerada nos preços do pe



tróleo manifestaram-se, presentemente, em muitas áreas importantes das economias ocidentais.

Os lucros das grandes companhias de petróleo estão erodindo rapidamente. Uma amostra deste fato foi que o primeiro semestre de 1985 apresentou resultados que denotaram uma diminuição em seus lucros (de até 50% por catorze companhias americanas em vinte). A necessidade de manter as reservas mundiais em um nível de segurança adequado os obrigou a procurar os petróleos cada vez mais caros (petróleos dos mares profundos ou petróleos pesados, jazidas menores, recuperação assistida nas jazidas existentes, etc...). Tudo isto, porque eles não têm interesse em ver desabar o preço do barril. As necessidades em capital da indústria petrolífera do mundo livre foram avaliadas em agosto de 1983, pelo Chase Manhattan Bank, como se segue: (em bilhões de dólares).

1981	1985	1990
<u>139</u>	<u>132</u>	<u>230</u>

Sem margens de lucros suficientes, todo o abastecimento energético do mundo livre ficará comprometido a longo prazo (16:218 e 219).

## CAPÍTULO 7

### REFLEXOS SOBRE OS INTERESSES BRASILEIROS

Sete anos após o boicote árabe de 1973, a produção de petróleo do Oriente Médio viu-se interrompida bem em seu centro, pelo bombardeio aéreo de instalações petrolíferas, terminais, oleodutos etc, com o irrompimento da guerra Irã-Iraque. Esses ataques às fontes petrolíferas e instalações de dois dos cinco maiores produtores de petróleo do mundo não teria<sup>m</sup> resultado ad<sup>ndo</sup> tritos, como é evidente, ao plano interno, extravasaria em decorrência de sua problemática para os países que dependiam do fornecimento daquelas fontes.

Para o Brasil, pela distância que o separa do Oriente Médio, a eclosão desse conflito poderia parecer algo remoto, e até meio estéril, se lá não estivesse envolvido em vários e importantes ramos de negócios.

Assim, na época (1980), o Brasil ali se abastecia de 400.000 barris diários de petróleo, o que correspondia aproximadamente à metade de suas importações e a mais de um terço de todo o seu consumo. Dessa situação participavam também a França, a Itália e o Japão, que se aprovisionavam de um quantitativo superior a 50% das suas necessidades em petróleo junto ao mercado iraquiano (13:31 e 32).

Na repleta história de guerras do Oriente Médio, esta era a primeira a ter efeitos sensíveis no Brasil.

Com o advento dos ataques aos petroleiros, por ambos os beligerantes, o superpetroleiro Yanbu Pride, de bandeira saudita, capitão grego e tripulação portuguesa, foi bombardeado na altura do porto saudita de Ras Tanura, quando trafegava rumo ao estreito de Ormuz, após ter recebido um carregamento de 930.000 barris de petróleo, destinados ao Brasil, e que valia a um dia do consumo do país. Por ser o nono ataque a petroleiros, estava

se configurando que os efeitos da guerra tornar-se-iam mais graves, pois o conflito ameaçava propagar-se para outros países do Golfo Pérsico, uma região estratégica por onde transitavam cerca de 9,1 milhões de barris de petróleo por dia. Era um problema que transbordava das fronteiras do Iraque e do Irã. Gigantes da indústria petrolífera, como a Mobil Oil, a segunda dos Estados Unidos, logo após a Exxon, cercaram-se de cautelas e interromperam, imediatamente, o envio de petroleiros à região. O mercado paralelo de petróleo sofreu uma alta repentina em seus preços. As taxas de seguro para navios que passassem pela região conflagrada saltaram para o alto, alcançando um reajuste da ordem de 50%.

O cenário econômico internacional, que na época estava sendo dominado fortemente pelo problema da dívida dos países subdesenvolvidos, deixou em plano secundário estas preocupações para voltar as suas atenções para a questão irrompida no Golfo, que trazia matizes apocalípticos, segundo um banqueiro de Nova York.

Sua preocupação era fundada, embora com contornos de exagero. Isto porque, a bem da verdade, a instabilidade reinante entre os países era um assunto antigo e, como tal, já suscitara, no passar do tempo, um leque de medidas preventivas para fazer face ao surgimento de situações que pudessem vir a ser desastrosas. O Brasil era, na década de 70, um dos países que, se um conflito trouxesse uma interrupção no fluxo de petróleo, ficaria com seu abastecimento prejudicado dramaticamente. Porquanto, na ocasião, o país produzia menos de 20% do que necessitava e todo o restante, conseqüentemente, era importado. Era uma enorme dependência. Porém, a gama de providências tomadas, com a busca de novas fontes de suprimento, obtenção de fontes renováveis de combustíveis (surgiu o Prô-Álcool, com amplo sucesso), o uso do carvão vegetal e o mineral, a intensificação da exploração e a exploração de novas jazidas, contribuiu para que fosse reduzido pa

ra 200 mil barris o quantitativo de petróleo proveniente daquela região. Essa quantidade representa, em números de 1984, um terço das importações totais do país. Isto decorreu do aumento da produção interna, que foi elevada ao nível de 500 mil barris diários, ou seja, mais da metade do consumo de 950 mil barris (34:56 e 57).

Por ocasião do ataque mencionado ao superpetroleiro Yanbu Pride, a Petrobrás divulgou, em nota oficial, horas depois do ocorrido, que não havia qualquer risco para o abastecimento do país e que a empresa tinha estocado 60 dias de consumo. Adicionou, ainda, que estaria atenta aos desdobramentos do conflito para tomar a deliberação de dar continuidade, ou não, à aquisição de petróleo dos países do Golfo ou se partiria em busca de outros fornecedores.

Vários, além do petróleo, são os negócios que o Brasil mantinha e mantém com o Iraque. Essa guerra, a 15.000 Km de distância, influenciou numerosos interesses comerciais do Brasil.

A Empreiteira Mendes Junior estava cumprindo um contrato de 1.2 bilhões de dólares para a construção da estrada de ferro Bagdá-Hsaibah e transferiu para lá 3.500 funcionários brasileiros que se encontravam instalados em acampamentos próximos da fronteira com a Síria. Essa obra da Mendes Junior era o maior empreendimento brasileiro no Iraque, mas existiam outros.

Com o advento das hostilidades, um excelente negócio para o fornecimento, pela Volkswagen do Brasil, de 20.000 automóveis Passat, foi suspenso.

A Esusa, uma construtora brasileira, teve o seu canteiro de obras, para a construção de um hotel na cidade Barsa, danificado por bombas.

A Braspetro, que dá assistência técnica à exploração dos poços de Majnoon e Nhar-Umr, descobertos por brasileiros, teve que mobilizar transporte para 182 empregados responsáveis por aque-

la assistência.

A Engesa já vendeu mais de 200 blindados tipos <sup>Urutu</sup> "URUTU", "Cascavel" e "Jararaca", os quais estavam concentrados nas cidades de Basra e Mosul, onde ocorreram vários reides aéreos iranianos. Não se sabe o resultado do desempenho desses carros na guerra, visto que a Empresa Paulista, por força de exigências do ramo de negócio, mantém-se em sigilo. Mas o fato é que esses blindados foram empregados e peças sobressalentes foram enviadas pelas empresas brasileiras. A Empresa também apresentou testes para os iraquianos do novo tanque Osório.

A Interbrás também tem participado de vendas de alimentos como farelo de soja.

A UNEF, empresa paulista, detinha o monopólio, virtualmente, de carne de ave ao Iraque, com exportações de frangos congelados (11:38 e 39).

A Avibrás Aeroespacial e a Embraer, também se fizeram presentes naquele país. A primeira fornecendo, inicialmente, foguetes ar-terra Sbat-70, mas logo em seguida passou a aprovisionar os iraquianos com bombas de emprego geral, ogivas intercambiáveis para foguetes, lançadores de foguetes e bombas especializadas; e, mais tarde, apresentou a Saddam Hussein o Astros II, engenhoso sistema de foguetes que usa três tipos de foguetes apontados eletronicamente (SS-30, SS-40 e SS-60), com alcance até 75 Km. A segunda, vendeu 30 Turbo-hélices Tucano para treinamento de pilotos (75:20).

Como se pode depreender, o Iraque é um grande mercado para serem colocados não só armamentos e equipamentos, como também para outros produtos nacionais. E a guerra fez com que esse mercado se ampliasse para o Brasil.

## CONCLUSÕES

A guerra rápida concebida por Saddam Hussein à conquista de territórios que lhe permitisse, ao final, ficar com a soberania total sobre o Shatt al-Arab e obter governo próprio para os árabes da província do Cuzistão, e, ainda de quebra, o retorno das Inhas Abu Musa e Tunb, não aconteceu. Saddam superestimou a capacidade das suas forças armadas e subestimou a do Irã, que julgava enfraquecido internamente, à beira do caos e com suas forças armadas desmanteladas, bastando apenas um empurrão <sup>para</sup> que o regime islâmico <sup>caísse</sup> cairia. A invasão, ao contrário, estimulou o espírito patriótico iraniano que se uniu contra o inimigo comum e fortaleceu Khomeini no poder. Este, então, rejeitou as propostas para a negociação da paz de um modo razoável, pois, para realizá-la, exigiu a retirada das tropas iraquianas do seu território e a deposição de Saddam Hussein. Esta proposição, evidentemente, não foi aceita.

As ofensivas que foram desencadeadas, então, pelo Irã, foram inúteis, inicialmente, e resultou em grandes perdas de material e humanas, para isso contribuindo os sérios problemas de organização, comando e adestramento com que se defrontava o seu Exército, e, ainda mais, de logística pela falta de peças de reposição para o armamento e equipamento. O que o mantinha de pé era o patriotismo e <sup>a</sup>força inquebrantável da bravura fanática dos seguidores de Khomeini. Aos poucos o Exército se organizou e readquiriu sua confiança, até que conseguiu recuperar seus territórios; e a retomada de Khorramshahr e Abadan foram um marco significativo na recuperação do seu prestígio, em que pese os problemas logísticos e de coordenação que normalmente se fizeram presentes nas operações.

Após a invasão, o Iraque manteve-se, invariavelmente, na defensiva nas operações terrestres. Seu desempenho melhorou quando a guerra foi levada ao seu território e foi despertado

o seu espírito nacionalista.

Na grande ofensiva dos pântanos, denominada a "Batalha Final do Destino", na qual os iranianos lançaram 53.000 homens na sua última cartada visando obter uma vitória militar completa, sofreram <sup>uma</sup> derrota fragorosa, com perdas de 15.000 mortos e milhares de feridos. A partir desta batalha os contendores se acomodaram, passando a uma guerra infundável de desgaste, com bombardeios a instalações petrolíferas e a cidades.

A guerra no mar, apresentou exemplo incomum de engajamento navio contra navio, de estados do Terceiro Mundo, sendo empregados equipamentos e doutrinas diferentes. A campanha no mar foi um assunto pouco noticiado e existiu muita controvérsia na exatidão dos dados. Três parecem ter sido os engajamentos navais de maior relevância e o considerado de maior expressão foi o tratado perto de Fao e do Terminal Marítimo Externo de Minal al-Bakr, quando teriam sido afundados, uma Fragata iraniana, e quatro Navios Lançadores de Mísseis e sete canhoneiras iraquianas. Nada foi informado sobre os armamentos usados e seus desempenhos, bem como as táticas empregadas. O que transpareceu foi que a vantagem esteve sempre ao lado de quem atacava e que a surpresa e a concentração de forças foram fatores-chaves para o sucesso. O desempenho iraniano, com o desenrolar da guerra, sobrepujou o dos iraquianos, os quais nos momentos iniciais da guerra poderiam ter pressionado mais e com a ajuda da sua Força Aérea poderiam, provavelmente, ter derrotado a Marinha Iraniana. Talvez, por falta de coordenação, a Marinha não se fez presente nas operações de transposição do rio Shatt al-Arab, pelos iraquianos em seu ataque, e do rio Baham-sheer, pelos iranianos no ataque a Abadan. Ficou patente, também, a necessidade da posse de um poder naval para as nações que têm acesso ao mar.

A guerra acarretou mudanças nos alinhamentos dos países à

rabes e provocou a criação, pelo restante dos países do Golfo, do Conselho de Cooperação do Golfo, com o fim de defesa mútua.

A ameaça de interrompimento do fluxo de petróleo proveniente do Golfo abalou as nações do mundo livre, extremamente dependentes daquela região para o seu abastecimento. Contudo, providências adotadas por essas nações (formação de reservas estratégicas, busca de outras fontes, descobertas de outras jazidas, etc) reduziram essa dependência de cerca de 40% para 20%, em 1985. Com isto, o Estreito de Ormuz deixou de ser considerado como a "veia jugular" do Ocidente. As grandes companhias de petróleo, que foram obrigadas a comprar petróleos mais caros para manterem um nível de segurança nas reservas mundiais, não têm interesse que a guerra termine, pois a produção iraniana e iraquiana aumentaria e fariam cair o preço do petróleo no mercado mundial.

As superpotências têm procurado manter-se à margem do conflito, na posição de neutralidade, porém ambas apoiando o Iraque: a URSS, diretamente e os EUA através da Arábia Saudita. As duas e os demais países do Golfo parecem ter um desejo comum: que os beligerantes se enfraqueçam a tal ponto que não venham a modificar o "status quo" no Golfo anterior à guerra.

A guerra tem propiciado o teste de armamentos e equipamentos fornecidos pelos Estados Unidos, União Soviética, França e Brasil. Tendo ficado constatado pelos iranianos o melhor desempenho dos tanques britânicos Chieftain sobre os M-60 americanos, e os iraquianos afirmam que o melhor tanque do mundo é o T-72 russo. Dos armamentos e equipamentos brasileiros pouco se têm notícias, mas as encomendas continuadas são bastante reveladoras da sua performance.

O Iraque, que antes da guerra já era um mercado promissor para o Brasil, ampliou-se com o conflito. Quanto ao petróleo, o Brasil, com as medidas que já vinha adotando desde 1973, e



outras complementares, conseguiu reduzir suas compras de 400 para 200 mil barris/dia provenientes do Golfo Pérsico.

Esta é a guerra mais sangrenta dos últimos tempos e que conseguiu sorver o dobro das vidas perdidas em todas as guerras árabe-israelenses juntas.

Seu fim é incerto e sujeito a vários interesses internos e externos, mas tudo indica que enquanto Khomeini e Saddam Husein viverem a paz não acontecerá, pois ambos a transformaram num conflito pessoal.

## The Middle East and North Africa

### Bilateral Agreements with External Powers

The Soviet Union signed a fifteen-year Treaty of Friendship and Co-operation with Iraq in April 1972, and a further agreement, involving three bases, in December 1978. The latest known Soviet military agreement with Syria was signed in October 1979. A Treaty of Friendship and Co-operation, signed with South Yemen in October 1979, was ratified in February 1980. All three countries subsequently received significant arms deliveries. The Soviet Union has also sold arms to Algeria, Morocco, Kuwait, Sudan and the Yemen Arab Republic (North Yemen). Egypt signed a Treaty of Friendship and Co-operation with the Soviet Union in May 1971 and abrogated it in March 1976. The Soviet Union, formerly a major arms supplier, has delivered no significant arms supplies to Egypt since then. Some supplies may be still coming from other Warsaw Pact nations.

The Defence Ministers of Bulgaria and the People's Democratic Republic of Yemen (South Yemen) signed a Protocol for Co-operation on 2 April 1980.

The United States has varying types of security assistance programmes in the region. Military aid to Iran ceased in February-August 1979 but has continued on a grant, credit, or cash sale basis to Egypt, Israel, Jordan, Kuwait, Lebanon, Morocco, Saudi Arabia and Tunisia. An agreement with Oman to provide economic and military aid in exchange for permission to use Masirah as a staging base is under consideration. An agreement with Bahrain permits the US Navy to use port facilities.

China signed a Treaty of Friendship with North Yemen in 1964 under which some economic development took place and minor arms were provided. China has also supplied arms and spare parts to Egypt under an arms agreement signed in 1978/9. Arms have also been supplied to Sudan.

Britain concluded treaties of friendship with Bahrain, Qatar and the United Arab Emirates (UAE) in August 1971. Iran ended her military purchases in January 1979. Britain is now supplying arms to Bahrain, Egypt, Jordan, Kuwait, Oman, Qatar, Saudi Arabia, Sudan and the UAE.

France has a continuing arms supply arrangement with Morocco and has supplied arms, equipment and ammunition to a number of countries including Abu Dhabi, Egypt, Iraq, Kuwait, Libya, Qatar, Saudi Arabia and Tunisia.

The United Nations withdrew the 4,000-man United Nations Emergency Force (UNEF) from the Sinai on 24 July 1979; its duties were assumed by the United Nations Truce Supervisory Organization (UNTSO), which has been active in the region since 1949.

The United Nations also deploys in the Golan Heights the 1,290-man Disengagement Observer Force (UNDOF), made up of contingents from Austria, Canada, Finland and Poland.

The United Nations Interim Force in Lebanon (UNIFIL) consists of 5,900 men from France, Fiji, Ghana, Ireland, Italy, Netherlands, Nigeria, Norway and Senegal.

### Arrangements within the Region

Algeria, Bahrain, Djibouti, Iraq, Jordan, Kuwait, Lebanon, Libya, Mauritania, Morocco, Oman, the PLO, Qatar, Saudi Arabia, Somalia, Syria, Tunisia and North and South Yemen are members of the League of Arab States. (Egypt's membership was suspended in March 1979.) Among its subsidiary bodies are the Arab Supreme Defence Council, comprising Foreign and Defence Ministers, set up in 1950, the Permanent Military Committee (1950) of Army General Staffs, which is an advisory body, and the Unified Arab Command (1964).

Syrian forces, which had entered the fighting in Lebanon in April 1976, and which then totalled some 13,000, were augmented by a symbolic Lebanon Peace-keeping Force of Libyan, Saudi and Sudanese troops. Fighting continued, and a 30,000-man Arab Deterrent Force, mostly Syrian, was approved at Riyadh on 18 October 1976. Subsequently this Force comprised forces from Lebanon, Kuwait, the Palestine Liberation Army (PLA), Sudan and the United Arab Emirates. All but the Syrian and PLA contingents have now been withdrawn.

Egypt concluded a defence pact with Syria in November 1966, and with Jordan in May and Iraq in June 1967. These established a joint Defence Council and a Joint Command. The loosely-

associated Eastern Front Command, set up by Iraq, Jordan and Syria in March 1969, disappeared in December 1970. Iraq and Syria concluded defence pacts in May 1968 and July 1969, and a third, calling for full military union, in October 1978. Little of substance has resulted, and unification seems to have been abandoned following a dispute in July 1979. Jordan and Syria have since set up a joint consultative body to co-ordinate military policy. The Federation of Arab Republics, formed by Libya, Syria and Egypt in April 1971, provided for a common defence policy and a Federal Defence Council, and an Egyptian was appointed Commander-in-Chief of all Federation Forces in January 1973. This agreement was not actively implemented and must be presumed to be in abeyance.

Algeria and Libya signed a defence agreement in December 1975, and Egypt another with Sudan in January 1977. A 1977 agreement between Mauritania and Morocco was abrogated in August 1979. An understanding between Saudi Arabia and Iraq is believed to have been signed in 1979.

Arms movements in the region are complex. Egypt has supplied arms to Morocco. Algeria and Libya reportedly supply arms to Polisario guerillas and most countries have supplied arms to the Palestinian guerillas. In some cases a third nation funds the recipient's foreign arms purchases.

In 1975 an Arab Organization for Industrialization (AOI) was set up in Egypt to encourage indigenous Arab arms production. Initially under the aegis of Saudi Arabia, Qatar, the UAE and Sudan, this project was ended following Egypt's rapprochement with Israel. Egypt is attempting to continue it with British and US support.

In 1979 Iraq, Kuwait, Qatar, Saudi Arabia and the UAE agreed to set up an \$8-bn arms industry in the UAE to replace the AOI.

#### ALGERIA

Population: 19,500,000.  
 Military service: 6 months.  
 Total armed forces: 101,000.  
 Estimated GDP 1979: \$32 bn.  
 Defence expenditure 1980: 2.70 bn dinars (\$705 m).  
 \$1 = 3.83 dinars (1980), 4.04 dinars (1979).

Army: 90,000.  
 1 armd bde.  
 1 mech bde.  
 4 mot inf bdes.  
 1 AB/special force bde.  
 3 indep tk bns.  
 58 indep inf bns.  
 2 para bns.  
 5 indep arty bns.  
 11 AD bns.  
 4 engr bns.  
 12 coys desert troops.  
 600 T-54/-55/-62/-72 med, 50 AMX-13 lt tks;  
 200 armd cars, incl AML, BRDM-2; BMP-1 MICV,  
 830 BTR-40/-50/-60/-152 APC; 340 85mm, 122mm  
 and 152mm guns/how; 140 SU-100 and ISU-  
 122/-152 SP guns; 180 120mm and 160mm  
 mor; 85 BM-21 122mm, 140mm and 240mm  
 MRL; 50 FROG-4/-7 SSM; 230 75mm, 76mm and  
 85mm ATK guns; Sagger ATGW; 440 57mm, 85mm  
 100mm towed, 100 ZSU-23-4 and ZSU-57-2 SP  
 AA guns; SA-7, 30 SA-6/-9 SAM.

RESERVES: up to 100,000.

Navy: 4,000.  
 6 ex-Sov SO-1 large patrol craft.  
 17 ex-Sov FAC(M) with *Styx* SSM: 3 *Osa-I*, 8 *Osa-II*,  
 6 *Komar*.  
 6 ex-Sov P-6 FAC(T) (2 unarmed trg).  
 2 ex-Sov T-43 ocean minesweepers (in reserve).  
 1 ex-Sov *Polnocny* LCT.  
 2 F-28 MR ac.  
 (On order: 1 F-28.)

Bases: Algiers, Annaba, Mers el Kebir.

Coastguard: 2 P-6 FAC(T), 16 Baglietto FAC(G)  
 (6 Gemini 36, 10 Type 20).

Air Force: 7,000; 278 combat aircraft.  
 1 lt bbr sqn with 24 Il-28.  
 3 interceptor sqns with 90 MiG-21MF.  
 6 FGA sqns: 2 with 20 Su-20, 2 with 70 MiG-17,  
 2 with 20 MiG-23S.  
 1 recce sqn with 10 MiG-25R.  
 1 COIN sqn with 24 *Magister*.  
 OCU with 20 MiG-15.  
 1 tpt sqn with 8 An-12, 12 F-27.  
 6 hel sqns with 4 Mi-6, 10 Mi-4, 12 Mi-8, 20 Mi-24,  
 5 *Puma*, 6 Hughes 269A.  
 Other ac incl 1 *King Air*, 3 *Super King Air*, 3  
*Queen Air*, 2 CL-215.  
 Trainers incl MiG-15/-17/-21UTI, Su-7U, 19  
 Yak-11/-18, 6 T-34C, 12 Beech *Sierra*.  
 AAM: AA-2 *Atoll*.  
 SAM: 18 SA-2.

Para-Military Forces: 10,000 Gendarmerie.

## BAHRAIN

Population: 373,000.  
 Estimated GNP 1977: \$1.7 bn.  
 Total armed forces: 2,500.  
 Defence expenditure 1979: 37.5 m dinar (\$98 m).  
 \$1 = 0.384 dinars (1979), 0.388 dinars (1978).

Army: 2,300.  
 1 inf bn.  
 1 armd car sqn.  
 8 *Saladin* armd, 8 *Ferret* scout cars; 93 *Panhard* M-3 APC; 6 81mm mor; 6 120mm RCL; RBS-70 SAM.

(On order: 17 *Panhard* M-3 APC.)

Coastguard: 200.  
 2 TNC-45 FAC(M) with *Exocet* SSM.  
 2 *Lürssen* 38-metre FAC(G).  
 14 coastal patrol craft.  
 1 hovercraft.  
 2 landing craft: 1 *Loadmaster*, 1 60-ft.

Police: 2,500.  
 2 *Scout*, 3 BO-105, 2 Hughes 369D hel.

## EGYPT

Population: 40,460,000.  
 Military service: 1 year.  
 Total armed forces: 367,000.  
 Estimated GDP 1979: \$16.5 bn.  
 Defence expenditure 1979-80: £E 1.5 bn (\$2.17 bn).  
 \$1 = £E 0.692 (1979).

Army: 320,000, incl Air Defence Command.  
 2 armd divs (each with 1 armd, 2 mech bdes).  
 3 mech inf divs.  
 5 inf divs (each with 2 inf bdes).  
 1 Republican Guard Brigade (div).  
 3 indep armd bdes.  
 7 indep inf bdes.  
 2 airmobile bdes.  
 1 para bde.  
 4 arty bdes.  
 2 hy mor bdes.  
 1 ATGW bde.  
 6 cdo gps.  
 2 ssm regts (up to 24 *Scud*).  
 850 T-54/-55, 750 T-62 med, 80 PT-76 lt tks; 300 BRDM-1/-2 scout cars; 200 BMP-1 MICV, 2,500 OT-62/-64, BTR-40/-50/-60/-152, *Walid*, 50 M-113A2 APC; 1,300 76mm, 100mm, 122mm, 130mm, 152mm and 180mm guns/how; about 200 SU-100 and ISU-152 sp guns; 300 120mm, 160mm and 240mm mor; 300 122mm, 132mm, 140mm and 240mm RL; 30 *FROG-4/-7*, 24 *Scud* B, *Samlet* ssm; 900 57mm, 85mm and 100mm ATK guns; 900 82mm and 107mm RCL; 1,000 *Sagger*, *Snapper*, *Swatter*, *Milan*, *Beeswing*,

*Swingfire* and *TOW* ATGW; 350 ZSU-23-4 and ZSU-57-2 sp AA guns; 20 SA-7/-9, *Crotale* SAM.\*  
 (On order: 244 M-60 med tks; 550 M-113A2 APC; 100 M-106A2 and M-125A2 mor carriers; *Swingfire* ATGW; 12 btys *Improved HAWK* SAM.)

AIR DEFENCE COMMAND (75,000): 360 SA-2, 200 SA-3, 75 SA-6 SAM; 2,500 20mm, 23mm, 37mm, 40mm, 57mm, 85mm and 100mm AA guns; missile, gun and EW radars.\*

RESERVES: about 500,000.

Navy: 20,000.\*  
 10 ex-Sov submarines: 6 W- (1 in reserve), 4 R-class.  
 5 destroyers: 4 ex-Sov *Skory* with *Styx* SSM, 1 ex-Br Z-class.  
 3 ex-Br frigates: 1 *Black Swan*, 1 *Hunt*, 1 *River* (sub spt ship).  
 18 FAC(M): 8 ex-Sov (4 *Osa-1* with SA-7, 4 *Komar* with *Styx* SSM), 9 *October 6*, 1 *Ramadan* with *Otomat* SSM.  
 12 ex-Sov SO-1 large patrol craft.  
 26 ex-Sov FAC(T): 2 *Shershen*, 20 P-6, 4 P-4.  
 4 ex-Sov *Shershen* FAC(G).  
 14 ex-Sov minesweepers: 10 ocean (6 T-43, 4 *Yurka*), 4 inshore (2 T-301, 2 K-8).  
 3 SRN-6 hovercraft.  
 3 ex-Sov *Polnocny* LCT.  
 14 ex-Sov LCU: 10 *Vydra*, 4 SMBI.  
 6 *Sea King* ASW hel.  
 (On order: 5 *Vosper Ramadan* FAC(M), 15 SRN-6 hovercraft, *Otomat* SSM.)

Bases: Alexandria, Port Said, Mersa Matruh, Port Suez, Hurghada, Safaqa.

RESERVES: about 15,000.

Air Force: 27,000; about 363 combat aircraft.\*  
 1 bbr regt with 23 Tu-16 (some with AS-5 ASM).  
 4 FB regts: 2 with 35 F-4E, 50 MiG-21/PFM/F, 40 Ch F-6; 1 with 30 MiG-17F; 1 with 46 *Mirage* IIIIE/DE.  
 4 FGA/strike sqns: 3 with 60 Su-7BM; 1 with 18 Su-20, 14 *Mirage* 5.  
 3 interceptor sqns with 45 MiG-21MF/U.  
 (Further ac in reserve incl up to 100 MiG-21, 20 MiG-23S/U, 100 MiG-17, 60 Su-7, 25 Su-20.)  
 ELINT ac: 2 EC-130H.  
 Tpts incl 20 C-130H, 26 Il-14, 16 An-12, 1 *Falcon*, 1 Boeing 707, 1 Boeing 737.  
 Hel incl 20 Mi-4, 12 Mi-6, 55 Mi-8, 27 *Commando*, 54 *Gazelle*.  
 Trainers incl 50 MiG-15UTI, 100 L-29, 40 *Gomhouria*, 36 Yak-11.  
 AAM: AA-2 *Atoll*, R-530, *Sparrow*, *Sidewinder*.

\* Spares for Soviet equipment are scarce: active holdings being reduced to 1/3 of listed total; replacement by Western material planned.

ASM: AS-1 *Kennel*, AS-5 *Kelt*, *Maverick*.  
(On order: 40 F-16, 20 F-6, 30 F-7 fighters; 20 *Gazelle* hel; *Sparrow*, *Sidewinder* AAM; *Maverick* ASM; Ch CSA-1 SAM.)

RESERVES: About 20,000.

*Para-Military Forces*: 49,000: National Guard 6,000, Frontier Corps 6,000, Defence and Security 30,000, Coast Guard 7,000.

### IRAN

Population: 38,250,000.  
Military service: 18 months.  
Total armed forces: 240,000.\*  
Estimated GNP 1978: \$76.1 bn.  
Defence expenditure 1980: 300 bn rials (\$4.2 bn).  
SI = 71.5 rials (1980). 70.45 rials (1978).

Army: 150,000.\*  
3 armd divs.  
3 inf divs.  
4 indep bdes (1 armd, 1 inf, 1 AB, 1 special force).  
4 SAM bns with *HAWK*.  
Army Aviation Command.  
875 *Chieftain*, 400 M-47/-48, 460 M-60A1 med, 250 *Scorpion* lt tks; BMP MICV, about 325 M-113, 500 BTR-40/-50/-60/-152 APC; 1,000+ guns/how, incl 75mm pack, 330 M-101 105mm, 130mm, 112 M-114 155mm, 14 M-115 203mm towed, 440 M-109 155mm, 38 M-107 175mm, 14 M-110 203mm SP; 72 BM-21 122mm MRL; 106mm RCL; *ENTAC*, SS-11, SS-12, *Dragon*, *TOW* ATGW; 1,800 23mm, 35mm, 40mm, 57mm and 85mm towed, 100 ZSU-23-4 and ZSU-57-2 SP AA guns; *HAWK* SAM.  
Ac incl 40 Cessna 185, 6 Cessna 310, 10 O-2A, 2 F-27, 5 *Shrike Commander*, 2 *Falcon*.  
205 AH-1J, 295 Bell 214A, 50 AB-205A, 20 AB-206, 90 CH-47C hel.

RESERVES: 400,000.

Navy: 20,000, incl Naval Air.\*  
3 destroyers with *Standard* SSM: 1 ex-Br *Battle* with *Seucat* SAM, 2 ex-US *Sumner* with 1 hel.  
4 *Saam* frigates with *Seakiller* SSM and *Seacat* SAM.  
4 ex-US PF-103 corvettes.  
9 *Kaman* FAC(M) with *Harpoon* SSM.  
7 large patrol craft: 3 *Improved PGM-71*, 4 *Cape*.  
3 ex-US coastal, 2 inshore minesweepers.  
14 hovercraft: 8 SRN-6, 6 BH-7.  
2 landing ships, 1 ex-US LCU.  
1 replenishment, 2 fleet supply ships.  
3 Marine bns.

*Bases*: Bandar Abbas, Booshehr, Kharg Island, Korramshar, Bandar-e-Enzli.

NAVAL AIR: \*  
1 MR sqn with 6 P-3F *Orion*.

1 assault hel sqn with 6 S-65A.  
1 ASW hel sqn with 20 SH-3D.  
1 MCM hel sqn with 6 RH-53D.  
1 tpt sqn with 6 *Shrike Commander*, 4 F-27, 1 *Mystère* 20.  
Hel incl 4 AB-205A, 14 AB-206, 6 AB-212.

Air Force: 70,000; 445 combat ac.\*  
10 FGA sqns with 188 F-4D/E.  
8 FGA sqns with 166 F-5E/F.  
4 interceptor/FGA sqns with 77 F-14A.  
1 recce sqn with 14 RF-4E.  
2 tanker/tpt sqns with 13 Boeing 707, 9 Boeing 747.  
5 tpt sqns: 4 with 54 C-130E/H; 1 with 18 F-27, 3 *Aero Commander* 690, 4 *Falcon* 20.  
Hel: 10 HH-34F, 10 AB-206A, 5 AB-212, 39 Bell 214C, 2 CH-47C, 16 *Super Frelon*, 2 S-61A4.  
Trainers incl 45 F33A/C *Bonanza*, 9 T-33.  
AAM: *Phoenix*, *Sidewinder*, *Sparrow*.  
ASM: AS-12, *Maverick*, *Condor*.  
5 SAM sqns with *Rapier*, 25 *Tigercat*.

*Para-Military Forces*: 75,000. Gendarmerie and Revolutionary Guards with Cessna 185/310 lt ac, 32 AB-205/-206 hel, 32 patrol boats.

### IRAQ

Population: 13,110,000.  
Military service: 21-24 months.  
Total armed forces: 242,250 (177,200 conscripts).  
Estimated GNP 1979: \$21.4 bn.  
Defence expenditure 1979: 789.3 m dinars (\$2.67 bn).  
SI = 0.295 dinars (1979).

Army: 200,000 (150,000 conscripts).  
3 corps HQ.  
4 armd divs (each with 2 armd, 1 mech bdes).  
4 mech divs.  
4 mountain inf divs.  
1 Republican Guard armd bde.  
2 special forces bdes.  
100 T-34, 2,500 T-54/-55/-62, 50 T-72, 100 AMX-30 med, 100 PT-76 lt tks; about 2,500 AFV, incl 200 BMP MICV, BTR-50/-60/-152, OT-62, VCR APC; 800 75mm, 85mm, 122mm, 130mm and 152mm guns/how; 120 SU-100, 120 ISU-122 SP guns; 120mm, 160mm mor; BM-21 122mm MRL; 26 *FROG-7*, 12 *Scud* B SSM; *Sagger*, SS-11, *Milan* ATGW; 1,200 23mm, 37mm, 57mm, 85mm, 100mm towed, ZSU-23-4 and ZSU-57-2 SP AA guns; SA-7 SAM.  
(On order: T-62, AMX-30 med tks, *Sucuri* SP ATK guns; EE-9 *Cascavel*, *Jararaca* armd cars; Panther, EE-11 *Urutu* APC; SP-74, SP-73 SP how; *Scud* B SSM; SS-11, 360 *HOT* ATGW).

\* Pre-1979 manpower and holdings shown. Present totals are believed to be considerably less, and serviceability, particularly of ships and aircraft, is low.

RESERVES: 250,000.

Navy: 4,250 (3,200 conscripts).  
 12 ex-Sov FAC(M) with *Styx* SSM; 4 *Osa-I*, 8 *Osa-II*.  
 5 ex-Sov large patrol craft: 3 *SO-1*, 2 *Poluchat*.  
 12 ex-Sov P-6 FAC(T).  
 10 ex-Sov coastal patrol craft: 4 *Nyryat II*, 6 (2 *PO-2*, 4 *Zhuk*).  
 5 ex-Sov minesweepers: 2 *T-43* ocean, 3 *Yevgenya* inshore.  
 4 ex-Sov *Polnocny* LCT.  
 (On order: 1 *Yug*, 4 *Lupo* frigates, 6 corvettes, 1 spt ship.)

Bases: Basra, Umm Qasr.

Air Force: 38,000 (10,000 AD personnel); 332 combat aircraft.  
 1 bbr sqn with 12 Tu-22.  
 1 lt bbr sqn with 10 Il-28.  
 12 FGA sqns: 4 with 80 MiG-23B, 3 with 40 Su-7B, 4 with 60 Su-20, 1 with 15 *Hunter* FB-59/FR-10.  
 5 interceptor sqns with 115 MiG-21.  
 2 tpt sqns with 9 An-2, 8 An-12, 8 An-24, 2 An-26, 12 Il-76 (6 civilian), 2 Tu-124, 13 Il-14, 2 *Heron*.  
 11 hel sqns with 35 Mi-4, 15 Mi-6, 78 Mi-8, 41 Mi-24, 47 *Alouette III*, 10 *Super Frelon*, 40 *Gazelle*, 3 *Puma*, 7 *Wessex* Mk 52.  
 Trainers incl MiG-15/-21/-23U, Su-7U, *Hunter* T-69, 10 Yak-11, 40 L-29, 50 L-39, 48 AS-202/18A, 16 *Flamingo*.  
 AAM: AA-2 *Atoll*. ASM: AS-11/-12, AM-39.  
 SAM: SA-2, SA-3, 25 SA-6.  
 (On order: 150 MiG-23/-25/-27, 60 *Mirage* F-1C/-1B fighters; C-160 tpts; 40 PC-7 *Turbo-Trainer*; *Super Frelon*, *Gazelle*, *Lynx*, 36 *Puma*, 3 Mi-8, Mi-24, 6 AS-61TS, 8 AB-212 ASW hel; *Super 530* AAM.)

Para-Military Forces: 4,800 security troops, 75,000 People's Army.

### ISRAEL

Population: 3,900,000.  
 Military service: men 36 months, women 24 months (Jews and Druses only; Muslims and Christians may volunteer). Annual training for reservists thereafter up to age 54 for men, up to 25 for women.  
 Total armed forces: 169,600 (125,300 conscripts); mobilization to 400,000 in about 24 hours.  
 Estimated GDP 1979: \$16.4 bn.  
 Defence expenditure 1980-81: £121bn. (\$5.2 bn).  
 \$1 = S 40.31 (1980), £1 25.44 (1979).\*

Army: 135,000 (120,000 conscripts, male and female), 375,000 on mobilization.  
 24 armd bdes.†  
 9 mech bdes.†  
 9 inf bdes.†

9 arty bdes.†  
 5 para bdes.†  
 3,050 med tks, incl 1,000 *Centurion*, 650 M-48, 810 M-60, 400 T-54/-55, 150 T-62, *Merkava I/II*; 65 PT-76 lt tks; about 4,000 AFV, incl AML-60, 15 AML-90 armd cars; RBY *Ramta*, BRDM recce vehs; M-2/-3/-113, BTR-40/-50P(OT-62)/-60P/-152, *Walid* APC; 500 105mm, 450 122mm, 130mm and 155mm towed, 120 M-109 155mm, L-33 155mm, 60 M-107 175mm, 48 M-110 203mm sp guns/how; 900 81mm, 120mm and 160mm mor (some sp); 122mm, 135mm, 240mm RL; *Lance*, *Ze'ev* (*Wolf*) SSM; 106mm RCL; *TOW*, *Cobra*, *Dragon*, SS-11, *Sagger*, *Picket* ATGW; about 900 *Vulcan/Chaparral* 20mm msl/gun systems, 30mm and 40mm AA guns; *Redeye* SAM.  
 (On order: 325 M-60 med tks; 800 M-113 APC; 175mm towed, 200 M-109A1B 155mm, M-107 175mm sp guns; *Lance* SSM; *TOW*, *Dragon* ATGW.)

Navy: 6,600 (3,300 conscripts), 10,000 on mobilization.  
 3 Type 206 submarines.  
 22 FAC(M): 10 *Reshef* with *Gabriel* and *Harpoon* SSM, 12 *Saar* with *Gabriel*.  
 38 coastal patrol craft: 35 *Dabur*, 3 ex-US PBR.  
 3 ex-US LSM, 6 LCT.  
 3 *Westwind* 1124N MR ac.  
 Naval cdo: 300.  
 (On order: 3 *Reshef* FAC(M), 2 Qu-9-35 corvettes, 2 *Flagstaff II* hydrofoils with *Harpoon* SSM, 3 *Westwind* MR ac.)

Coastguard: 4 patrol craft.

Bases: Haifa, Ashdod, Sharm-el-Sheikh, Eilat.

Air Force: 28,000 (2,000 conscripts, AD only), 37,000 on mobilization; 535 combat aircraft.  
 12 FGA/interceptor sqns: 1 with 25 F/TF-15, 5 with 130 F-4E, 3 with 30 *Mirage* IIICJ/BJ, 3 with 80 *Kfir-C2*.  
 6 FGA sqns with 200 A-4E/H/M/N *Skyhawk*.  
 1 recce sqn with 12 RF-4E, 2 OV-1E; 4 E-2C AEW ac.  
 Tpts incl 10 Boeing 707, 24 C-130E/H, 20 C-47, 2 KC-130H (tankers), 14 *Arava*, 2 *Islander*.  
 Liaison: 23 Do-27, 15 Do-28D, 5 Cessna U-206, 3 *Westwind*.  
 Trainers incl 24 TA-4H, 50 *Kfir*, 70 *Magister*, 16 *Queen Air*, 30 *Super Cub*.  
 Hel incl 11 *Super Frelon*, 35 CH-53G, 6 AH-1G/S, 23 Bell 205A, 20 Bell 206, 12 Bell 212, 25 UH-1D, 19 *Alouette II/III*.  
 15 SAM bns with *Improved Hawk*.  
 AAM: *Sidewinder*, AIM-7E/F *Sparrow*, *Shafrir*.

\* The Israeli £ was replaced by the Shekel, at the rate of 10 to 1, in early 1980.

† 11 bdes (5 armd, 4 inf, 2 para) normally kept near full strength; 6 (1 armd, 4 mech, 1 para) between 50% and full strength; the rest at cadre strength.

ASM: *Luz, Maverick, Shrike, Walleye, Bullpup*.  
(On order: 15 F-15, 67 F-16A, 8 F-16B fighters;  
30 Hughes 500 hel gunships; 600 *Maverick* ASM;  
600 *Sidewinder* AAM.)

RESERVES (all services): 460,000.

*Para-Military Forces*: 4,500 Border Guards and  
5,000 *Nahal* Militia.

### JORDAN

Population: 3,104,000.  
Military service: selective conscription.  
Total armed forces: 67,200.  
Estimated GNP 1979: \$2.69 bn.  
Defence expenditure 1979: 114 m dinars (\$381 m).  
\$1 = 0.300 dinars (1979).

Army: 60,000.  
2 armd divs (each 3 armd bdes).  
2 mech inf divs (each 2 mech, 1 inf bdes).  
1 indep tk bde.  
4 SP arty regts.  
2 AA bdes, incl 6 btys with 48 *Improved HAWK*  
SAM.  
3 special forces bns.  
300 M-47/-48, 14 M-60, 295 *Centurion* med tks;  
140 *Ferret* scout cars; 930 M-113, 32 *Saracen*  
APC; 16 155mm guns; 54 105mm, 60 155mm  
towed, 21 M-52 105mm, 16 M-44, 90 M-109  
155mm SP how; 16 155mm guns; 400 81mm,  
107mm and 120mm mor; 315 106mm and 120mm  
RCL; 88 *TOW*, 74 *Dragon* ATGW; *Vulcan* 20mm,  
200 M-42 40mm SP AA guns; *Redeye*, *Improved*  
*HAWK* SAM.  
(On order: 278 *Shir I* (*Chieftain*), 100 M-60A3 med  
tks; 178 M-113 APC; 78 M-109 155mm, 29  
M-110 203mm SP how; 100 M-163 *Vulcan* 20mm  
AA guns; *Improved HAWK* SAM.)

Navy: 200.  
9 small patrol craft.

Base: Aqaba.

Air Force: 7,000; 58 combat aircraft.  
1 FGA sqn with 24 F-5E/F.  
2 interceptor sqns with 24 F-5E/F.  
1 OCU with 8 F-5A, 2 F-5B.  
Tpts: 3 C-130B/H, 1 Boeing 727, 1 *Falcon* 20, 4  
C-212A *Aviocar*.  
Hel: 15 *Alouette III*, 2 S-76.  
Trainers: 8 T-37C, 11 *Bulldog*, 2 *Dove*, 4 F-5B.  
AAM: *Sidewinder*.  
(On order: 36 *Mirage* F-1, 26 F-5E/F fighters;  
10 F-11 AH-1H, 4 S-76 hel.)

RESERVES: 30,000.

*Para-Military Forces*: 10,000. 3,000 Mobile Police  
Force, 7,000 Civil Militia.

### KUWAIT

Population: 1,318,000.  
Military service: 18 months.  
Total armed forces: 12,400.  
Estimated GNP 1977: \$11.9 bn.  
Defence expenditure 1979: 274 m dinars  
(\$979 m).  
\$1 = 0.277 dinars (1979), 0.275 dinars (1977).

Army: 10,000.  
1 armd bde.  
2 inf bdes.  
1 SSM bn.  
70 *Vickers*, 50 *Centurion*, 160 *Chieftain* med tks;  
100 *Saladin* armd, 20 *Ferret* scout cars; 130  
*Saracen* APC; 10 25-pdr guns; 80 AMX 155mm  
SP how; *FROG-7* SSM; *HOT*, *TOW*, *Vigilant*,  
*Harpon* ATGW; SA-6/-7 SAM.  
(On order: *Scorpion* lt tks, 175 M-113 APC, arty,  
*TOW* ATGW.)

Navy: 500 (coastguard).  
43 coastal patrol craft.  
3 88-ft landing craft.  
(On order: 4-5 FAC(M).)

Air Force: 1,900,\* 50 combat aircraft.  
2 FB sqns with 30 A-4KU.  
1 interceptor sqn with 18 *Mirage* F-1C, 2 F-1B.  
Tpts: 2 DC-9, 2 L-100-20, 1 Boeing 737-200.  
3 hel sqns with 24 SA-342K *Gazelle*, 10 *Puma*.  
Trainers incl 2 *Hunter* T-67, 6 TA-4KU.  
AAM: R-550 *Magic*, *Sidewinder*. ASM: *Super* 530.  
SAM: 50 *Improved HAWK*.  
(On order: *Improved HAWK*.)

*Para-Military Forces*: 15,000 Police.

### LEBANON

Population: 2,800,000.  
Military service: conscription.  
Total armed forces: 23,000.  
Estimated GNP 1977: \$2.9 bn.  
Defence expenditure 1980: £L 980 m (\$286.5 m).†  
\$1 = £L 3.42 (1980), £L 3.03 (1977).

Army: 22,250.  
2 armd recce bns.  
12 inf bns.  
1 arty bn.  
*Saladin* armd cars; 80 M-113, *Saracen* APC; 10  
122mm, 18 155mm guns; *Milan*, *TOW* ATGW.  
(On order: 100 AMX-13 lt tks, 200 *Saladin* armd  
cars, 228 M-113A2 APC, 18 155mm guns, 400  
RPG RL.)

\* Excluding expatriate personnel.

† Plus £L 3 bn (\$955 m) spread over 10 years to rebuild  
the armed forces.

Navy: 250.

3 large, 3 *Byblos* coastal patrol craft.

1 LCU.

(On order: 8 FAC.)

Air Force: 500; 7 combat aircraft.

1 FGA sqn with 6 *Hunter* F-70, 1 T-66.

1 interceptor sqn with 9 *Mirage* IIIEL/BL (not in use).

1 hel sqn with 12 *Alouette* II/III, 5 AB-212, 4 *Gazelle* (with SS-11/-12 ASM).

Trainers: 6 *Bulldog*, 6 *Magister*.

Tpts: 1 *Dove*, 1 *Turbo-Commander* 690A.

AAM: R-530.

(On order: 6 AB-212, *Gazelle*, *Puma* hel.)

Para-Military Forces: Internal Security Force: 5,000; 40 *Saladin* armd cars, 5 *Saracen* APC.

### LIBYA ?

Population: 2,933,000.

Military service: conscription.

Total armed forces: 53,000.

Estimated GDP 1979: \$19.0 bn.

Defence expenditure 1978: 130 m Libyan dinars, (\$448 m).

\$1 = 0.296 dinars (1979), 0.290 dinars (1978).

Army: 45,000.

12 tk bns.

24 mech inf bns.

1 National Guard bn.

2 arty, 2 AA arty bns.

1 special forces gp.

1 ssm bn.

2,400 T-54/-55/-62/-72 med tks; 200 BRDM-2, 100 *Saladin*, 300 EE-9 *Cascavel* armd, 140 *Ferret* scout cars; 250 BMP MICV, 900BT R-40/-50/-60, OT-62/-64, Fiat 6614 and M-113A1 APC; some 600 M-101 105mm, 122mm, 130mm, 152mm towed, M-1974 122mm and M-109 155mm sp how; 250 B-11 107mm, BM-21/RM-70 122mm and M-51 130mm MRL; 106mm RCL; 450 81mm, 120mm, 160mm and 240mm mor; 3,000 *Vigilant*, *Milan* and *Sagger* ATGW; 12 *FROG-7*, 30 *Scud-B* ssm; 450 23mm, 30mm, L40/70, 57mm towed and ZSU-23-4 sp AA guns; SA-7/-9 SAM.

(On order: 200 *Lion* (*Leopard 1*) med tks, Fiat 6616 armd cars, 200 *Urutu* APC.)

Navy: 4,000.

3 ex-Sov F-class submarines.

1 *Vosper* Mk 7 frigate with *Seacat* SAM (being refitted with *Aspide* SAM).

1 *Vosper* 440-ton corvette.

14 FAC(M): 2 *Combattante* with *Otomat* SSM, 9 ex-Sov *Osa-II* with *Styx* SSM, 3 *Susa* with SS-12 SSM.

4 *Garian*, 6 *Thornycroft* large patrol craft.

1 *Thornycroft* coastal patrol craft.

2 PS-700 LST, 3 *Polnocny* LCT.

1 LSD (log spt/headquarters ship).

(On order: 3 *Daphne*-class subs, 4 *Wadi M'ragh* corvettes with *Otomat* SSM, 8 *Combattante* II FAC(M).)

Bases: Tripoli, Benghazi, Darna, Tobruk, Buraygah.

Air Force: 4,000; some 287 combat aircraft.\*

1 bbr sqn with 17 Tu-22 *Blinder A*.

1 interceptor sqn and 1 ocu with 50 MiG-23 *Flogger E*, 35 MiG-25 *Foxbat A*, 20 MiG-21.

4 FGA sqns and ocu with 30 *Mirage* IIIIE, 10 IIIB, 40 5D/DE, 10 5DD, 50 MiG-23 *Flogger F*.

1 recce sqn with 10 *Mirage* IIIR, 10 5DR, 5 MiG-25R/U (Soviet crews).

2 trg sqns with 38 *Galeb*.

2 tpt sqns with 7 C-130H, 1 Boeing 707, 9 C-47, 1 Il-76, 14 DHC-6, 9 F-27, 1 *Falcon*, 2 *Jetstar*, 1 *Corvette* 200, 2 *King Air*.

Trainers incl Tu-22 *Blinder C*, 6 *Mirage* F-1BD, 2 *Mystère* 20, 5 MiG-23U, 30 L-39, 12 *Magister*, *Falcon* ST2, 170 SF-260S.

4 hel sqns with 10 *Alouette* III, 6 AB-47, 5 AB-206, 1 AB-212, 8 *Super Frelon*, 20 CH-47C, 12 Mi-8, 26 Mi-24.

AAM: AA-2 *Atoll*, R-550 *Magic*.

3 SAM bdes with 30 *Crotale*, 300 SA-2/-3/-6 SAM.

(On order: 32 *Mirage* F-1AD/ED fighters; 20 G-222, 10 *Twin Otter* tpts; 90 SF-260 trainers; 1 AB-212, *Gazelle*, 1 AS-61A hel; Super 530 AAM.)

### MOROCCO ?

Population: 20,000,000.

Military service: 18 months.

Total armed forces: 116,500.

Estimated GNP 1979: \$15.2 bn.

Defence expenditure 1979: 3.62 bn dirham (\$676 m).

\$1 = 3.95 dirham (1979).

Army: 105,000.†

5 armd groups.

12 mech inf regts.

1 light security bde.

1 para/mountain bde.

8 arty groups.

1 AA bde.

2 Royal Guard bns.

9 camel corps bns.

2 desert cav bns.

8 engr bns.

\* Some may be in storage. Soviet, Pakistani and Palestinian pilots also fly Libyan aircraft.

† Some reorganization appears to be taking place. Organization to be used with caution.



150 M-48, 30 T-54 med, 80 AMX-13 lt tks; 650 armd cars, incl 36 EBR-75, 30 AMX-10, 100 AML-90 and M-8; 364 M-113, 240 VAB, 40 M-3 half-track, 70 OT-62/-64, 30 UR-416, M-3 APC; M-116 75mm, 40 85mm, 100 105mm, 12 130mm, 20 M-114 155mm towed, 24 AMX-105 105mm, 36 AMX-155, 36 M-109 155mm sp how; 360 81mm, 70 82mm, 320 120mm mor; 36 BM-21 122mm MRL; 20 M-56 90mm, 121 *Kuerassier* 105mm sp ATK guns; 75mm, 106mm RCL; *ENTAC*, *Dragon*, *TOW* ATGW; 100 20mm, 37mm, 57mm and 100mm AA guns; SA-7, 10 *Chaparral*, *Crotale* SAM; 4 *Alouette* II, 3 *Gazelle*, 6 A-109 hel.

(On order: AML-90, 70 AMX 10RC armd cars, 160 VAB APC, 40 M-163 *Vulcan* 20mm sp AA.)

Navy: 4,500 (600 Marines).

2 PR-72 FAC(G).

4 large patrol craft.

11 coastal patrol craft.

4 landing ships (3 *Batral*).

1 naval inf bn.

(On order: 1 *Descubierta* frigate, 4 *Lazarga* FAC(G).)

Bases: Casablanca, Safi, Agadir, Kenitra, Tangier.

Air Force: 7,000; 90 combat aircraft.\*

4 FB sqns 13 F/RF-5A, 5 F-5B, 50 *Mirage* F-1CH.

1 COIN sqn with 22 *Magister*.

1 tpt sqn with 12 C-130H, 1 *Gulfstream*, 6 *King Air*, 10 *Broussard*.

2 hel sqns with 40 AB-205A, 8 AB-206, 5 AB-212, 40 *Puma*, 4 HH-43B SAR, 4 Bell 47G, 6 CH-47C.

Trainers: 12 T-34C, 10 AS-201/18 *Bravo*, 28 SF-260M, 7 *AlphaJet*.

AAM: *Sidewinder*, R-550 *Magic*.

(On order: 10 *Mirage* F-1CH, 20 F-5E fighters; 6 OV-10 COIN; 10 Do-28D tpts; 17 *AlphaJet* trg ac; 24 Hughes 500MD hel; *Maverick* ASM.)

Para-Military Forces: 30,000, incl 11,000 *Suret  Nationale*.

#### OMAN

Population: 930,000.

Military service: voluntary.

Total armed forces: 14,200.†

Estimated GNP 1977: \$2.55 bn.

Defence expenditure 1980: 304 rial omani (\$879 m).

\$1 = 0.346 rial (1980), 0.346 rial (1977).

Army: 11,500.

2 bde HQ.

8 inf bns.

1 Royal Guard regt.

3 arty regts (2 lt, 1 med).

1 sigs regt.

1 armd car sqn.

1 engr sqn.

1 para sqn.

*Scorpion* lt tks; 36 *Saladin* armd cars; 5 25-pdr, 36 105mm guns; 81mm, 120mm mor; *TOW* ATGW; 4 ZU-23-2 AA guns.

Navy: 900.

3 corvettes (1 Royal Yacht, 2 ex-Neth *Wildervank*).

6 Brooke Marine large patrol craft (2 with *Exocet* ssm).

4 75-ft coastal patrol craft (marine police).

1 log spt ship (amph).

3 *Loadmaster* landing craft, 2 LCU.

(On order: 3 *Skima*-12 hovercraft, 1 FAC(M).)

Bases: Muscat, Raysut.

Air Force: 1,800;† 38 combat aircraft.

1 FGA/recce sqn with 12 *Hunter* FGA-6, 4 T-7.

1 FGA sqn with 8 *Jaguar* S(O) Mk 1, 2 T-2.

1 COIN/trg sqn with 12 BAC-167.

3 tpt sqns: 1 with 3 BAC-111, 1 *Falcon*; 2 with 7 *Defender*, 14 *Skyvan*.

Royal flt with 1 *Gulfstream*, 1 VC-10 tpts, 2 AS-202 *Bravo* trainers, 1 AB-212 hel.

1 hel sqn with 16 AB-205, 2 AB-206, 5 AB-214B.

2 AD sqns with 28 *Rapier* SAM.

(On order: 2 DHC-5D tpts, 250 *Sidewinder* AAM).

Para-Military Forces: 3,300 tribal Home Guard (*Firqats*). Police Air Wing: 1 *Learjet*, 2 *Turbo-Porter*, 2 *Merlin* IVA ac; 4 AB-205, 2 AB-206 hel.

#### QATAR

Population: 220,000.

Total armed forces: 4,700.

Estimated GNP 1977: \$1 bn.

Defence expenditure 1978: 238 m ryal (\$61 m).

\$1 = 3.87 ryal (1979), 3.95 ryal (1977).

Army: 4,000.

2 armd car regts.

1 tk bn.

1 Guards inf bn.

2 inf bns.

2 arty bns.

24 AMX-30 med tks; 20 EE-9 *Cascavel* armd,

10 *Ferret* scout cars; 30 AMX-10P MICV, 8

*Saracen* APC; 4 25-pdr guns, 6 155mm how;

81mm mor.

(On order: *HAWK* SAM.)

Navy: 400, incl Marine Police.

6 Vosper Thornycroft large patrol craft.

29 coastal patrol craft (2 75-ft, 2 45-ft, 25 *Spear*.)

Base: Doha.

\* Further ac, incl 2 MiG-15, 12 MiG-17 FGA in storage.

† Excluding expatriate personnel.

Air Force: 300, 4 combat aircraft.  
 3 Hunter FGA-6, 1 T-79.  
 1 Islander tpt.  
 2 Whirlwind, 4 Commando, 2 Gazelle, 3 Lynx hel.  
 Tigercat SAM.  
 (On order: 6 AlphaJet trainers.)

## SAUDI ARABIA

Population: 8,224,000.  
 Military service: conscription.  
 Total armed forces: 47,000.  
 Estimated GDP 1979: \$94.6 bn.  
 Defence expenditure 1980-81: 68.9 bn Saudi riyals  
 (\$20.7 bn).  
 \$1 = 3.33 riyals (1980), 3.77 riyals (1979).

Army: 31,000.  
 1 armd bde (being increased to 2).  
 1 mech bde.  
 3 inf bdes.  
 1 Royal Guard Regt (3 bns).  
 3 arty bns.  
 2 para bns.  
 18 AA arty btys.  
 10 SAM btys with HAWK.  
 280 AMX-30, 100 M-60 med tks; 200 AML-60/90  
 armd, Ferret, 50 Fox scout cars; 150 AMX-10P  
 MICV, 200 M-113, Panhard M-3 APC; 105mm  
 pack, 105mm and 155mm SP how; 75mm RCL;  
 TOW, Dragon ATGW; AMX-30 30mm, M-42  
 40mm SP AA guns; HAWK, Crotale SAM.  
 (On order: 370 AMX-30, 150 M-60 med tks; 94  
 V-150 Commando, AML-90 armd, 50 Fox  
 scout cars; Panhard M-3, 200 AMX-10 APC;  
 Dragon, 50 TOW ATGW; M-163 Vulcan 20mm,  
 86 35mm SP AA guns; Redeye, Shahine, Crotale,  
 6 btys Improved HAWK SAM.)

Navy: 1,500.  
 3 Jaguar FAC(T).  
 1 large patrol craft (ex-US coastguard cutter).  
 72 coastal patrol craft (coastguard).  
 4 MSC-322 coastal minesweepers.  
 2 ex-US LCM, 4 ex-US LCU.  
 (On order: 4 corvettes with Harpoon; 9 FAC(M)  
 with Harpoon SSM; Exocet SSM.)

Bases: Jiddah, Al Qatif/Jubail, Ras Tanura,  
 Damman, Yanbo, Ras al Mishab.

Air Force: 14,500; 136 combat aircraft.  
 3 FB sqns with 65 F-5E.  
 1 interceptor sqn with 15 Lightning F-53, 2 T-55.  
 3 OCU with 24 F-5F, 16 F-5B, 12 Lightning F-53,  
 2 T-55.  
 2 tpt sqns with 34 C-130E, 25 C-130H, 6 KC-  
 130H, 2 Jetstar, CASA C-212.  
 2 hel sqns with 12 AB-206, 12 AB-205, 10 AB-212.  
 Other ac incl 1 Boeing 707, 2 Falcon 20 tpts, 2

Alouette III, 1 AB-206, 1 Bell 212, 2 AS-61A,  
 KV-107 hel.  
 Trainers: 39 BAC-167, 12 Cessna 172G/H/L.  
 AAM: Red Top, Firestreak, Sidewinder, R-530,  
 R-550 Magic. ASM: Maverick.  
 (On order: 45 F-15 fighters; 15 TF-15 trainers;  
 1 Boeing 747, 20 CASA C-212-200 tpts; 660  
 Sidewinder AAM; 916 Maverick ASM.)

Para-Military Forces: 20,000 National Guard in  
 20 regular and semi-regular bns; 150 V-150  
 Commando APC. 6,500 Frontier Force and  
 Coastguard; 70 small patrol boats, 8 SRN-6  
 hovercraft. General Civil Defence Adminis-  
 tration units.

## SUDAN

Population: 18,378,000.  
 Military service: conscription.  
 Total armed forces: 68,000.  
 Estimated GDP 1977: \$6.15 bn.  
 Defence expenditure 1977-78: £S 84.9 m (\$242.6 m).  
 \$1 = £S 0.35 (1978), £S 0.34 (1977).

Army: 65,000.  
 2 armd bdes.  
 7 inf bdes.  
 1 para bde.  
 3 arty regts.  
 3 AD arty regts.  
 1 engr regt.  
 70 T-54, 60 T-55 med, 30 Ch Type 62 Lt tks; 50  
 Saladin armd, 60 Ferret scout cars; 100 BTR-  
 40/50/152, 60 OT-64, 49 Saracen, 45 V-150  
 Commando, 50 AMX-10P APC; 55 25-pdr, 40  
 100mm, 20 M-101 105mm, 18 122mm guns/how;  
 30 120mm mor; 30 85mm ATK guns; 80 40mm,  
 80 37mm, 85mm AA guns; SA-7 SAM.  
 (On order: 50 M-60A1 med tks, 100 M-113 APC.)

Navy: 1,500.  
 6 large patrol craft (2 ex-Yug Kraljevica, 4 PBR).  
 6 ex-Yug '101' FAC(G).  
 3 70-ton coastal patrol craft.  
 2 ex-Yug DTK-221 LCT, 1 DTM-231 LCU.

Base: Port Sudan.

Air Force: 1,500; 36 combat aircraft.  
 2 FGA/interceptor sqns with 24 Mirage 50.  
 1 FGA sqn with 12 MiG-17F/F-4.  
 1 tpt sqn with 6 C-130H, 5 An-24, 4 F-27, 1  
 DHC-6, 4 DHC-5D, 8 Turbo-Porter, 6 EMB-  
 110P2.  
 1 hel sqn with 10 Mi-8, 12 Puma.  
 Trainers incl 5 BAC-145, 6 Jet Provost Mk 55  
 (some in storage).  
 AAM: AA-2 Atoll.

(On order: 10 F-5E, 2 F-5F, 12 Ch F-6 fighters;  
2 C-130 tpts; 6 BO-105 hel.)

*Para-Military Forces*: 3,500: 500 National Guard,  
500 Republican Guard, 2,500 Border Guard.

### SYRIA

Population: 8,800,000.

Military service: 30 months.

Total armed forces: 247,500.

Estimated GDP 1979: \$9.2 bn.

Defence expenditure 1980: £Syr 15.87 bn (\$4.04 bn).

\$1 = £Syr 3.93 (1979, 1980).

Army: 200,000, incl 140,000 conscripts.  
3 armd divs (each 2 armd, 1 mech bde).  
2 mech divs (each 1 armd, 2 mech bdes).  
2 indep armd bdes.  
4 indep mech bdes.  
2 arty bdes.  
5 cdo regts.  
1 para regt.

2 ssm regts: 1 with *Scud*, 1 with *FROG*.

32 SAM btys with SA-2/-3/-6/-9.

2,200 T-54/-55, 600 T-62, 120 T-72 med tks;  
BRDM recce vehs; BMP micv, 1,600 BTR-  
40/-50/-60/-152, OT-64 APC; 800 122mm,  
130mm, 152mm and 180mm guns/how; ISU-  
122/-152 sp guns; 122mm, 140mm, 240mm MRL;  
15 *FROG*, 36 *Scud* ssm; 82mm, 120mm, 160mm  
mor; 57mm, 85mm, 100mm ATK guns; *Snapper*,  
*Sagger*, *Swatter*, *Milan* ATGW; 23mm, 37mm,  
57mm, 85mm, 100mm towed, ZSU-23-4, ZSU-  
57-2 sp AA guns; SA-7/-9 SAM; 25 *Gazelle* hel.

(On order: 130 T-72 med tks, sp arty, *FROG* ssm,  
*HOT* ATGW, SA-6/-8/-9 SAM, *Gazelle* hel.)

#### DEPLOYMENT:

*Lebanon*: (Arab Deterrent Force): 35,000.

RESERVES: 100,000.

Navy: 2,500.

2 ex-Sov *Petya* I frigates.

18 FAC(M) with *Styx* ssm: 6 ex-Sov *Osa*-I, 6 *Osa*-II,  
6 *Komar*.

8 ex-Sov P-4 FAC(T).

1 ex-Fr CH large patrol craft.

3 ex-Sov minesweepers: 1 T-43 ocean, 2 *Vanya*  
coastal.

(On order: FAC(M).)

Bases: Latakia, Tartus.

RESERVES: 2,500.

Air Force: 45,000 (incl AD command); about 395  
combat ac.\*

7 FGA sqns: 4 with 60 MiG-17, 1 with 20 Su-7, 2  
with 30 Su-20.

4 FGA/interceptor sqns with 60 MiG-23.

12 interceptor sqns: 1 with 25 MiG-25, 11 with 200  
MiG-21PF/MF.

2 tpt wings with 2 An-12, 3 An-24, 4 An-26, 2  
*Mystère* 20F.

Trainers incl 60 L-29, MiG-15UTI, 32 MBB-223  
*Flamingo*.

Hel incl 4 Mi-2, 8 Mi-4, 70 Mi-8, 4 Ka-25 ASW,  
35 *Gazelle*.

AAM: AA-2 *Atoll*.

(On order: MiG-23/-27 fighters, 18 AB-212, 21  
*Super Frelon* hel, AAM.)

AIR DEFENCE COMMAND: † 15,000.

50 SAM btys with SA-2/-3, 25 with SA-6, AA arty,  
and radar.

*Para-Military Forces*: 9,500: 8,000 Gendarmerie,  
1,500 Desert Guard (Frontier Force). Palestine  
Liberation Army Brigade of 6,000 with Syrian  
officers (nominally under PLO). 500,000 workers  
militia.

### TUNISIA

Population: 6,390,000.

Military service: 12 months selective.

Total armed forces: 28,600.

Estimated GNP 1979: \$6.99 bn.

Defence expenditure 1979: 45.5 m dinars (\$114 m).

\$1 = 0.40 dinars (1980), 0.41 dinars (1979).

Army: 24,000.

1 armd regt.

2 armd recce regts.

2 combined arms regts.

1 Sahara regt.

1 arty regt.

1 AA arty regt.

2 para-cdo regts.

1 engr bn.

Aviation wing.

40 AMX-13, 20 M-41 lt tks; 20 *Saladin*, 15 EBR-  
75, 10 AML armd cars; 30 M-113A1, 50 Fiat  
6614 APC; 40 105mm, 10 155m how; 60mm,  
81mm, 82mm and 107mm mor; 45 *Kuerassier*  
105mm SPATK guns; SS-11 ATGW; 45 37mm and  
40mm AA guns; 1 Hughes 500MD, 6 AB-205,  
6 UH-1N hel.

(On order: 30 M-113A1, 70 Fiat 6614 APC; 1,200  
*TOW* ATGW; 26 M-163A1 20mm *Vulcan* sp AA  
guns; RBS-70, 328 *Chaparral* SAM; 12 AB-205  
hel.)

Navy: 2,600 (500 conscripts).

1 ex-US *Savage* frigate.

\* Some aircraft believed to be in storage.

† Under Army Command, with Army and Air Force  
manpower.

4 large patrol craft (1 ex-Fr *Le Fougeux*, 3 P-48 with SS-12 SSM).  
 2 Vosper Thornycroft 103-ft FAC(P).  
 2 ex-Ch *Shanghai-II* FAC(G).  
 2 ex-US *Adjutant* coastal minesweepers.  
 12 coastal patrol boats.

Bases: Tunis, Susa.

Air Force: 2,000 (500 conscripts); 14 combat aircraft.

1 fighter/trg sqn with 10 MB-326B/K, 4 MB-326L.  
 Trainers: 12 SF-260WT, 6 SF-260C, 12 T-6, 12 Saab *Safir*.

Liaison ac: 4 S-208A.

Hel: 8 *Alouette II*, 6 *Alouette III*, 4 UH-1H, 1 *Puma*.

Para-Military Forces: 2,500: 1,500 Gendarmerie (3 bns), 1,000 National Guard.

#### UNITED ARAB EMIRATES (UAE)

Population: 920,000.

Military service: conscription.

Total armed forces: 25,150.\*

Estimated GDP 1978: \$12.0 bn.

Defence expenditure 1979: 2.88 bn dirhams (\$750 m).

\$1 = 3.84 dirhams (1979), 3.88 dirhams (1978).

Army: 23,500.

1 Royal Guard 'bde'.

4 armd/armd car bns.

7 inf bns.

3 arty bns.

3 AD bns.

45 *Scorpion* lt tks; 6 *Shorland*, 150 AML-90 armd cars; AMX VCI, Panhard M-3 APC; 22 25-pdr, 105mm guns; 6-10 AMX 155mm SP how; 81mm mor; 120mm RCL; *Vigilant* ATGW; *Rapier*, *Crotale*, RBS-70 SAM.

(In store: 70 *Saladin* armd, 60 *Ferret* scout cars, 12 *Saracen* APC.)

(On order: 20 *Lion* med, 35 *Scorpion* lt tks.)

Navy: 900.

6 *Jaguar* FAC(G).

6 Vosper Thornycroft large patrol craft.

3 Keith Nelson coastal patrol craft.

(On order: 10 P-1200 FAC.)

Base: Abu Dhabi.

Air Force: 750; 52 combat aircraft.

2 interceptor sqns with 26 *Mirage 5AD*, 3 *5RAD*, 3 *5DAD*.

1 FGA sqn with 7 *Hunter FGA-76*, 2 T-77.

1 COIN sqn with 10 MB-326KD/LD, 1 SF-260WD.

Tpts incl 2 C-130H, 1 Boeing 720-023B, 1 G-222, 4 *Islander*, 1 *Falcon*, 3 DHC-4, 4 DHC-5D, 1 Cessna 182.

Hel incl 4 AB-205, 6 AB-206, 3 AB-212, 7 *Alouette III*, 9 *Puma*.

AAM: R-550 *Magic*.

ASM: AS-11/-12.

(On order: 1 G-222 tpt, *Lynx* hel.)

Para-Military Forces: Marine Police; 20 coastal patrol boats.

#### YEMEN ARAB REPUBLIC (NORTH)

Population: 5,300,000.

Military service: 3 years.

Total armed forces: 32,100.

Estimated GNP 1977: \$1.5 bn.

Defence expenditure 1979: 360 m riyals (\$79 m).

\$1 = 4.56 riyals (1979), 4.54 riyals (1977).

Army: 30,000 (20,000 conscripts).

2 inf divs (10 inf bdes, incl 3 reserve).

2 armd bdes.

1 para bde.

2 cdo bdes.

5 arty bns.

2 AA arty bns.

64 M-60, 300 T-34, 500 T-54/-55 med tks; 50 *Saladin* armd, *Ferret* scout cars; 12 M-106 mor-armed, 76 M-113, 350 BTR-40/-152, *Walid* APC; 200 76mm and 122mm guns; 50 SU-100 SP guns; 200 82mm and 120mm mor; 65 BM-21 122mm MRL; 82mm RCL; *LAW* RL; 20 *Vigilant* ATGW; 37mm, 57mm towed, 18 ZSU-23-4, 72 M-163/167 *Vulcan* SP AA guns.

(On order: 150 BTR APC; 155mm how; *TOW*, *Dragon* ATGW.)

Navy: 600.

3 ex-Sov P4 FAC(T).

5 ex-Sov patrol craft: 2 *Zhuk*, 3 *Poluchat*.

2 LCM.

Base: Hodeida.

Air Force: 1,500; 49 combat aircraft.†

4 fighter sqns: 1 with 10 MiG-21, 1 with 12 MiG-17F, 1 with 12 F-5E, 1 with 15 Su-22.

Tpts: 2 C-130H, 3 C-47, 2 *Skyvan*, 1 Il-14, 1 An-24, 3 An-26.

Trainers: 4 F-5B, 4 MiG-15UTI.

Hel: 1 Mi-4, 6 AB-206, 6 AB-212, 2 *Alouette*.

AAM: AA-2 *Atoll*.

(On order: 30 MiG-21, 5 Su-22 fighters; 5 btys SA-2 SAM.)

Para-Military Forces: 20,000 tribal levies.

\*The Union Defence Force and the armed forces of the United Arab Emirates (Abu Dhabi, Dubai, Ras Al Khaimah and Sharjah) were formally merged in May 1976.

†Some aircraft are believed to be in storage.

**YEMEN: PEOPLE'S DEMOCRATIC  
REPUBLIC (SOUTH)**

Population: 2,120,000.

Military service: 2 years.

Total armed forces: 23,300.

Estimated GNP 1978: \$500 m.

Defence expenditure 1978-79: 19 m dinars (\$56 m).

\$1 = 0.345 dinars (1979), 0.34 dinars (1978).

Army: 22,000 (to rise to about 40,000 by 1982).

1 mech bde.

10 inf bdes.

1 marine bde.

1 SAM regt.

375 T-34/-54/-55/-62 med tks; 10 *Saladin* armd, 10 *Ferret* scout cars; 200 BTR-40/-152 APC; 185 25-pdr, 105mm pack, 122mm and 130mm how; 120mm mor; BM-21 122mm MRL; 122mm RCL; 140 37mm, 57mm, 85mm towed and ZSU-23-4 SP AA guns; SA-3/-7/-9 SAM.

Navy: 500 (subordinate to Army).

4 ex-Sov *Osa* FAC(M) with *Styx* SSM.

2 ex-Sov SO-1 large patrol craft.

2 ex-Sov P-6 FAC(r)⋄.

2 ex-Sov *Zhuk* FAC(p)⋄.

1 *Pozharny* harbour patrol craft.

3 *Spear* coastal patrol craft⋄.

1 ex-Sov T-58 ocean minesweeper.

3 ex-Sov *Polnocny* LCT.

1 ex-Sov LST.

3 LCA.

Bases: Aden, Mukalla.

Air Force: 1,300; 111 combat aircraft.\*

1 lt bbr sqn with 12 Il-28.

4 FGA sqns: 2 with 37 MiG-17F, 1 with 10 MiG-21,

1 with 12 Su-20/-22.

3 interceptor sqns with 40 MiG-21F.

1 tpt sqn with 4 Il-14, 3 An-24.

1 hel sqn with 6 Mi-24, 8 Mi-8, some Mi-4.

Trainers: 3 MiG-15UTI.

AAM: AA-2 *Atoll*.

Para-Military Forces: Popular Militia. 15,000  
Public Security Force.

\* Some ac believed to be in storage, and some are believed flown by Soviet and Cuban crews.

# IRAN

## General

With the cancellation of foreign orders in 1979 the rapid material advances of this navy has been halted. What ships there are are suffering from two major problems—lack of maintenance and lack of spares. The UK/US maintenance teams have departed and a navy which has never kept very much in the way of spares now has no means of obtaining them. As a result several ships are laid up. In the past the training of semi-illiterate conscripts was a major problem. Now, without foreign help, this dilemma must be almost insurmountable. With poor morale following the general instability of affairs the ships on the following pages cannot be considered as an efficient fighting fleet.

## Bases

Persian Gulf  
 Bandar Abbas (MHQ)  
 Booshehr  
 Kharg Island  
 Khorramshar (Light Forces)  
 Indian Ocean  
 Chah Bahar (under construction)  
 Caspian Sea  
 Bandar—Pahlavi (Training)

## Naval Air

7 Sikorsky SH-3D (Sea King) (11 on order)  
 7 Bell AB-212  
 2 Lockheed P-3C Orions (Maritime Patrol)  
 4 Fokker F-27 Mk 400 M (Transport)  
 4 Aero Commanders (Flag officers)  
 6 RH.53D helicopters (3 on order)  
 4 Falcon F20

## Prefix to Ships' Names

IS

## Strength of the Fleet

Type	Active	Building (Planned)
Destroyers	3	—
Frigates	4	—
Corvettes	4	—
Fast Attack Craft (Missile)	9	(3)
Large Patrol Craft	7	—
Coastal Patrol Craft	40	(+750)
Hovercraft	14	—
Landing Ships (L)	2	2
Landing Craft (U)	1	—
Minesweepers—Coastal	3	—
Minesweepers—Inshore	2	—
Replenishment Tanker	1	—
Supply Ships	2	—
Repair Ship	1	—
Harbour Tanker	1	—
Water Boats	3	—
Tugs	3	—
Yachts	2	—
Floating Dock	1	—
Survey Craft	4	—
Customs Craft	2	—
Coast Guard (Coastal Patrol Craft)	26	—

## Mercantile Marine

Lloyd's Register of Shipping:  
 208 vessels of 1 194 675 tons

## DELETIONS

### Mine Warfare Forces

1974 *Shahbaz* (ex-US MSC) after collision damage

### Service Forces

1974 *Sohrab* (ex-US ARL 36) sunk as AIS target

### Coast Guard

1975 *Gohar, Shahpar, Shahram* (to Sudan)

## PENNANT LIST

### Destroyers

51 Artemiz  
 61 Babr  
 62 Palang

### Frigates

71 Saam  
 72 Zaal  
 73 Rostam  
 74 Faramarz

### Corvettes

81 Bayandor  
 82 Naghdi  
 83 Milanian  
 84 Khanamuie

### Light Forces

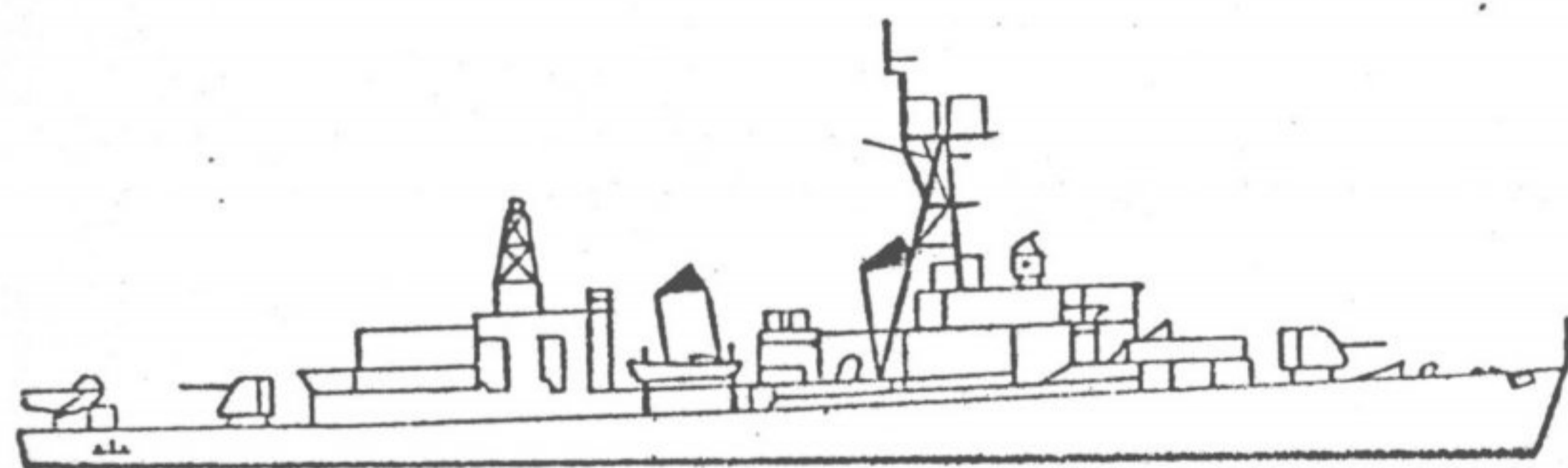
01-08 "Winchester" class hovercraft  
 101-106 "Wellington" class hovercraft  
 201 Kaivan  
 202 Tiran  
 203 Mehran  
 204 Mahan  
 211 Parvin  
 212 Bahram  
 213 Nahid  
 P 221 Kaman  
 P 222 Zoubin  
 P 223 Khadang  
 P 224 Peykan  
 P 225 Joshan  
 P 226 Falakhon  
 P 227 Shamshir  
 P 228 Gorz  
 P 229 Gardouneh  
 P 230 Khanjar  
 P 231 Neyzeh  
 P 232 Tabarzin

### Mine Warfare Forces

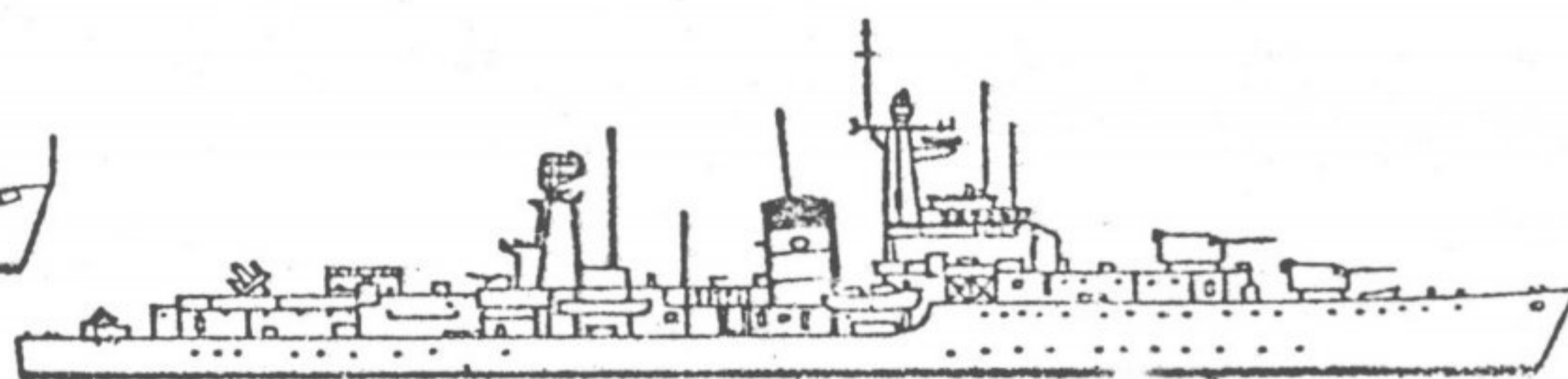
301 Shahrokh  
 302 Simorgh  
 303 Karkas  
 311 Harischi  
 312 Riazi

### Service and Auxiliary Forces

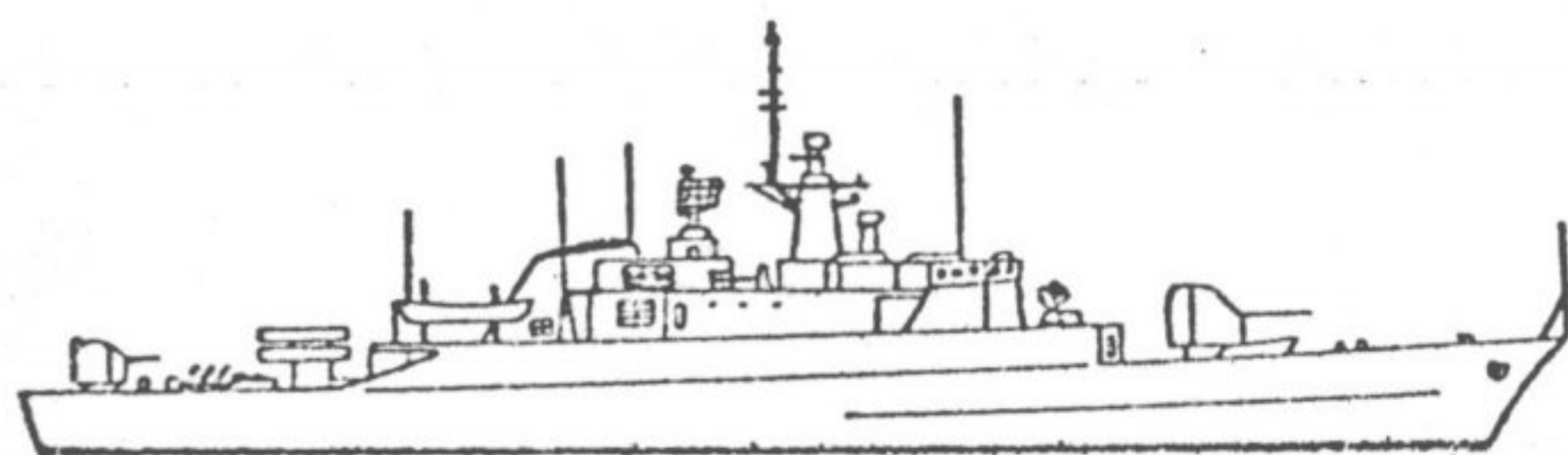
45 Bahmanshir  
 98 Kharg  
 401 Lengeh  
 402 Hormuz  
 421 Bandar Abbas  
 422 Booshehr  
 441 Chahbahar  
 501 Quesham  
 511 Hengam  
 512 Lerak



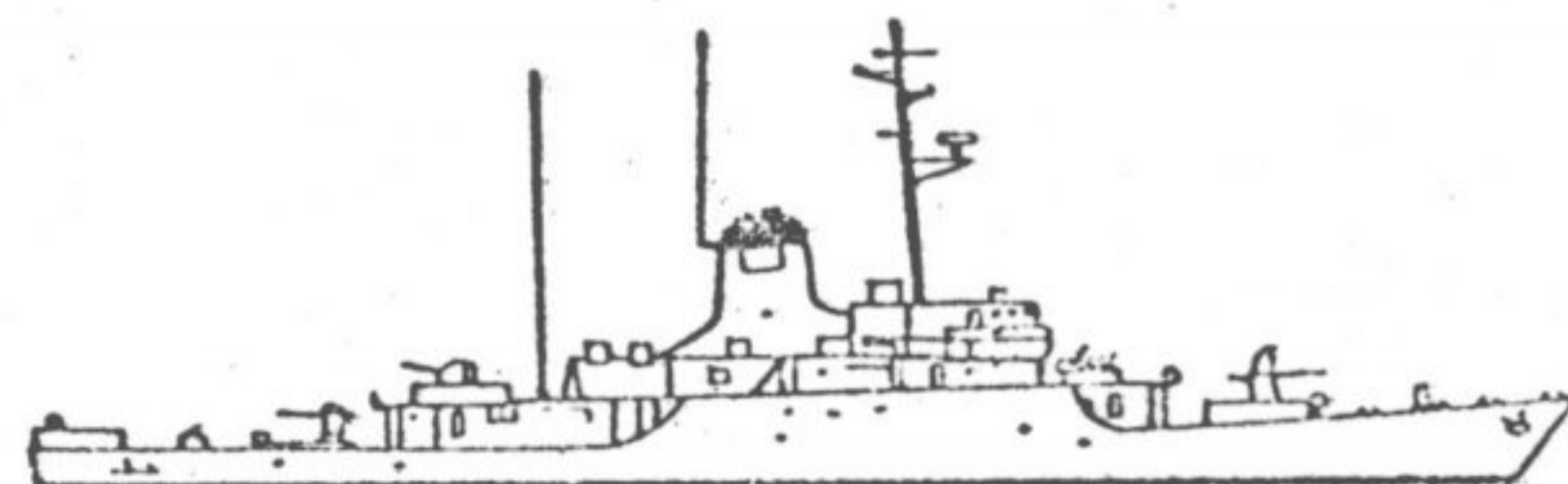
BABR and PALANG



ARTEMIZ



"SAAM" Class



"PF 103" Class

At the time of the change of control in Iran three ex-US "Tang" class submarines were earmarked for transfer—one, *Kusseh* (ex-USS *Trout*) had been transferred on 19 December 1978 and the USA has been asked to find a new buyer. The transfers of the other two, *USS Tang* and *Wahoo*, were cancelled on 3 February and 31 March 1978 respectively. Six Type 1500 submarines had been ordered from Howaldtswerke, Kiel. This was cancelled early in 1979, by which time considerable progress had been made in the West German yard.

**DESTROYERS**

Originally, in 1974, six "Modified Spruance" class (details in 1979-80 edition) were ordered from Litton Industries, USA. In June 1976 two of these were cancelled and in February 1979 two more were cancelled. On 31 March 1979 the final pair was cancelled and the hulls were taken over by the US Navy.

**1 Ex-BRITISH "BATTLE" CLASS**

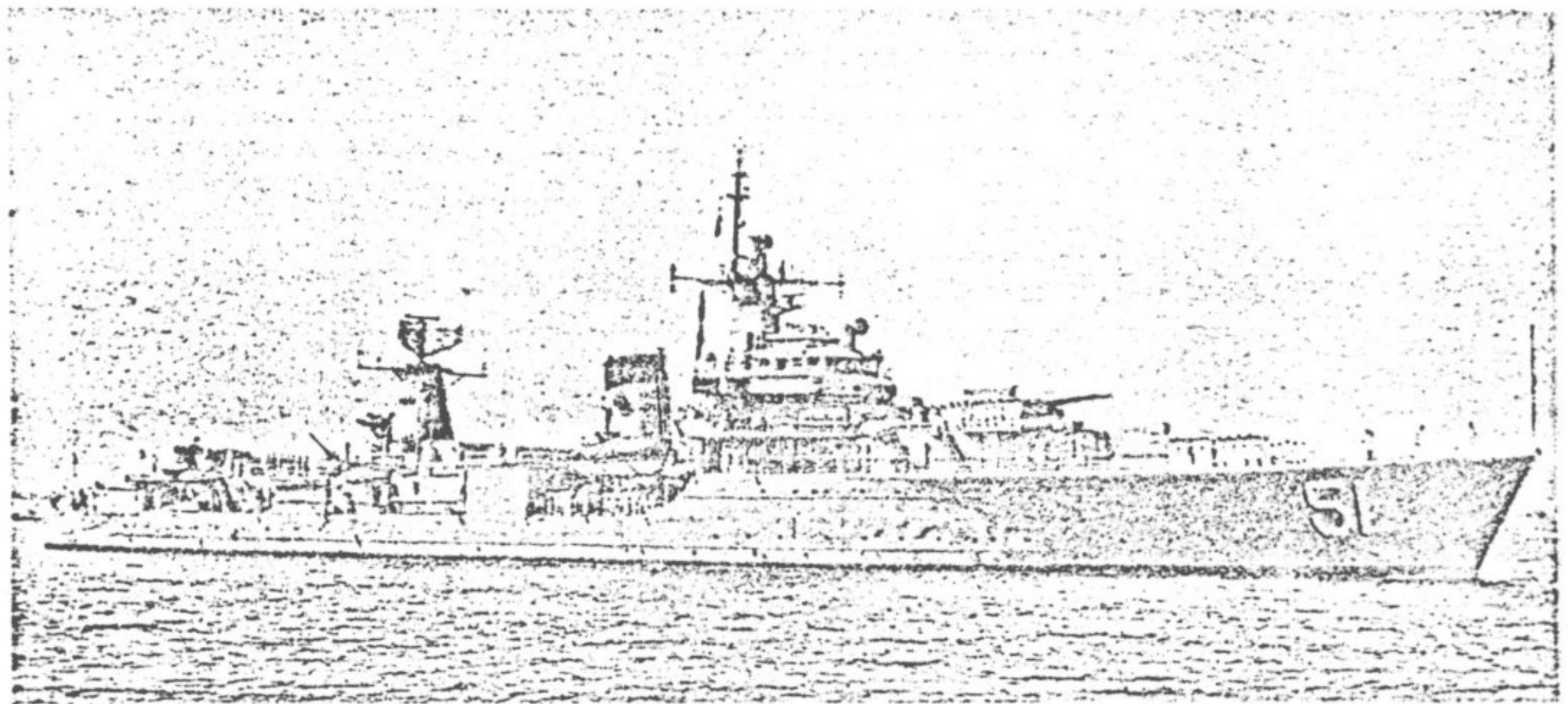
Name	No.	Builders	Laid down	Launched	Commissioned
ARTEMIZ (ex-HMS <i>Sluys</i> , D 60)	51	Cammell Laird & Co Ltd, Birkenhead	24 Nov 1943	28 Feb 1945	30 Sep 1946

Displacement, tons: 2 325 standard; 3 360 full load  
 Dimensions, feet (metres): 379 x 40.5 x 17.5  
 (115.5 x 12.3 x 5.2)  
 Missiles: SSM; Standard (8 with quad launcher);  
 SAM; Seacat; (est 16 with quad launcher)  
 Guns: 4—4.5 in (115 mm) (twin, fwd);  
 2—40 mm/60 (single)  
 AS weapons: 1 Squid 3-barrelled DC mortar  
 Main engines: Parsons geared turbines; 2 shafts; 50 000 shp  
 Boilers: 2 Admiralty 3-drum type  
 Speed, knots: 35.5  
 Oil fuel, tons: 660  
 Range, miles: 3 000 at 20 knots  
 Complement: 270

Transferred to Iran at Southampton on 26 January 1967, and handed over to the Imperial Iranian Navy after a three-year modernisation refit by the Vosper Thornycroft Group.

Radar: Search: Plessey AWS 1.  
 Air surveillance with on-mounted IFF.  
 Fire control: Contraves Sea-Hunter.  
 Radar intercept: Decca RDL 1.  
 Radar DF equipment.

Refit: At Cape Town 1975-76.



ARTEMIZ

1978, Chris Gee

**2 Ex-US "ALLEN M. SUMNER (FRAM II)" CLASS**

Name	No.	Builders	Laid down	Launched	Commissioned
BABR (ex-USS <i>Zellers</i> , DD 777)	61	Todd Pacific Shipyards	24 Dec 1943	19 July 1944	25 Oct 1944
PALANG (ex-USS <i>Stormes</i> , DD 780)	62	Todd Pacific Shipyards	15 Apr 1944	4 Nov 1944	27 Jan 1945

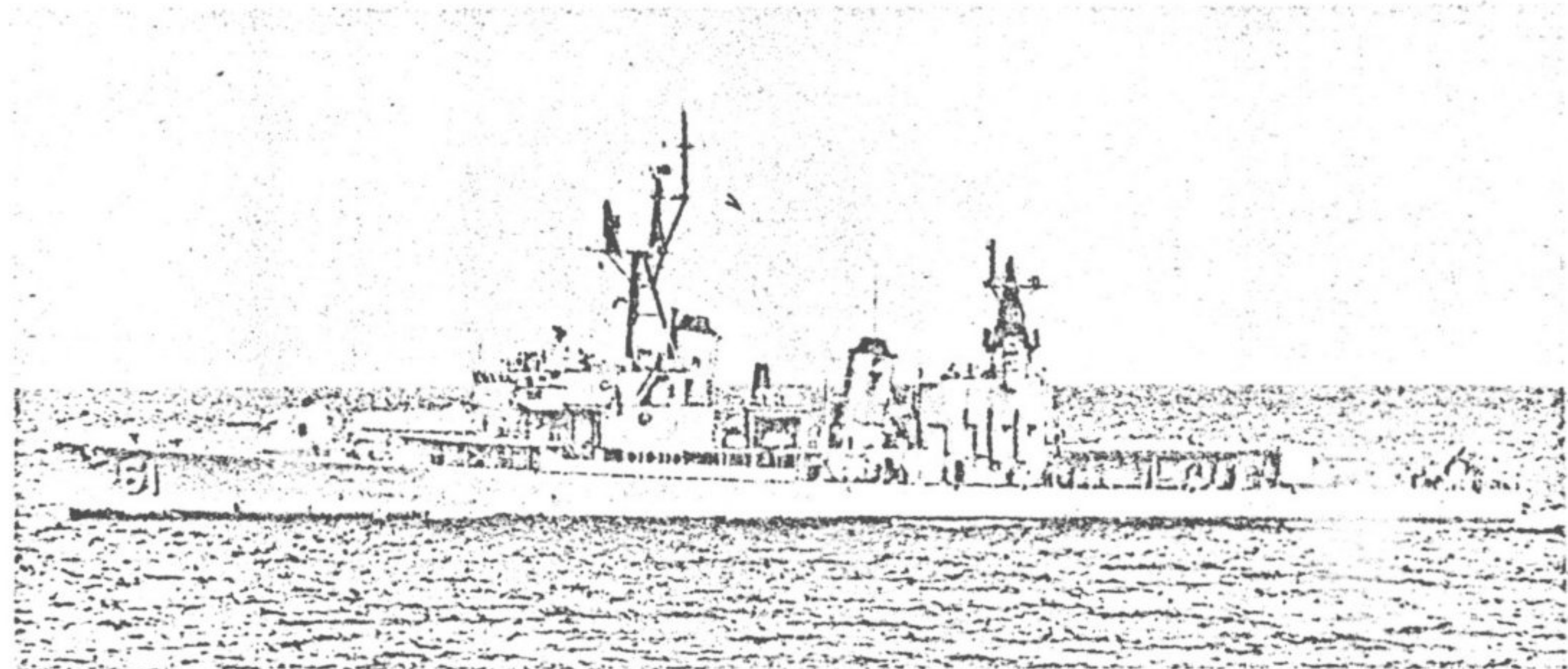
Displacement, tons: 2 200 standard; 3 320 full load  
 Dimensions, feet (metres): 376.5 x 40.9 x 19  
 (114.8 x 12.4 x 5.8)  
 Aircraft: 1 AS helicopter  
 Missiles: SSM; Standard (8 with 4 launchers)  
 Guns: 4—5 in (127 mm)/38 (twin Mk 38)  
 AS weapons: 2 fixed Hedgehogs;  
 2 triple torpedo launchers (Mk 32)  
 Main engines: 2 geared turbines; 60 000 shp; 2 shafts  
 Boilers: 4  
 Speed, knots: 34  
 Complement: 274 (14 officers, 260 ratings)

Two "FRAM II" conversion destroyers of the "Allen M. Sumner" class nominally transferred to Iran from the US Navy in March 1971 for delivery in 1972. Both in reserve in 1980 due to lack of spare parts.

Conversion: Both ships received a full refit as well as conversion at Philadelphia NSY before sailing for Iran. This included a much-improved air-conditioning layout, the removal of B gun-mount with its magazine, altered accommodation, the fitting of a Canadian telescopic hangar, the siting of the four Standard missile launchers athwartships beside the new torpedo stowage between the funnels, the rigging of VDS and fitting of Hedgehogs in B position.

Electronics: Extensive intercept and jamming (ULQ.6) arrays fitted.

Names: *Babr* (Tiger), *Palang* (Leopard).



BABR

1978, Imperial Iranian Navy

Radar: Search: SPS 10  
 Air-surveillance: SPS 37 with on-mounted IFF.  
 Gun fire control system Mk 37 with radar Mk 25 on director.  
 Navigational: One on bridge.

Sonar: SQS 29 series; VDS (*Babr*).

Spares: USS *Gainard* (DD 706) was to have been taken over in March 1971, but, being beyond repair, was replaced by USS *Stormes* (DD 780). Ex-USS *Kenneth D. Bailey* (DD 713) ("Gearing" class) purchased 13 January 1975 and ex-USS *Bordelon* (DD 881) on 1 February 1977 for spares.

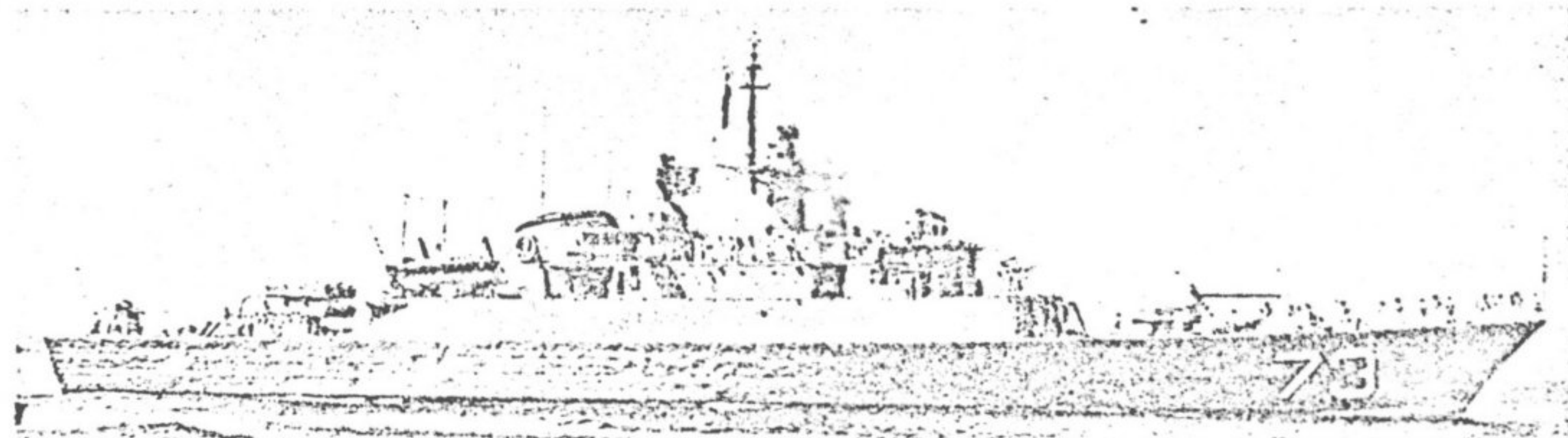
**FRIGATES**

**4 "SAAM" CLASS**

Name	No.	Builders	Laid down	Launched	Commissioned
SAAM	71	Vosper Thornycroft, Woolston	22 May 1967	25 July 1968	20 May 1971
ZAAL	72	Vickers, Barrow	3 Mar 1968	4 Mar 1969	1 Mar 1971
ROSTAM	73	Vickers, Newcastle & Barrow	10 Dec 1967	4 Mar 1969	June 1972
FARAMARZ	74	Vosper Thornycroft, Woolston	25 July 1968	30 July 1969	28 Feb 1972

Displacement, tons: 1 110 standard; 1 400 full load  
 Dimensions, feet (metres): 310 x 34 x 11.2 (94.4 x 10.4 x 3.4)  
 Missiles: SSM; 5 Sea Killer (quin launcher);  
 SAM; Seacat (est 9, triple launcher)  
 Guns: 1—4.5 in (115 mm) 55 (Mk 8)  
 2—35 mm/90 Oerlikon (1 twin)  
 AS weapons: 1 Limbo 3-barrelled DC mortar  
 Main engines: 2 Rolls-Royce Olympus gas turbines;  
 46 000 shp; 2 Paxman 16-cyl Ventura diesels; 3 800 shp;  
 2 shafts; cp propellers  
 Speed, knots: 39  
 Range, miles: 3 200 at 17 knots  
 Complement: 125 (accommodation for 146)

It was announced on 25 August 1966 that Vosper Ltd, Portsmouth had received an order for four vessels for the Iranian Navy. Air-conditioned throughout. Fitted with Vosper stabilisers. *Rostam* was towed to Barrow for completion.



ROSTAM

1978, Chris Gee

Names: All heroes of the Shah Nameh, the national epic.  
 Radar: Air surveillance Plessey AWS 1 with on-mounted IFF.  
 Two Contraves Sea Hunter systems for control of 35 mm, Sea Killers and Seacats. Decca RDL 1 passive DF equipment.

Refit: *Saam* and *Zaal* taken in hand by HM Dockyard Devonport July/August 1975 for major refit including replacement of Mk 5 4.5-in gun by Mk 8. Completed 1977.

Sonar: Types 170 and 174.

## CORVETTES

## 4 Ex-US "PF 103" CLASS

Name	No.	Builders	Laid down	Launched	Commissioned
BAYANDOR (ex-US PF 103)	81	Levingstone Shipbuilding Co, Orange, Texas	20 Aug 1962	7 July 1963	18 May 1964
NAGHDI (ex-US PF 104)	82	Levingstone Shipbuilding Co, Orange, Texas	12 Sep 1962	10 Oct 1963	22 July 1964
MILANIAN (ex-US PF 105)	83	Levingstone Shipbuilding Co, Orange, Texas	1 May 1967	4 Jan 1968	13 Feb 1969
KAHNAMUIE (ex-US PF 106)	84	Levingstone Shipbuilding Co, Orange, Texas	12 June 1967	4 Apr 1968	13 Feb 1969

Displacement, tons: 900 standard; 1 135 full load  
 Dimensions, feet (metres): 275 x 33 x 10.2 (83.8 x 10 x 3.1)  
 Guns: 2—3 in (76 mm) 50 (single); 2—40 mm 60 (twin);  
 2—23 mm (twin)  
 AS weapons: 4 DCTs, 2 DC racks 60  
 Main engines: F-M diesels; 2 shafts; 6 000 bhp  
 Speed, knots: 20  
 Complement: 140

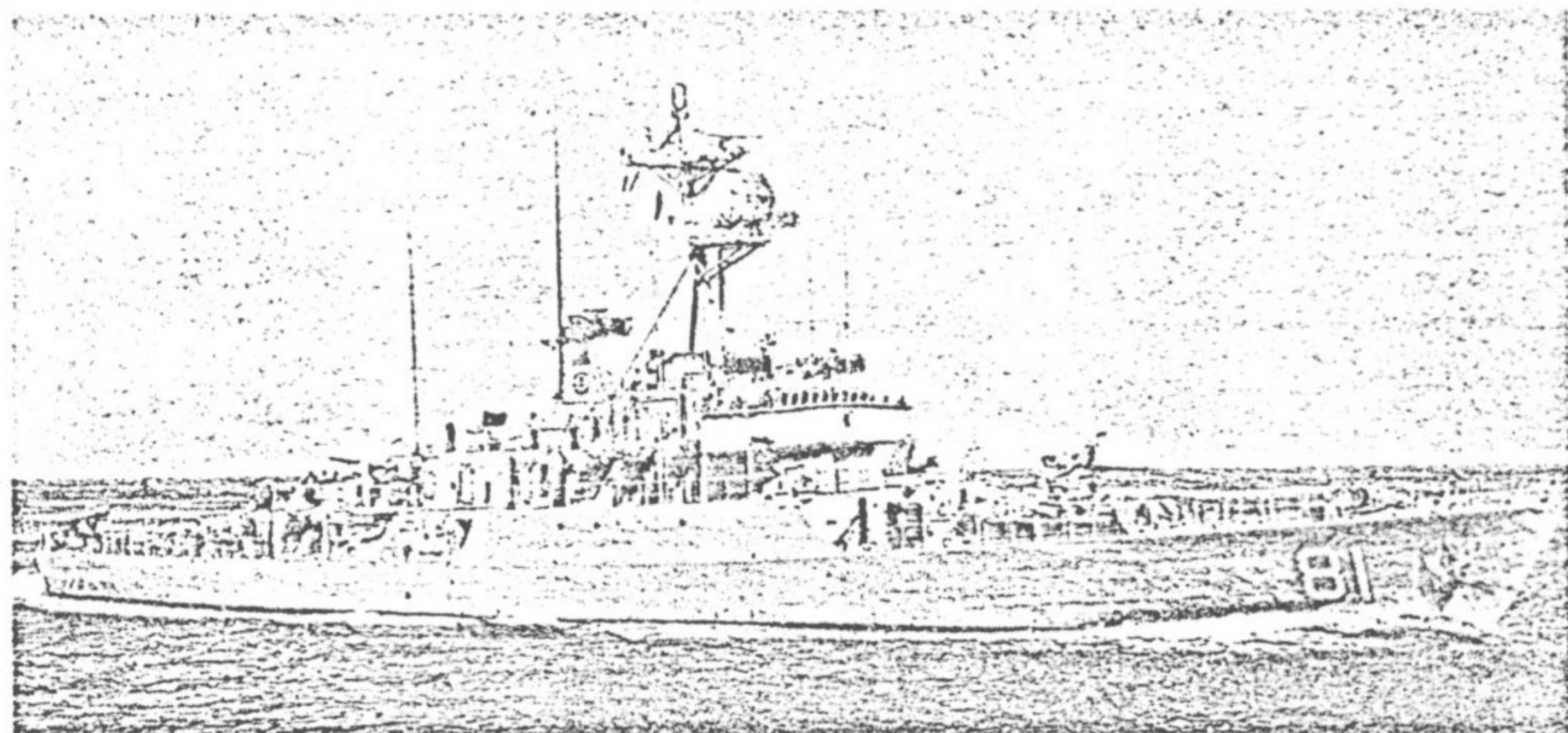
Built as two pairs, five years apart. Transferred from the USA to Iran under the Mutual Assistance programme in 1964 (*Bayandor* and *Naghdi*) and 1969 (*Kahnamuie* and *Milanian*).

Conversion: Mid-life conversion planned to include 76 mm OTO Melara guns.

Gunnery: The 23 mm guns were purchased from the Soviet army and replace the Hedgehog.

Names: Naval officers killed in the engagement with the British in 1941.

Radar: Search: SPS 6.  
 Navigation: Raytheon.  
 Fire control: SPG 34 on forward 76 mm (Mk 33) mount.  
 Mk 63 for 76 mm, Mk 51 for 40 mm.



BAYANDOR

1978, Imperial Iranian Navy

## LIGHT FORCES

## 12 "KAMAN" CLASS (FAST ATTACK CRAFT—MISSILE)

Name	No.	Builders	Commissioned
KAMAN	P 221	Construction de Mécanique, Normandie	12 Aug 1977
ZOUBIN	P 222	Construction de Mécanique, Normandie	12 Sep 1977
KHADANG	P 223	Construction de Mécanique, Normandie	15 Mar 1978
PEYKAN	P 224	Construction de Mécanique, Normandie	31 Mar 1978
JOSHAN	P 225	Construction de Mécanique, Normandie	23 Mar 1978
FALAKHON	P 226	Construction de Mécanique, Normandie	31 Mar 1978
SHAMSHIR	P 227	Construction de Mécanique, Normandie	31 Mar 1978
GORZ	P 228	Construction de Mécanique, Normandie	22 Aug 1978
GARDOUNEH	P 229	Construction de Mécanique, Normandie	11 Sep 1978
KHANJAR	P 230	Construction de Mécanique, Normandie	23 Oct 1978
NEYZEH	P 231	Construction de Mécanique, Normandie	1978
TABARZIN	P 232	Construction de Mécanique, Normandie	1978

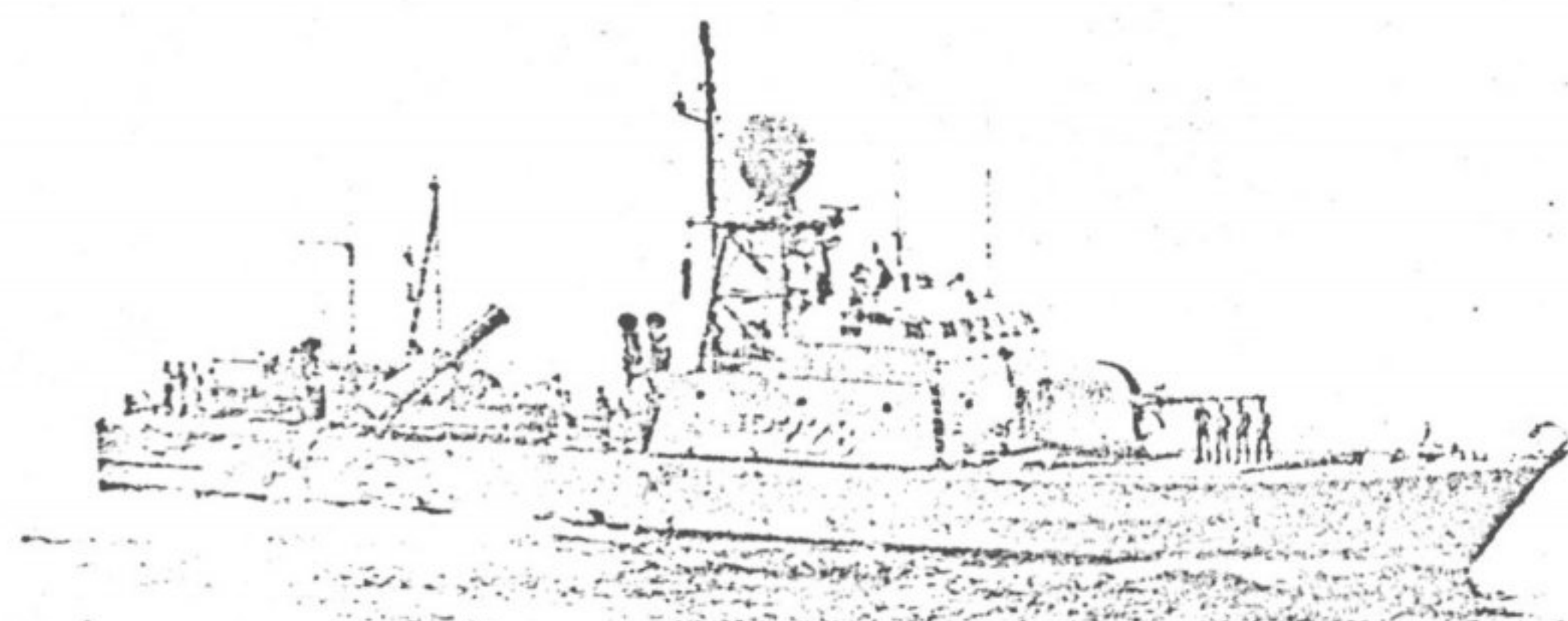
Displacement, tons: 230 standard; 275 full load  
 Dimensions, feet (metres): 154.2 x 23.3 x 6.4 (47 x 7.1 x 1.9)  
 Missiles: SSM; 4 Harpoon (single cells)  
 Guns: 1—76 mm 62 (single Compact); 1—40 mm 70 Bofors  
 Main engines: 4 MTU 16V538 TB91 diesels; 4 shafts; 14 400 bhp = 36 knots  
 Oil fuel, tons: 41  
 Range, miles: 700 at 33 knots  
 Complement: 30

Cf "La Combattante II" design. Ordered in February 1974. For completion by April 1979. *Kaman* laid down 5 February 1975, launched 8 January 1976; *Zoubin* laid down 4 April 1975, launched 31 March 1976; *Khadang* laid down 20 June 1975, launched 15 July 1976; *Peykan* laid down 15 October 1975, launched 12 October 1976. *Joshan* laid down 5 January 1976, launched 21 February 1977; *Falakhon* laid down 15 March 1976, launched 2 June 1977; *Shamshir* laid down 15 May 1976; *Gorz* laid down 5 August 1976; *Gardouneh* laid down 18 October 1976; *Khanjar* laid down 17 January 1977; *Neyzeh* laid down 12 April 1977; *Tabarzin* laid down 24 June 1977.

The last three boats have been embargoed in France due to non-payment of cash. The later boats have not yet received their missiles.

Names: *Kaman* (bow), *Zoubin* (javelin), *Khadang* (arrowhead), *Peykan* (arrow), *Joshan* (boiling oil), *Falakhon* (sling), *Shamshir* (scimitar), *Gorz* (mace), *Gardouneh* (roulette), *Khanjar* (dagger), *Neyzeh* (spear), *Tabarzin* (battleaxe).

Radar: Tactical and fire control: WM 28 (Hollandse Signaalapparaten).



GORZ

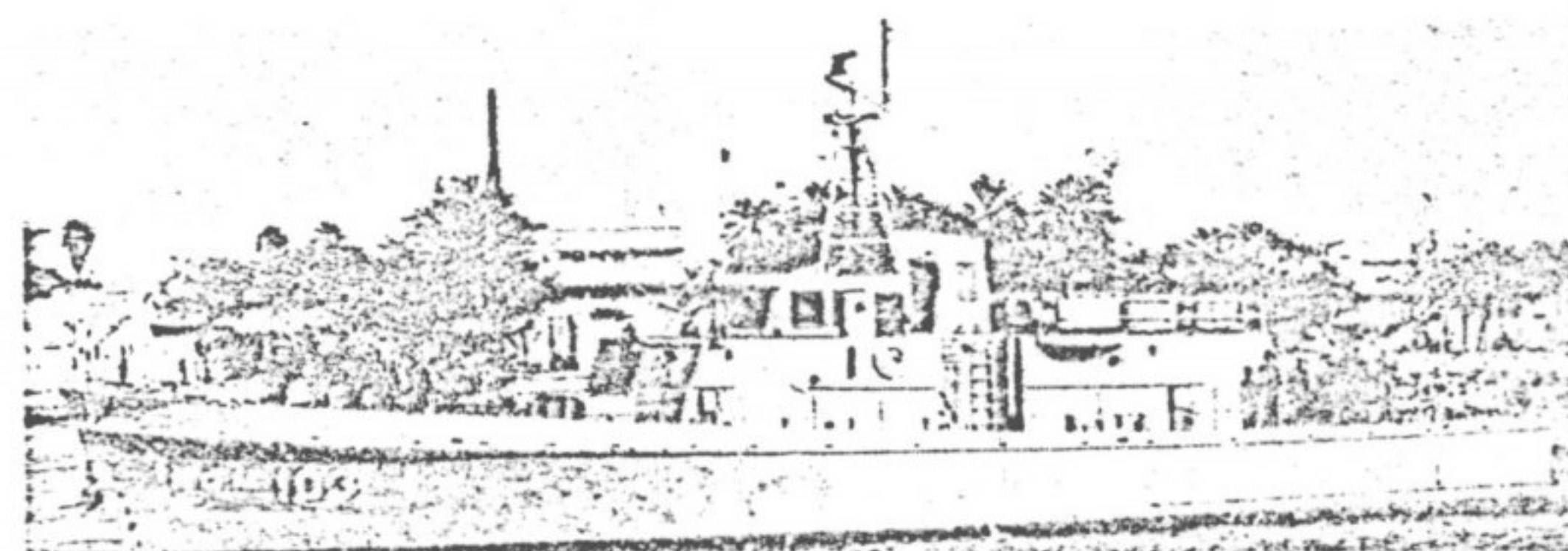
5/1978, C. and S. Taylor

## 3 IMPROVED "PGM-71" CLASS (LARGE PATROL CRAFT)

Name	No.	Builders	Commissioned
PARVIN (ex-US PGM 103)	211	Peterson Builders Inc	1967
BAHRAM (ex-US PGM 112)	212	Peterson Builders Inc	1969
NAHID (ex-US PGM 122)	213	Peterson Builders Inc	1970

Displacement, tons: 105 standard; 146 full load  
 Dimensions, feet (metres): 100 x 22 x 10 (30.5 x 6.7 x 3.1)  
 Guns: 1—40 mm; 2—20 mm; 2—50 cal MGs  
 Main engines: 8 General Motors diesels; 2 000 bhp = 15 knots

Names: *Parvin* (Mercury), *Bahram* (Mars), *Nahid* (Venus).



PARVIN (original number)

1971

## 4 US COASTGUARD "CAPE" CLASS (LARGE PATROL CRAFT)

Name	No.	Builders	Commissioned
KAIVAN	201	USA	14 Jan 1956
TIRAN	202	US Coast Guard, Curtis Bay, Maryland	1957
MEHRAN	203	USA	1959
MAHAN	204	USA	1959

Displacement, tons: 85 standard; 107 full load  
 Dimensions, feet (metres): 95 x 20.2 x 6.8 (28.9 x 6.2 x 2)  
 Gun: 1—40 mm  
 AS weapons: 8-barrelled 7.2 in projector, 8—300 lb depth charges  
 Main engines: 4 Cummins diesels; 2 shafts; 2 200 bhp = 20 knots  
 Range, miles: 1 500 cruising  
 Complement: 15

Names: All islands in the Gulf.



MAHAN (old pennant number)

1975, Imperial Iranian Navy



20 + 50 US "64 ft Mk III" CLASS (COASTAL PATROL CRAFT)

Displacement, tons: 28.6  
 Dimensions, feet (metres): 64.9 x 18.4 x 6.6 (19.8 x 5.6 x 2)  
 Guns: 3—20 mm; 1—12.7 mm  
 Main engines: 3 General Motors 8V71-TI diesels; 3 shafts; 2 050 hp = 30 knots  
 Range, miles: 500 at 30 knots  
 Complement: 5

Twenty ordered from Peterson, USA in 1973 and 50 in 1976. 20 are listed under Coast Guard on later page.

20 US "50 ft Mk II" CLASS (COASTAL PATROL CRAFT)

Displacement, tons: 22  
 Dimensions, feet (metres): 50.2 x 15.7 x 6.2 (15.3 x 4.8 x 1.9)  
 Guns: 4—12.7 mm (twins)  
 Main engines: 2 General Motors 12V71 diesels; 2 shafts; 900 hp = 26 knots  
 Complement: 6

Ordered from Peterson, USA in 1976-77.

40 BERTRAM ENFORCER TYPE

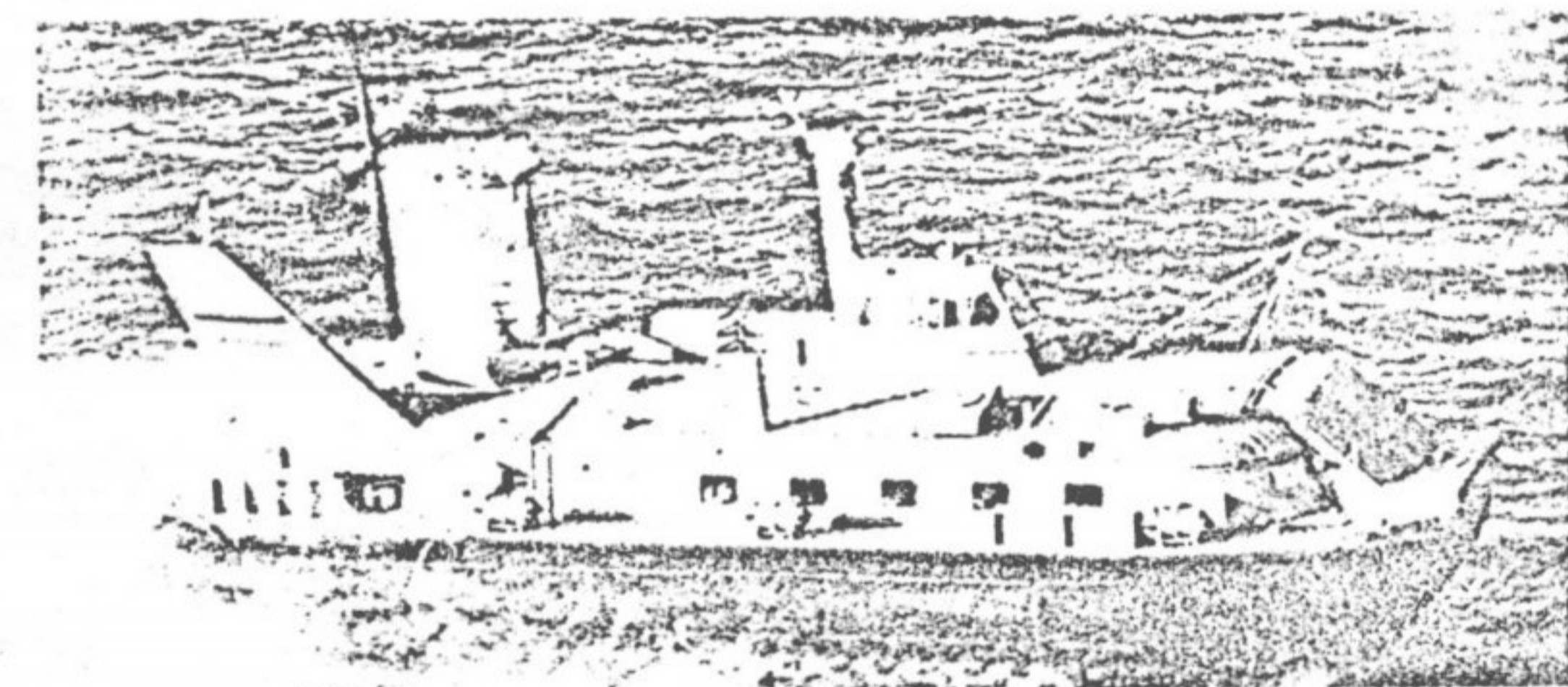
Harbour patrol craft of 31 ft and 20 ft.

6 "WELLINGTON" (BH.7) CLASS (HOVERCRAFT)

Name	No.	Builders	Commissioned
—	101	British Hovercraft Corporation	Nov 1970
—	102	British Hovercraft Corporation	Mar 1971
—	103	British Hovercraft Corporation	mid-1974
—	104	British Hovercraft Corporation	mid-1974
—	105	British Hovercraft Corporation	late 1974
—	106	British Hovercraft Corporation	early 1975

Weight, tons: 50 max; 33 empty  
 Dimensions, feet (metres): 76 x 45 x 42 (23.2 x 13.7 x 12.8)  
 Missiles: SSMs in last four (see note)  
 Guns: 2 Browning MGs  
 Main engine: 1 Proteus 15 M:541 gas turbine = 60 knots  
 Oil fuel, tons: 10

First pair are BH 7 Mk 4 and the next four are Mk 5 craft. Mk 5 craft fitted for, but not with, surface-to-surface missiles.



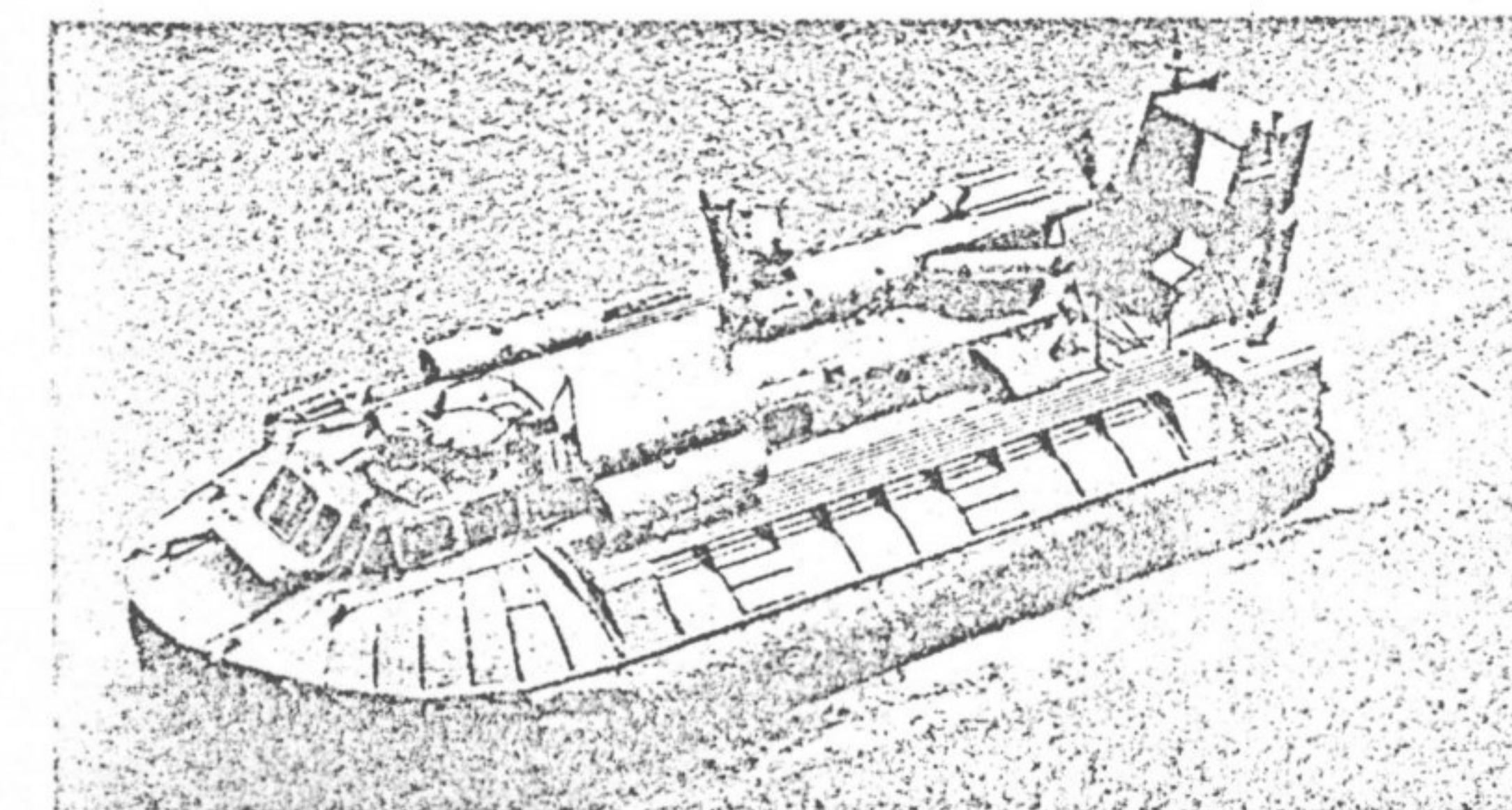
"WELLINGTON" Hovercraft 101 1975, Imperial Iranian Navy

8 "WINCHESTER" (SR.N6) CLASS (HOVERCRAFT)

Name	No.	Builders	Commissioned
—	01	British Hovercraft Corporation	1973
—	02	British Hovercraft Corporation	1973
—	03	British Hovercraft Corporation	1973
—	04	British Hovercraft Corporation	1974
—	05	British Hovercraft Corporation	1974
—	06	British Hovercraft Corporation	1975
—	07	British Hovercraft Corporation	1975
—	08	British Hovercraft Corporation	1975

Weight, tons: 10 normal gross (basic weight 14 200 lb; disposable load 8 200 lb)  
 Dimensions, feet (metres): 48.4 x 25.3 x 15.9 (height) (14.8 x 7.7 x 4.8)  
 Guns: 1 or 2—50 cal MGs  
 Main engines: 1 Gnome Model 1050 gas turbine = 58 knots  
 1 Peters diesel as auxiliary power unit

Ordered 1970-72. The Iranian Navy has the world's largest fully operational hovercraft squadron, which is used for coastal defence and logistic duties.



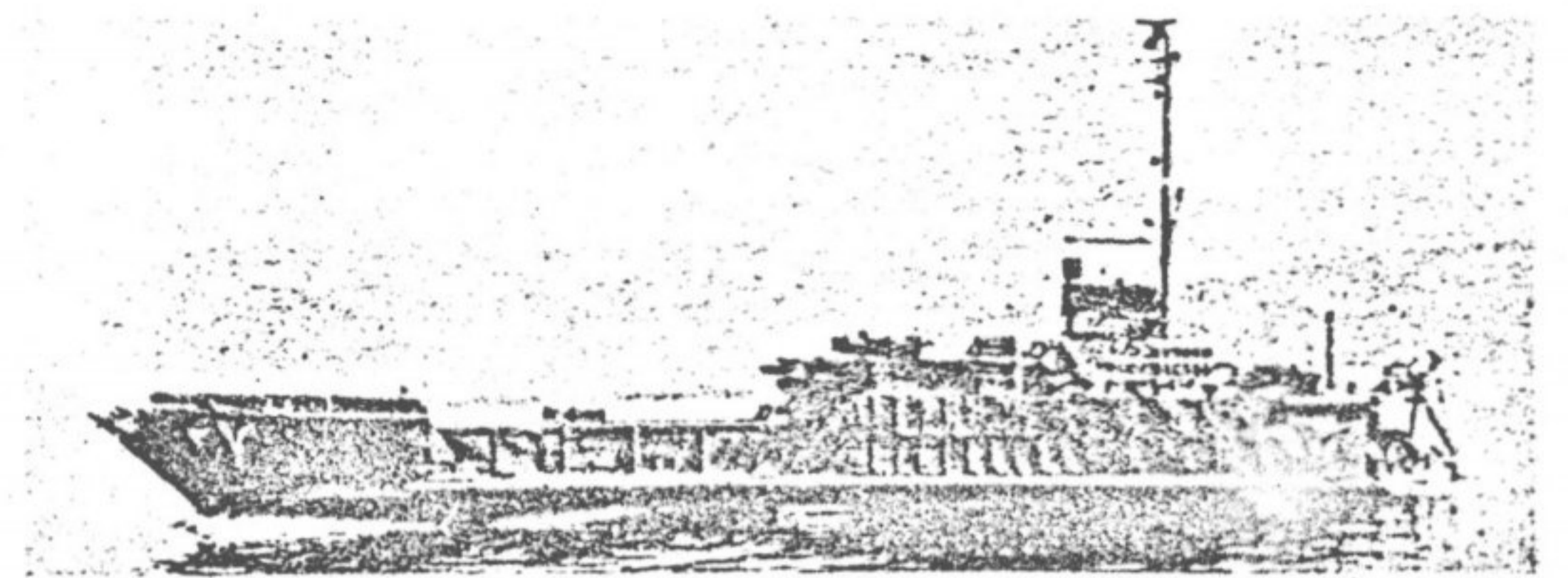
"WINCHESTER" Hovercraft 03 1971

LANDING CRAFT

QESHM (ex-US LCU 1431) 501

Displacement, tons: 160 light; 320 full load  
 Dimensions, feet (metres): 119 x 32 x 5.7 (36.3 x 9.8 x 1.7)  
 Guns: 2—20 mm  
 Main engines: Diesels; 675 bhp = 10 knots  
 Complement: 14

LCU 1431 was transferred to Iran by the USA in September 1964 under the Military Aid Programme. Named after an island in the Gulf.



QESHM 1971

MINE WARFARE FORCES

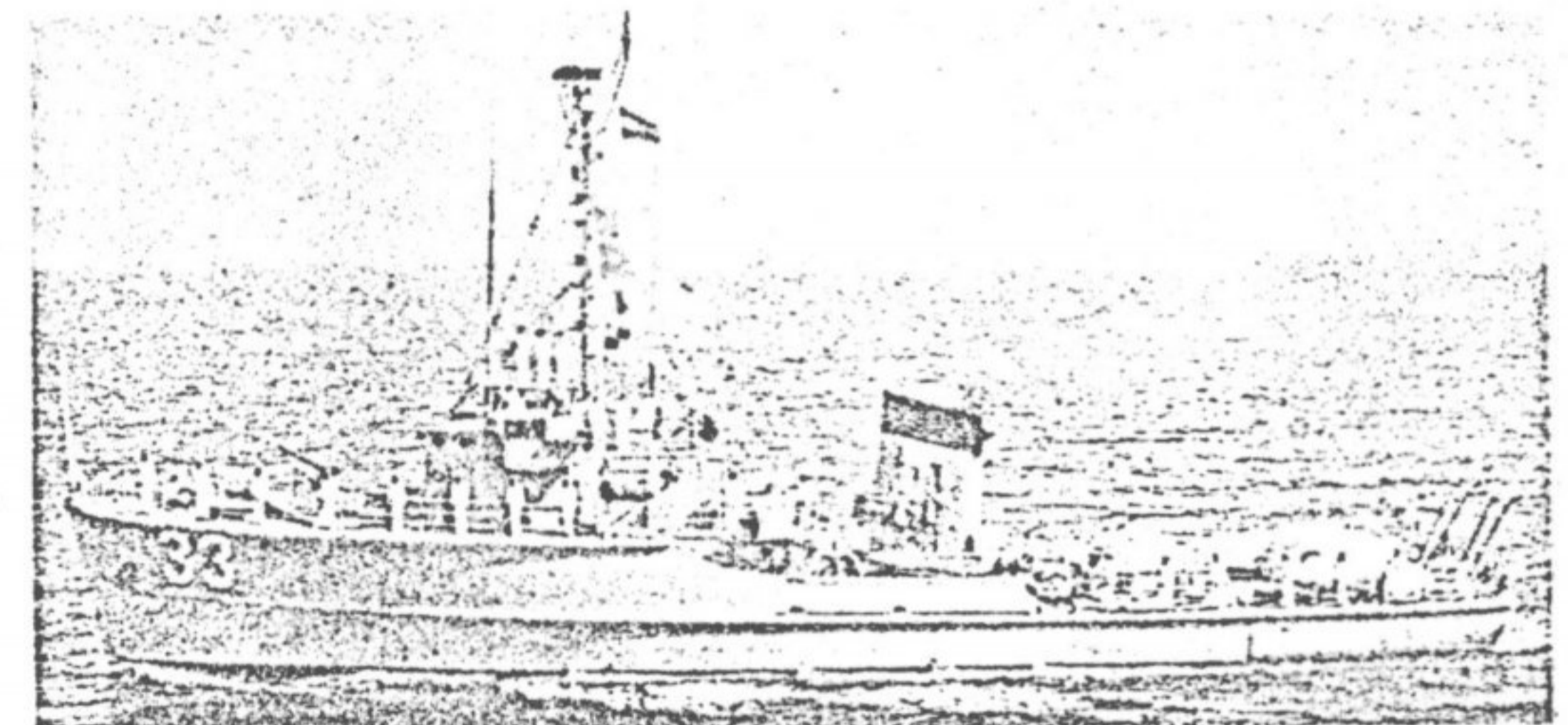
3 Ex-US "MSC 292 and 268" CLASS (MINESWEEPERS—COASTAL)

Name	No.	Builders	Commissioned
SHAHROKH (ex-USS MSC 276)	301	Bellingham Shipyards Co	1960
SIMORGH (ex-USS MSC 291)	302	Tacoma Boatbuilding Co	1962
KARKAS (ex-USS MSC 292)	303	Peterson Builders Inc	1960

Displacement, tons: 320 light; 378 full load  
 Dimensions, feet (metres): 145.8 x 28 x 8.3 (44.5 x 8.5 x 2.5)  
 Gun: 1—20 mm (double-barrelled)  
 Main engines: 2 General Motors diesels; 2 shafts; 890 bhp = 12.8 knots  
 Oil fuel, tons: 27  
 Range, miles: 2 400 at 11 knots  
 Complement: 40 (4 officers, 2 midshipmen, 34 men)

Originally class of four. Of wooden construction. Launched in 1958-61 and transferred from the USA to Iran under MAP in 1959-62. *Shahrokh* now in the Caspian Sea.

Names: *Shahrokh* (an ancient king), *Simorgh* (a fabled bird), *Karkas* (vulture).



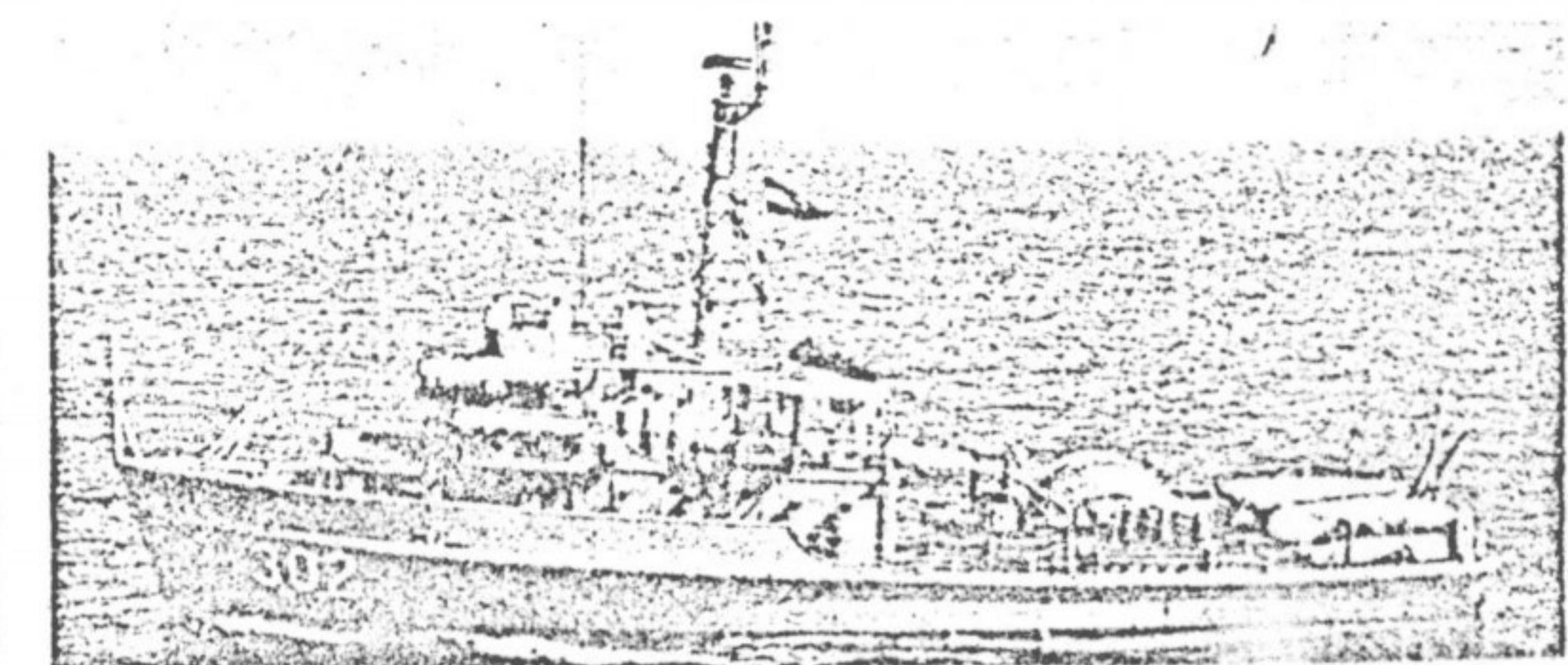
SIMORGH (old pennant number) 1975, Imperial Iranian Navy

2 US "CAPE" CLASS (MINESWEEPERS—INSHORE)

Name	No.	Builders	Commissioned
HARISCHI (ex-Kahnamaie, ex-MSI 14)	311	Tacoma Boatbuilding Co	3 Sep 1964
RIAZI (ex-MSI 13)	312	Tacoma Boatbuilding Co	15 Oct 1964

Displacement, tons: 180 standard; 235 full load  
 Dimensions, feet (metres): 111 x 23 x 6 (33.9 x 7.0 x 1.8)  
 Gun: 1—50 cal MG  
 Main engines: Diesels; 650 bhp = 13 knots  
 Oil fuel, tons: 20  
 Range, miles: 1 000 at 9 knots  
 Complement: 23 (5 officers, 18 men)

Delivered to Iran under MAP. Laid down on 22 June 1962 and 1 February 1963, and transferred at Seattle, Washington, on 3 September 1964 and 15 October 1964, respectively. In August 1967 *Kahnamaie* was renamed *Harischi* as the name was required for one of the new US PFs (see *Corvettes*).



RIAZI (old pennant number) 1975, Imperial Iranian Navy

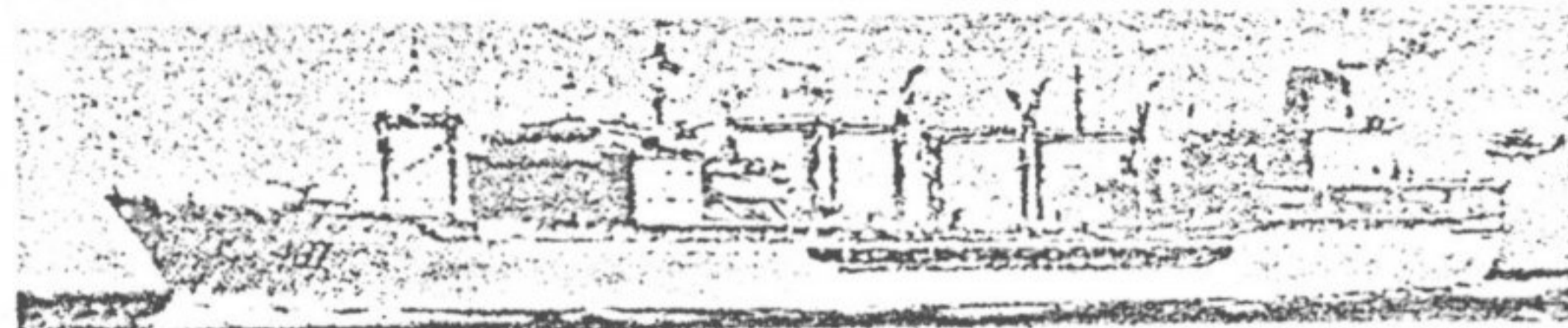
## SERVICE FORCES

## 1 REPLENISHMENT SHIP

Name	No.	Builders	Commissioned
KHARG	431	Swan Hunter Ltd, Wallsend	1978

Displacement, tonnes: 10 890 light; 33 014 full load  
 Measurement, tons: 20 100 deadweight; 21 100 gross  
 Dimensions, feet (metres): 680 x 87 x 30 (207.2 x 26.5 x 9.1)  
 Aircraft: 3 helicopters  
 Guns: 1—76 mm OTO Melara; 4—40 mm (twin)  
 Main engine: Westinghouse geared turbine; 26 870 shp; 1 shaft  
 Boilers: 2 Babcock & Wilcox, 2-drum high pressure  
 Speed, knots: 21.5  
 Complement: 248

Ordered October 1974. Laid down 27 January 1976. Launched 3 February 1977.  
 A design incorporating some of the features of the British "Ol" class but carrying ammunition and dry stores in addition to fuel.  
 Ship handed over to Iranian crew in late January 1980.



KHARG

1978, Swan Hunter Ltd

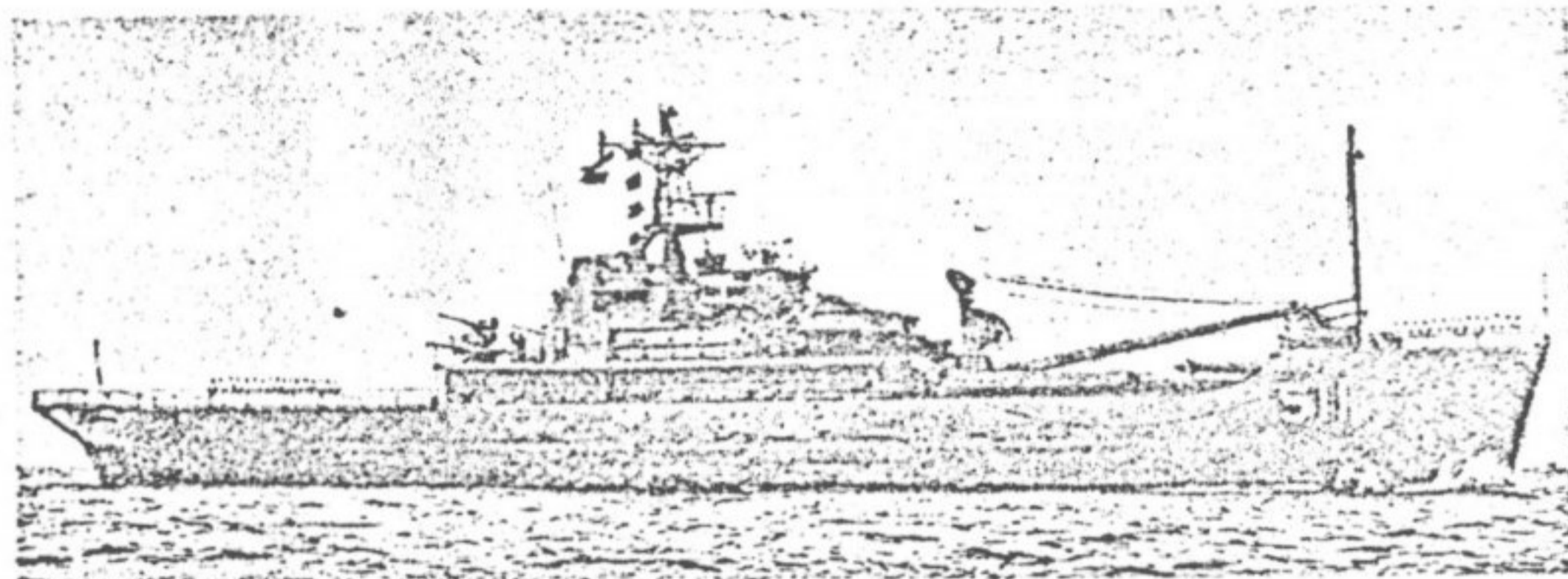
## 4 LANDING SHIPS (LOGISTIC)

Name	No.	Builders	Commissioned
HENGAM	511	Yarrow (Shipbuilders) Ltd, Clyde	12 Aug 1974
LARAK	512	Yarrow (Shipbuilders) Ltd, Clyde	12 Nov 1974
LAVAN	513	Yarrow (Shipbuilders) Ltd, Clyde	1979
TONB	514	Yarrow (Shipbuilders) Ltd, Clyde	1979

Displacement, tons: 2 500  
 Dimensions, feet (metres): 305 x 49 x 7.3 (93 x 15 x 2.4)  
 Guns: 4—40 mm (single)  
 Main engines: 4 Paxman 12 YJCM diesels; 2 shafts; 5 600 bhp (511, 512);  
 MTU diesels (513, 514)  
 Speed, knots: 14.5  
 Range, miles: 3 500 at 12 knots  
 Complement: 80 plus 227 embarked troops

Smaller than British *Sir Lancelot* design with no through tank deck. Carry up to nine tanks depending on size (one Chieftain abreast or two T54.55). First two ordered 25 July 1972. *Hengam* laid down late 1972, launched 27 September 1973. *Larak* laid down 1973, launched 7 May 1974. Four more ordered 20 July 1977. *Lavan* laid down 6 February 1978, launched (not named) 12 June 1979. *Tonb* ready for launch autumn 1979. Some payments made over, construction continuing slowly but the order had not been cancelled by spring 1980. The material for the last two ships of the second order had been ordered by Yarrows when the order was cancelled in early 1979.

Names: Islands in the Gulf.



HENGAM

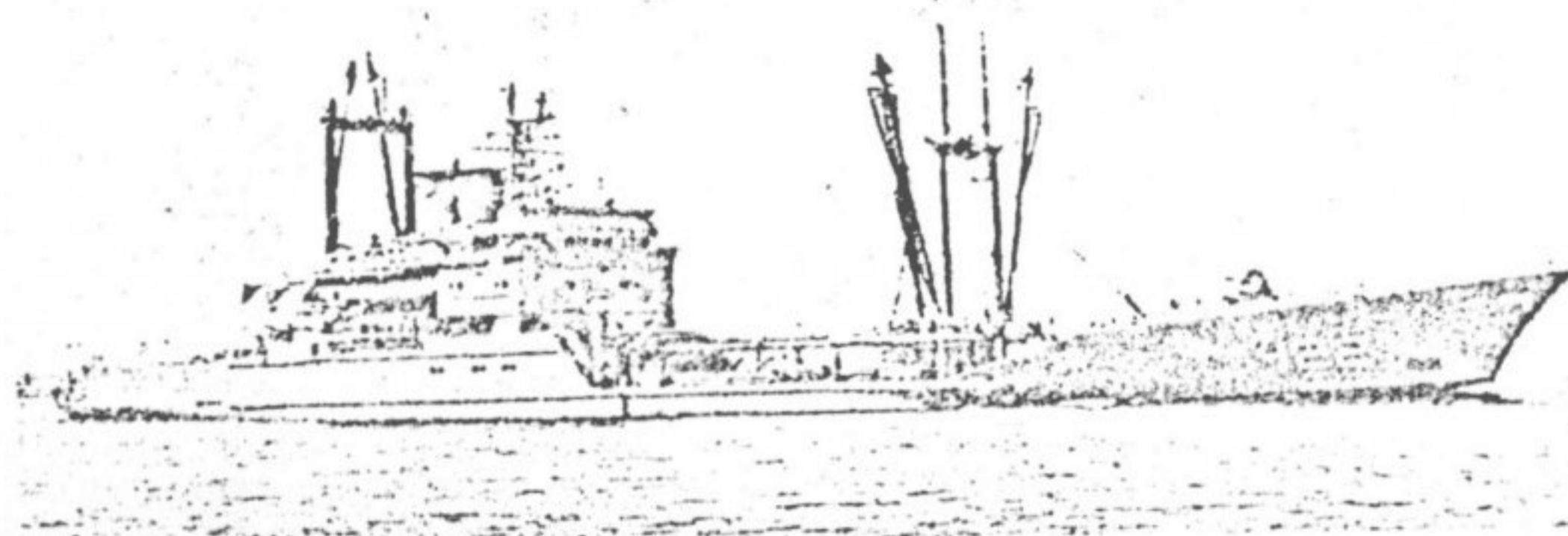
1978, Imperial Iranian Navy

## 2 FLEET SUPPLY SHIPS

Name	No.	Builders	Commissioned
BANDAR ABBAS	421	C. Lühring Yard, Brake, W. Germany	Apr 1974
BOOSHEHR	422	C. Lühring Yard, Brake, W. Germany	Nov 1974

Measurement, tons: 3 250 deadweight  
 Dimensions, feet (metres): 354.2 x 54.4 x 14.8 (108 x 16.6 x 4.5)  
 Aircraft: 1 helicopter  
 Guns: 2—40 mm  
 Main engines: 2 MAN (MTU) diesels; 2 shafts; 6 000 bhp  
 Speed, knots: 16  
 Complement: 60

Combined tankers and store-ships carrying victualling, armament and general stores. *Bandar Abbas* launched 11 August 1973, *Booshehr* launched 23 March 1974. A third ship was ordered in 1978 but this may have been cancelled.



BOOSHEHR

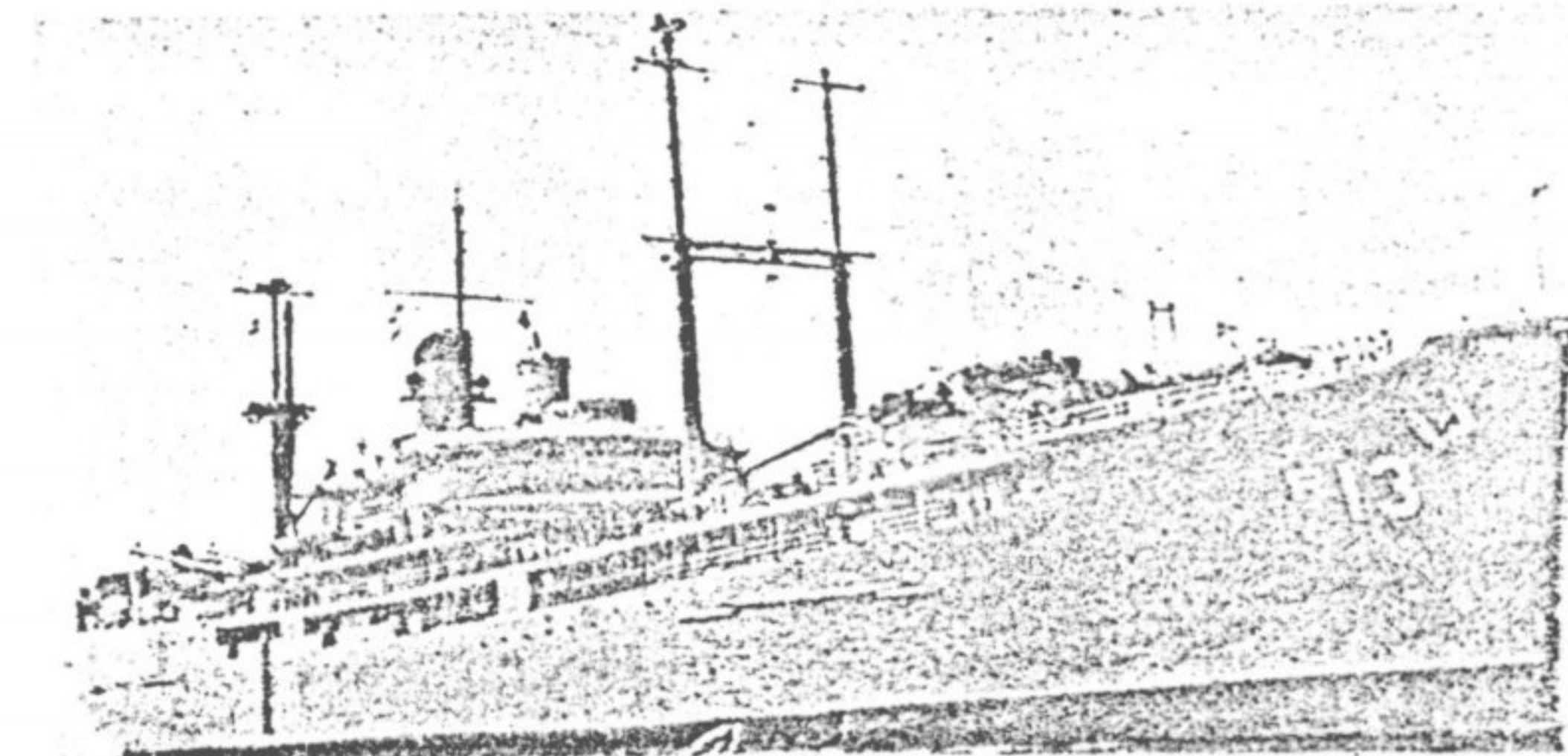
2/1978, Chris Gee

## 1 Ex-US "AMPHION" CLASS (REPAIR SHIP)

Name	No.	Builders	Commissioned
CHAHBAHAR (ex-USS <i>Amphion</i> , ex-AR 13)	441	Tampa Shipbuilding Co	30 Jan 1946

Displacement, tons: 7 826 standard; 14 490 full load  
 Dimensions, feet (metres): 492 x 70 x 27.5 (150.1 x 21.4 x 8.4)  
 Guns: 2—3 in/50  
 Main engines: Westinghouse turbines; 1 shaft; 8 500 shp = 16.5 knots  
 Boilers: 2 Foster-Wheeler  
 Complement: Accommodation for 921

Launched on 15 May 1945. Transferred on loan to the Iran Navy on 1 October 1971. Purchased 1 March 1977. Based at Bandar Abbas as permanent repair facility, although she does go to sea occasionally.



CHAHBAHAR (old pennant number)

1972, Imperial Iranian Navy

## 1 SUBMARINE RESCUE SHIP

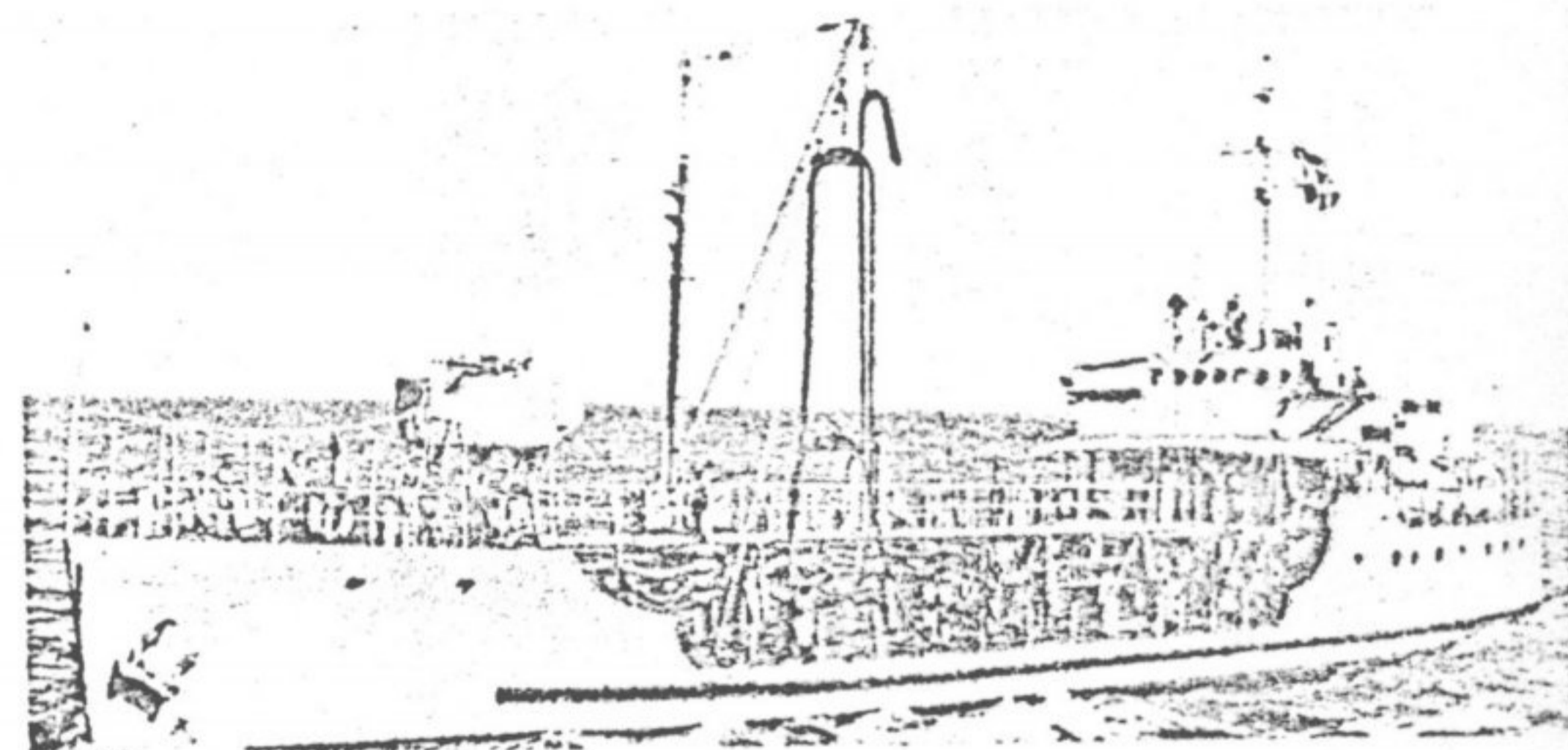
— (ex-USS *Tringa* ASR 16)

## 1 HARBOUR TANKER

Name	No.	Builders	Commissioned
HORMUZ (ex-YO 247)	401	Cantiere Castellammare	1956

Displacement, tons: 1 250 standard; 1 700 full load  
 Dimensions, feet (metres): 178.3 x 32.2 x 14 (54.4 x 9.8 x 4.3)  
 Guns: 2—20 mm  
 Main engine: 1 Ansaldo Q 370, 4-cyl diesel  
 Oil fuel, tons: 25

Cargo oil capacity: 5 000 to 6 000 barrels.



HORMUZ

1970, Imperial Iranian Navy

## 2 WATER TANKERS

KANGAN TAHERI

Displacement, tons: 9 430  
 Dimensions, feet (metres): 460 pp x 70.5 x 16.5 (139 x 21.2 x 5)  
 Main engine: MAN diesel; 7 385 hp = 15 knots

*Kangan* laid down 23 January 1976, launched 24 March 1977. *Taheri* laid down 14 April 1977. Both built at Mazagon Docks, Bombay, completing in 1978 and 1979.

## 1 Ex-US "YW-83" CLASS (WATER TANKER)

LENGEH (ex-US YW 88) 402

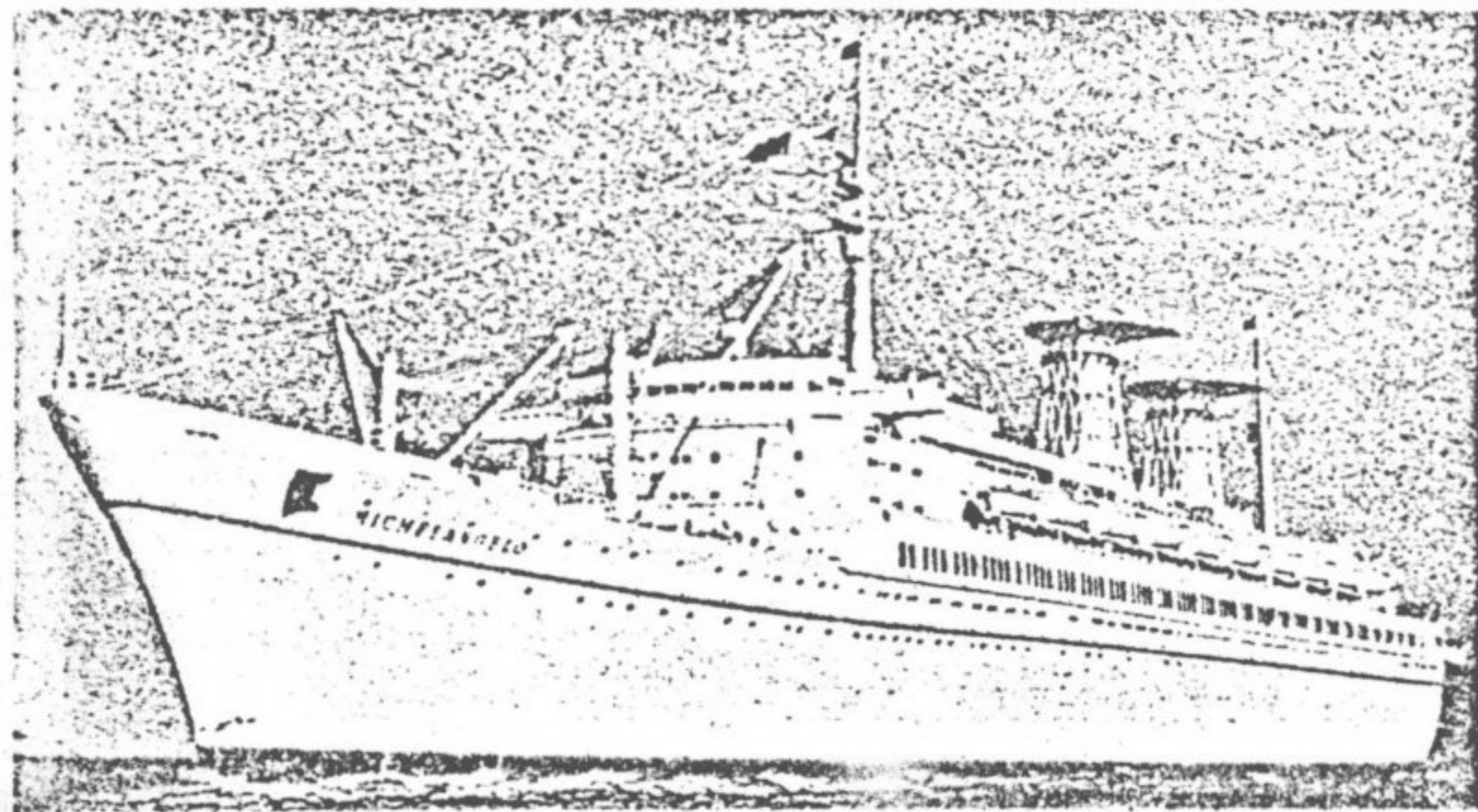
Displacement, tons: 1 250 standard  
 Dimensions, feet (metres): 178.3 x 32.2 x 14 (54.4 x 9.8 x 4.3)  
 Main engines: Diesels; speed = 10 knots

Transferred to Iran by the USA in 1964. Similar to tanker *Hormuz*.

**2 Ex-ITALIAN LINERS**

RAFFELLO MICHELANGELO

Purchased as barracks ships at Chahbahar and Bandar Abbas. Retain Italian names. Of 42 000 tons and originally 29 knots.



MICHELANGELO

1978, Michael D. J. Lennon

**1 TUG**

BAHMANSHIR 451

Harbour tug (ex-US Army ST 1002), 150 tons, transferred in 1962.

**2 HARBOUR TUGS**

No. 1 (ex-West German Karl) No. 2 (ex-West German Ise)

Sister ships of 134 tons taken over from West Germany 17 June 1974. Both built 1962-63.

**12 ROTORK CRAFT**

Six FAC 412 and six LSC 512.

**26 BARGES**

Built in Pakistan 1976-77 the largest being a 260 ft self-propelled lighter.

**FLOATING DOCK**

400 (ex-US ARD 28, ex-FD 4)

Lift: 3 000 tons

Transferred on loan September 1971. Of steel construction. Purchased 1 March 1977.

**YACHTS**

Name	No.	Builders	Commissioned
SHAHSAVAR	—	N.V. Boele, Bolnes, Netherlands	1936

Displacement, tons: 530  
Dimensions, feet (metres): 176 × 25.3 × 10.5 (53.7 × 7.7 × 3.2)  
Main engines: 2 Stork diesels; 1 300 bhp

Launched in 1936. In the Caspian Sea.

Name	No.	Builders	Commissioned
KISH	—	Burmester, Germany	1970

Displacement, tons: 178  
Dimensions, feet (metres): 122 × 25 × 7 (37.2 × 7.6 × 2.1)  
Main engines: 2 MTU diesels; 2 920 hp

A smaller and more modern Yacht. In the Persian Gulf.

**COAST GUARD**

**20 "65 ft" TYPE (COASTAL PATROL CRAFT)**

1201-1220

Built by Peterson Builders, Wisconsin 1975-76. Armed with three 20 mm and two .5 machine guns.

**6 SEWART TYPE (COASTAL PATROL CRAFT)**

MAHNAVI-HAMRAZ MAHNAVI-TAHERI	MAHNAVI-VAHEDI MARDJAN	MORVARID SADAF
----------------------------------	---------------------------	-------------------

Displacement, tons: 10 standard  
Dimensions, feet (metres): 40 × 11 × 3.7 (12.2 × 3.4 × 1.1)  
Guns: Light MGs  
Main engines: 2 General Motors diesels = 30 knots

Small launches for port duties of Sewart (USA) standard 40 ft type. All transferred June 1953. Pennant numbers 5001 and above. Some serve in the Caspian Sea.

**SURVEY VESSELS**

(Operated by the Ministry of Finance except for *Abnegar*)

**MEHR**

Of 422 tons. Launched in 1964. Complement 22.

**ABNEGAR**

50 ton wooden oceanographic vessel built in Ireland. Operated by the Iran Navy.

**HYDROGRAPH SHAHPOUR**

Of 9 tons. Launched in 1965.

**HYDROGRAPH PAHLAVI**

Of 9 tons. Launched in 1966.

**CUSTOMS VESSELS**

TOUFAN TOUSAN

Built by CN Inmar, La Spezia in 1954-55. Of 65 tons with twin diesels. 22 knots.

**IRAQ**

**Ministerial**

Minister of Defence:  
Major General Adnan Khairallah

**Administration**

Commander-in-Chief:  
Rear-Admiral Abd Al Diri  
Chief of Staff:  
Commander Samad Sat Al Mufti

**Personnel**

(a) 1980: 3 000 officers and men  
(b) 2 years' national service

**Bases**

Basra, Umm Qasr

**New Construction**

In January 1980 an agreement between Iraq and Italy was announced. This was for the building of four "Lupo" class frigates, six 650 ton missile corvettes and a "Stromboli" class replenishment tanker. The USA refused permission on 6 February for the export of eight General Electric gas turbines for the "Lupo" class, so their power plant remains uncertain.

**Strength of the Fleet**

Type	Active	Building
Frigate/Training Ship	—	1
LCTs	3	—
Fast Attack Craft—Missile	12	—
Large Patrol Craft	5	—
Fast Attack Craft—Torpedo	12	—
Coastal Patrol Craft	26	—
Minesweepers—Ocean	2	—
Minesweepers—Inshore	3	—

**Mercantile Marine**

Lloyd's Register of Shipping:  
123 vessels of 1 328 256 tons

**SOVIET-IRAQI TREATIES**

Under the treaty, signed in April 1972, the Soviet fleet would have access to the Iraqi base of Umm Qasr, in return for Soviet assistance to strengthen Iraq's defences. This resulted in the acquisition by Iraq of 14 "Osa" class. A further treaty signed in August 1976 has been kept secret but it is reported that, from the naval point of view, it includes provision for the Soviet occupation of Umm Qasr in return for the provision of "ten missile frigates" to Iraq. These will be similar to the "Nanuchka" class sent to India.

## FRIGATE/TRAINING SHIP

## 0 + 1 YUGOSLAV TYPE

Displacement, tons: 1 850 full load  
 Dimensions, feet (metres): 317.3 × 36.7 × 11.8 (96.7 × 11.2 × 3.6)  
 Aircraft: Design allows for a helicopter  
 Missiles: Can carry 4 SSM  
 Guns: 1—57 mm; 2—20 mm  
 AS weapons: Design allows for 2 A/S torpedo tubes and an A/S mortar  
 Main engines: 1 gas turbine; 2 diesels  
 Speed, knots: 27 (gas); 20 (diesels)  
 Complement: 93 + 100 trainees

Ordered in Yugoslavia in 1978. Delivery probably in 1980-81. It is not clear of what type the engines will be—a Soviet gas turbine is available and orders for SEMT-Pielstick diesels have been fulfilled.

## AMPHIBIOUS FORCES

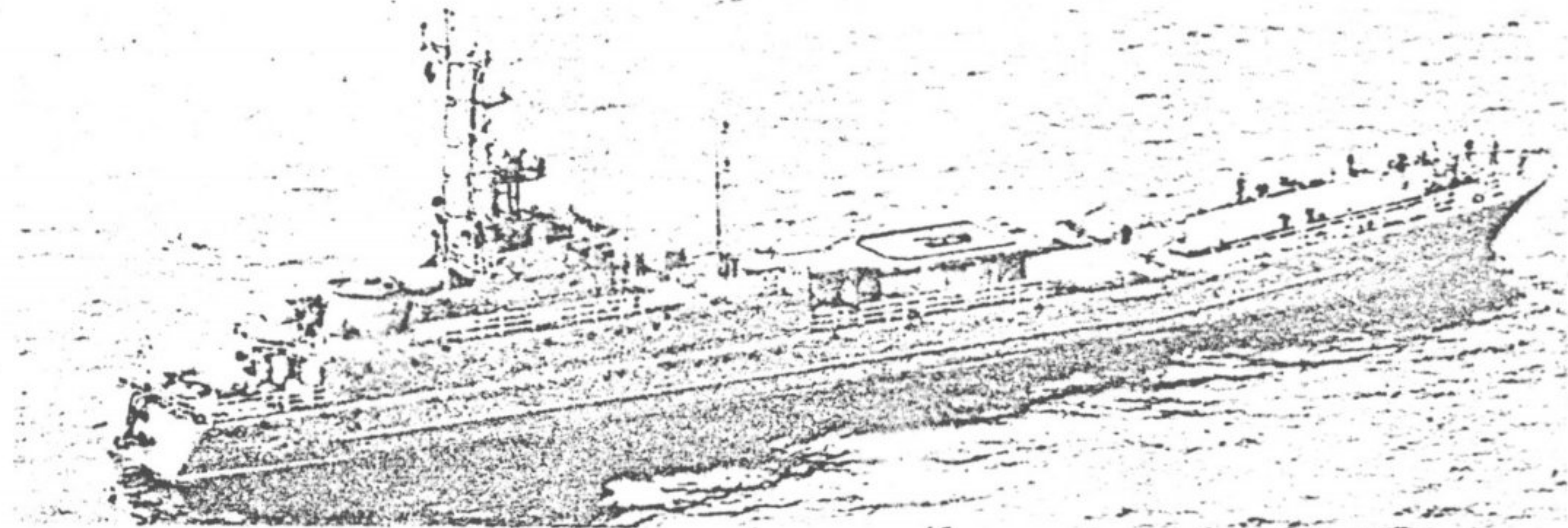
## 3 Ex-SOVIET "POLNOCHNIY" CLASS (LCTs)

ATIKA GANDA NOUH

Displacement, tons: 890 standard; 1 100 full load  
 Dimensions, feet (metres): 249.9 × 29.2 × 5.9  
 (76.2 × 8.9 × 1.8)  
 Guns: 4—30 mm (twins); 2—140 mm rocket launchers  
 Main engines: 2 diesels; 5 000 bhp = 18 knots  
 Complement: 40

Built in Poland—first pair transferred in 1977 and third in 1978. Of original hull design but with a new type of deck-structure amidships. This would appear to be a form of helicopter platform. The swimming-pool sized hole in the middle is probably a stores lift, closed for helicopter operations.

Radar: Fire control: Drum Tilt.



IRAQI "POLNOCHNIY" Class

5/1977, MOD

## LIGHT FORCES

4 Ex-SOVIET "OSA I" and 8 "OSA II" CLASSES  
(FAST ATTACK CRAFT—MISSILE)

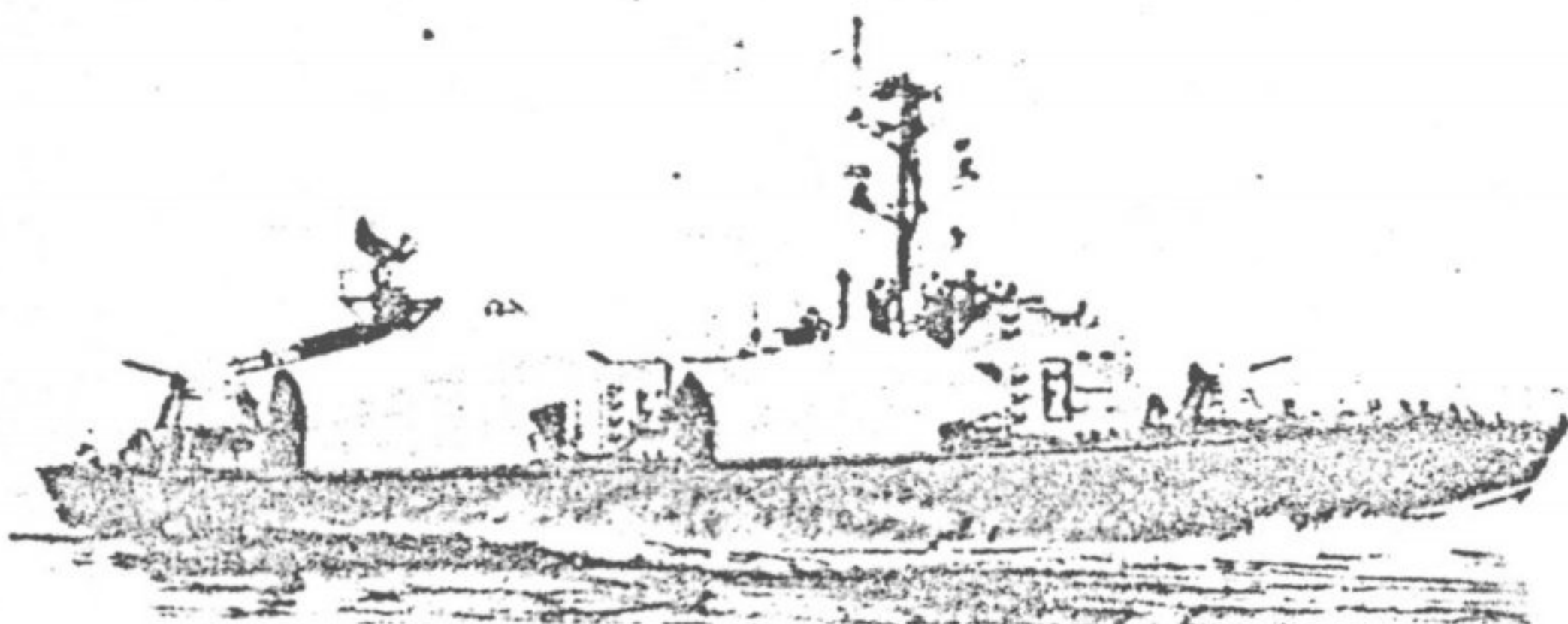
HAZIRANI KANUN ATH-THANI 6 NISAN 7 TAMUZ 17 ("Osa I")  
 SA'D KHALID IBN KHALID AL WALID AL WALID +5 ("Osa II")

Displacement, tons: 160/165 standard; 210 full load  
 Dimensions, feet (metres): 127.9 × 26.6 × 5.9 (39 × 8.1 × 1.8)  
 Missiles: SSM; 4—SS-N-2 (single launchers)  
 Guns: 4—30 mm (twins)  
 Main engines: 3 diesels; 13 000 hp ("Osa I"), 15 000 ("Osa II") = 36 knots  
 Range, miles: 800 at 25 knots  
 Complement: 30

A combination of six "Osa I" delivered 1972-74, two since deleted, and eight "Osa II" delivered in pairs in 1974, 1975 and 1976.

Names: Some of those reported are very similar to Arabic names of the months and may, therefore, be suspect.

Radar: Search: Square Tie.  
 Fire control: Drum Tilt.



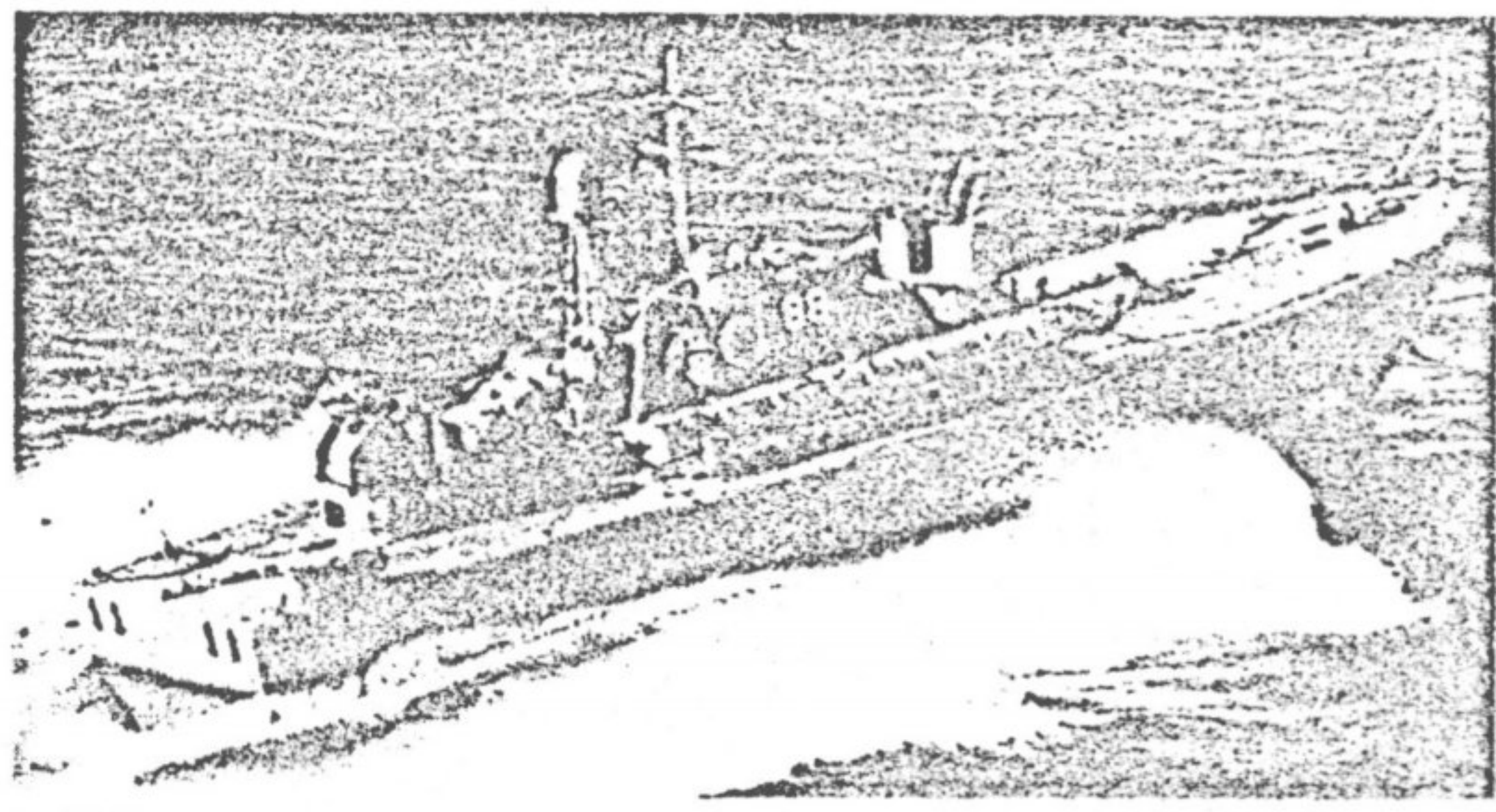
"OSA I" Class

## 12 Ex-SOVIET "P 6" CLASS (FAST ATTACK CRAFT—TORPEDO)

AL ADRISI LAMAKI  
 AL BAHU RAMADAN  
 AL SHAAB SHU'UB  
 AL TAMI TAMUZ  
 ALEF TAREQ BIN ZAID  
 IBN SAID +1

Displacement, tons: 64 standard; 73 full load  
 Dimensions, feet (metres): 85.3 × 20 × 4.9 (26 × 6.1 × 1.5)  
 Guns: 4—25 mm (twins)  
 Torpedo tubes: 2—21 in (533 mm)  
 Main engines: 4 diesels; 4 shafts; 4 800 bhp = 41 knots  
 Complement: 20

Transferred from the USSR. Two were received in 1959, four in November 1960, and six in January 1961. Pennant numbers include 217-222.



"P 6" Class

1970, USN

## 2 Ex-SOVIET "POLUCHAT I" CLASS (LARGE PATROL CRAFT)

Displacement, tons: 70 standard; 90 full load  
 Dimensions, feet (metres): 97.1 × 19 × 4.8 (29.6 × 5.8 × 1.5)  
 Guns: 2—14.5 mm (twin)  
 Main engines: 2 diesels; 2 400 hp = 20 knots  
 Range, miles: 460 at 17 knots  
 Complement: 15

Transferred by the USSR in late 1960s. Also used for torpedo recovery.



"POLUCHAT I" Class

10/1975, MOD

## 3 Ex-SOVIET "SO I" CLASS (LARGE PATROL CRAFT)

310 311 312

Displacement, tons: 170 light; 215 full load  
 Dimensions, feet (metres): 137.8 × 19.7 × 5.9 (42 × 6 × 1.8)  
 Guns: 4—25 mm (twins)  
 AS weapons: 4—MBU 1800; 2 DCTs  
 Mines: 20  
 Main engines: 3 diesels; 7 500 bhp = 28 knots  
 Complement: 30

Delivered by the USSR to Iraq in 1962.

Radar: Search: Pot Head.

Sonar: One hull-mounted.

**4 COASTAL PATROL CRAFT**

Name	No.	Builders	Commissioned
ABD AL RAHMAN	1	John I. Thornycroft & Co Ltd,	1937
AL GHAZI	2	John I. Thornycroft & Co Ltd,	1937
DAT AL DIYARI	3	John I. Thornycroft & Co Ltd,	1937
JANNADA	4	John I. Thornycroft & Co Ltd,	1937

Displacement, tons: 67  
 Dimensions, feet (metres): 100 x 17 x 3 (30.5 x 5.2 x 0.9)  
 Guns: 1—3.7 in howitzer; 2—3 in mortars; 4 MGs  
 Main engines: 2 Thornycroft diesels; 2 shafts; 280 bhp = 12 knots

Protected by bullet-proof plating. All launched, completed and delivered in 1937.

**5 Ex-SOVIET "ZHUK" CLASS (COASTAL PATROL CRAFT)**

Displacement, tons: 50 standard; 60 full load  
 Dimensions, feet (metres): 75 x 16 x 6 (24.6 x 5.2 x 1.9)  
 Guns: 2—14.5 mm MGs (twin); 1—12.7 mm aft  
 Main engines: 2 M 50 diesels; 2 shafts; 2 400 hp  
 Speed, knots: 34  
 Complement: 17

Transferred in 1975.



"ZHUK" Class

**2 Ex-SOVIET "NYRYAT II" CLASS (COASTAL PATROL CRAFT)**

Displacement, tons: 125  
 Dimensions, feet (metres): 95.1 x 16.4 x 5.6 (29 x 5 x 1.7)  
 Main engine: 1 diesel = 12 knots  
 Range, miles: 1 600 at 10 knots  
 Complement: 15

Similar in appearance to "PO 2" class without bulwarks. Multi-purpose craft probably used as diving craft.

**3 Ex-SOVIET "PO 2" CLASS (COASTAL PATROL CRAFT)**

Displacement, tons: 95 full load  
 Dimensions, feet (metres): 82 x 16.7 x 5.6 (25 x 5.1 x 1.7)  
 Guns: 2—25 mm or 2—12.7 mm  
 Main engines: 2 diesels = 30 knots

**8 THORNYCROFT "36 ft" TYPE**

Length, feet (metres): 36 (11)  
 Main engine: 1 diesel; 125 bhp

Patrol boats built by John I. Thornycroft & Co for the Iraqi Ports Administration.

**4 THORNYCROFT "21 ft" TYPE**

Length, feet (metres): 21 (6.4)  
 Main engine: 1 diesel; 40 bhp

Pilot despatch launches built by John I. Thornycroft & Co for the Iraqi Ports Administration.

**6 ROTORK CRAFT**

All CSB 408 Type.

**MINE WARFARE FORCES**

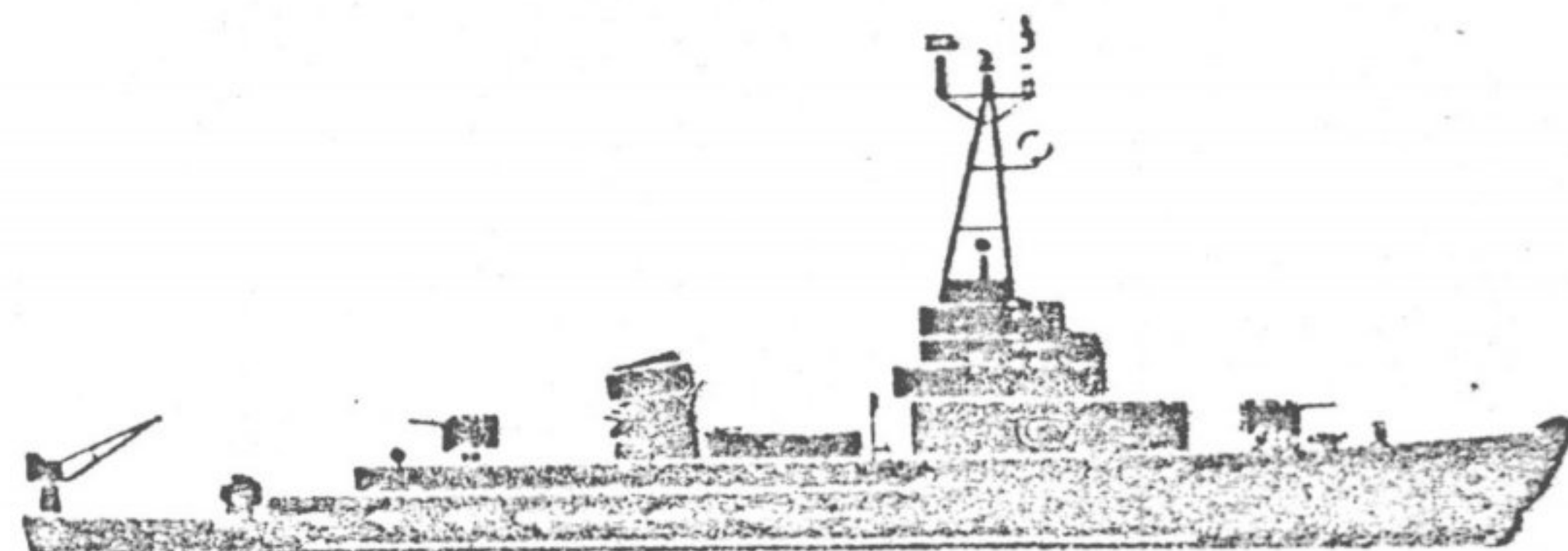
**2 Ex-SOVIET "T 43" CLASS (MINESWEEPERS—OCEAN)**

AL YARMOUK 465 AL KADISIA 467

Displacement, tons: 580 full load  
 Dimensions, feet (metres): 190.2 x 27.6 x 6.9 (58.0 x 8.4 x 2.1)  
 Guns: 4—37 mm L63 (twins); 4—25 mm L70 (twins); 8—12.7 mm (quads)  
 AS weapons: 2 DCT  
 Mines: 30  
 Main engines: 2 diesels; 2 shafts; 2 200 hp = 14 knots  
 Range, miles: 1 600 at 10 knots  
 Complement: 65

Transferred early 1970s.

Radar: Search: Ball End.  
 Navigation: Neptun.



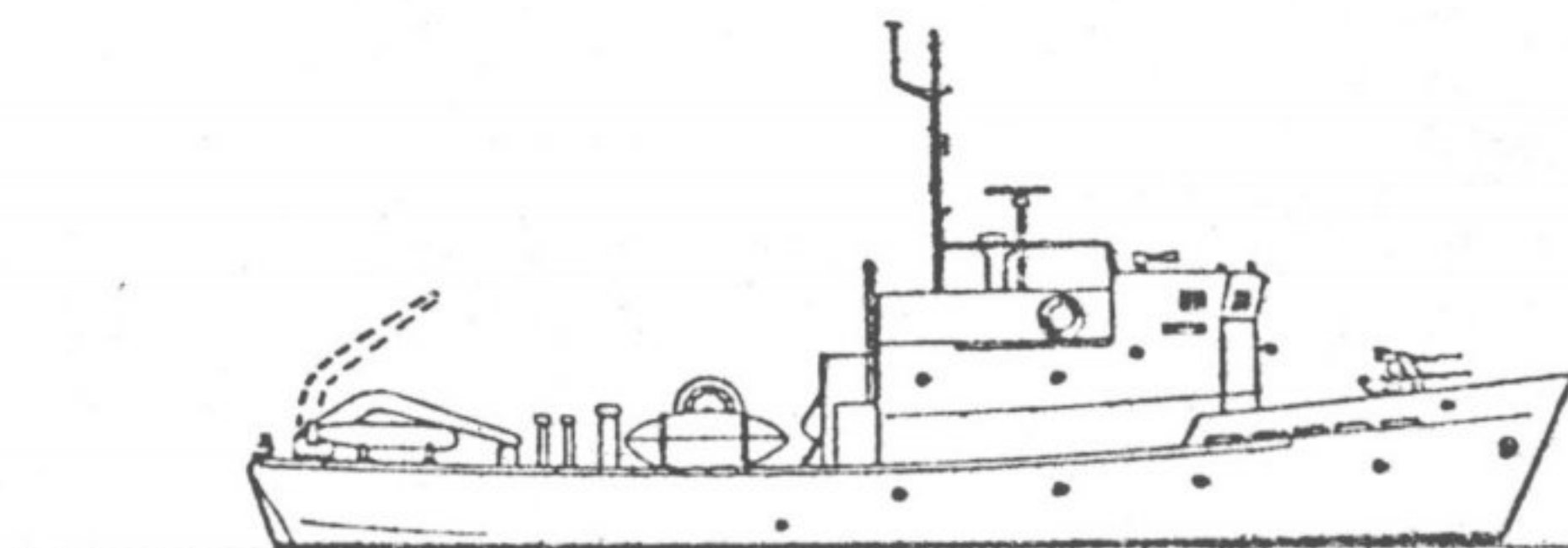
"T 43" Class

**3 Ex-SOVIET "YEVGENYA" CLASS (MINESWEEPERS—INSHORE)**

Displacement, tons: 80 full load  
 Dimensions, feet (metres): 85.6 x 19 x 3.9 (26.1 x 5.8 x 1.2)  
 Guns: 2—14.5 mm (twin)  
 Main engine: 1 diesel; 1 shaft; 1 200 hp = 16 knots  
 Complement: 10

GRP hulls. Delivered in 1975 under cover-name of "oceanographic craft".

Radar: Don 2.



"YEVGENYA" Class

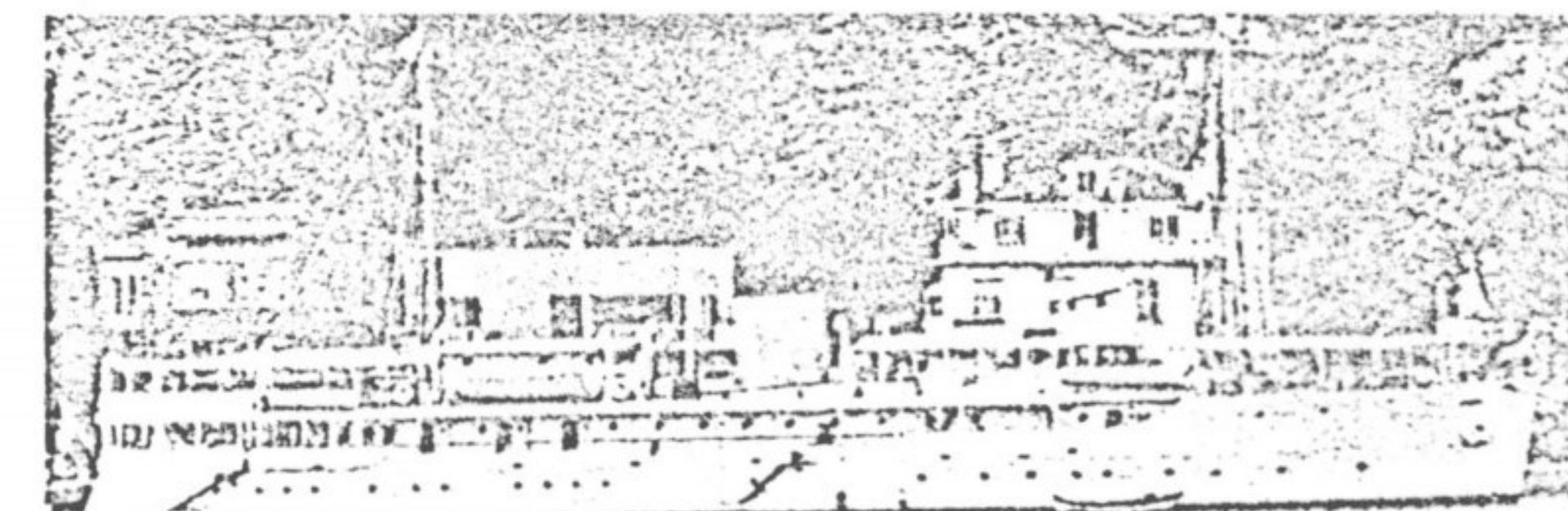
1976, S. Breyer

**HARBOUR AUTHORITY CRAFT**

AL THAWRA (ex-Malike Aliye)

Displacement, tons: 746  
 Main engines: Diesels; 2 shafts; 1 800 shp = 14 knots

Royal Yacht before assassination of King Faisal II in 1958, after which she was renamed *Al Thawra (The Revolution)* instead of *Malike Aliye (Queen Aliyah)*.



AL THAWRA

1966, Aldo Fraccaroli

**MISCELLANEOUS**

A number of customs craft and a large Dutch-built dredger of the Harbour Authority are also listed.

TEMA:

A GUERRA IRÃ-IRAQUE

PROPOSIÇÃO:

Estudar os antecedentes que conduziram à deflagração da guerra, os desdobramentos políticos-militares decorrentes e as repercussões sobre as superpotências e as demais nações que têm interesses na região conflagrada.

## BIBLIOGRAFIA

1. Ajuda árabe ao Iraque já chegou a US\$ 30 bilhões. O Globo, Rio de Janeiro, 21 jul. 1982. p. 15.
2. ALVES, Hermano. As lições que o mundo está aprendendo com a guerra. Jornal da Tarde, São Paulo, 14 outubro 1980.
3. AMEAÇAS ao Ocidente inauguram nova fase na guerra Irã-Iraque. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 13 outubro 1983.p. 25.
4. ANTHONY, John Duke. The Gulf cooperation council. Orbis, Philadelphia, Pa, 28(3):447-50, Fall 1984.
5. ASIA in 1914. In: Historical Atlas of the world. Hammoud, 1976, Maplewood.
6. AXEL GARD, Frederick. The Gulf states gird themselves against an Iran-Iraq spillover. Defense & Foreign Affairs, Washington, DC., 12(3):36, Mar, 1984.
7. "BATALHA dos pântanos" ainda sem decisão. O Estado de São Paulo, São Paulo, 8 Abril 1984. p. 14.
8. BOURRIER, Any. França cede Exocet para Iraque usar contra o Irã. O Globo, Rio de Janeiro, 25 jun 1983. p. 13.
9. BRASIL. Escola de Guerra Naval - EGN-215A. Guia para Elaboração de teses e monografias. Rio de Janeiro, 1981.
10. \_\_\_\_\_. FI-219. Guia para elaboração de referências bibliográficas. Rio de Janeiro, 1981.
11. O BRASIL se assustou. Veja, São Paulo (630):38-40, 1 out, 1980.
12. CARLOS, Newton. Washington quer levar Irã e Iraque ao esgotamento. Folha de São Paulo, São Paulo, 30 maio 1984. p. 15.
13. AS CHAMAS da guerra no Golfo Pérsico. Veja, São Paulo, (630):30-5, 1 out. 1980.
14. CHUBIN, Shahram. La guerra entre Irak e Irã y sus repercusiones en la seguridad del Golfo Pérsico. Revista Internacional de Defence, Genebra, 17(6):705-12, 1984.
15. \_\_\_\_\_. Israel y la guerra irano-iraquí. Revista Internacional de Defence, Genebra, 18(3):303-4, 1985.
16. CLERC-RENAUD, André. Le syndrome D'Ormuz exorcisé? Politique Internationale, Paris, (29):215-23, Autonne 1985.
17. COLOMÈS, Michel. Golfe: l'etincelle de la guerra. Le Point, Paris (609):82-3, 21 mai 1984.
18. CONFRONTO das duas principais potências militares do Golfo. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 setembro 1980.
19. COOK, Nick. Iraq-Iran: The air war. International Defense Review, Genebra, 17(11):1605-7, 1984.

20. COUNCIL supports secretary-general's efforts in Iran-Iraq conflict. UN chronicle, New York, 17(10):5-13, Dec. 1980.
21. DALY, Thomaz M. The enduring Gulf War. Proceedings, Annapolis, Md., 111(987):148-61, May 1985.
22. . The not-too forgotten war. Proceedings, Annapolis, Md., 110(976):38-45, June 1984.
23. DANZIGER, Raphael. The persian Gulf tanker war. Proceedings, Annapolis, Md., 111(987):160-7, May 1985.
24. DAVIDSON, Spencer et alii. War in the Persian Gulf. Time, 116(14):8-14, 6 Oct. 1980.
25. DERROTA do Irã na "guerra dos pântanos"? Jornal da Tarde, São Paulo, 21 Março 1985. p. 13.
26. DJALILI, Mohammad-Reza. Ira-Irak: radioscopie d'une guerre ambigue. Politique Internationale, Paris, (21):21-33, Automne 1983.
27. DOWDY III, William L. Naval Warfare in the Gulf: Iraq versus Iran. Proceedings, Annapolis, Md., 107(940):114-7, June 1981.
28. DUAS guerras em aberto. Veja, São Paulo, (724):30-4, jul. 1982.
29. EDITORIAL: Iraq versus Iran - an explosive situation. Defence, London, 11(11):823, Nov. 1980.
30. O ESPECTRO do Ramadã; O Irã pode desencadear sua ofensiva maior. Isto É, São Paulo, 8(389):57, 6 Jun. 1984.
31. EVANS, David & COMPANY, Richard. Ira-Iraq: bloody tomorrows. Proceedings, Annapolis, Md., 111(983):32-43, Jan. 1985.
32. FERREIRA, Edmirson Maranhão. Causalidades geopolíticas do conflito Irã X Iraque. A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, 70(711):99-103, jan./fev. 1984.
33. O FOGO dos sauditas; Riad reage a ataques a seus petroleiros. Isto É, São Paulo, 8(390):56-7, 13 jun. 1984.
34. FOGO e tensão no Golfo. Isto É, São Paulo, 8(387):56-7, 23 maio 1984.
35. AS FORÇAS em confronto. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 março 1985. p.14.
36. GOLFO Pérsico: o mundo assustado. Visão, São Paulo, 33(25):29-31, 18 jun. 1984.
37. GUERRA aos petroleiros. Visão, São Paulo, 33(23):29-30, 4 jun. 1984.
38. UMA GUERRA lenta. Visão, São Paulo, 29(36):25-7, Out. 1980.
39. GUERRA no Golfo virou conflito pessoal de dirigentes. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 março 1985. p.18.



40. HEWITT, Bill et alii. Slaughter in the marshes. Newsweek: 32-6, 1 Apr. 1985.
41. HISTÓRIA mal contada. Visão, São Paulo, 29(37):29-30, 4 jun 1984.
42. IMPACT of the Gulf war. Strategic Survey 1984/1985. London, :67-71, Spring 1985.
43. INCÊNDIO no Golfo: Irã e Iraque ameaçam a rota do petróleo e sacodem o mundo. Veja, São Paulo, (821):32-3, 30 maio 1984.
44. O IRÃ aceita a paz se:. Jornal da Tarde, São Paulo, 30 setembro 1980.
45. IRÃ aceita trêgua localizada proposta pela ONU. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 outubro 1980.
46. IRÃ destrói 97 tanques e recupera 300 Km<sup>2</sup> do Iraque. Jornal do Brasil, 2 novembro de 1982. p.13.
47. IRÃ perde milhares de soldados em combate. O Globo, Rio de Janeiro, 26 março 1985. p.16.
48. IRÂN-IRAK: guerra en el Golfo. Revista General de Marina, Madrid, 207:61-4, jul. 1984.
49. IRAQUE ataca no Norte e conquista 2 colinas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 março 1985. p.22.
50. IRAQUE avança sobre o Irã e exige rendição. O Globo, Rio de Janeiro, 25 setembro 1980.
51. IRAQUE bombardeia maior campo petrolífero do Irã. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 3 maio 1982. p.7.
52. IRAQUE cerca a maior refinaria do Irã. O Globo, Rio de Janeiro, 24 setembro 1980.
53. IRAQUE usa armas químicas, confirmam médicos europeus. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 março 1985. p.18.
54. IRON bombs used in Iraq attack. Aviation Week & Space Technology, Hightstown, N.Y., 114(24):32, June 1981.
55. JANE'S Fighting Ships. 1980-81. London: Jane's, c 1980.
56. JOHNSON, Margherite et alii. The blitz bogs down. Time, 116(15):12:15, 13 Oct, 1980.
57. JUNIOR, Reali. França envia ao Iraque caças "Super Eten-dard". O Estado de São Paulo, São Paulo, 24 junho 1983. p.8.
58. \_\_\_\_\_. Irã-Iraque, um ano de guerra sem saída. O Estado de São Paulo, São Paulo, 20 setembro 1981. p.14.
59. \_\_\_\_\_. Os senhores da guerra no Golfo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 3 abril 1984. p.14.

60. KAPLAN, H.R. Anatomy of a crisis: war in the Persian Gulf. National Defense, Arlington, Va, 59(403):57-60, Dec.1984.
61. KELLY, James. Battling for the advantage: France sends fighter-bombers th Iraq, adding a new dimension to a risky war. Time, New York, 122(18):6-8, 24 Oct. 1983.
62. KURTH, James R. American perceptions of the Israeli-Palestinian conflict and the Iranian-Iraqi war; the need for a new-book. Naval War College Review, Newport, R.J., 38(1):75-86, Jan./Feb. 1985.
63. LEAVING it to the Saudis, with AWACS and player. The economist, London, 291(7343):47-8, 26 May 1984.
64. THE MIDDLE East and the Gulf: war between Iran and Iraq. Strategic Survery, London, . 49-52, Spring, 1980/1981.
65. MIDDLETON, Drew..After 3 years, Iran-Iraq war ys a smoldering. stalemate. The New York Times, New York, 23 september 1983. p.12.
66. THE MILITARY Ballance.The Middle East and North Africa, London, :69-88, Autumn 1980.
67. MOSSAVAR-RAHMANI, Bijan. The war and the world oil Market. Orbis, Philadelphia, Pa., 28(3):450-6, Foll 1984.
68. O'BALLANCE, Edgar. The Irac-Iran war. Marine Corps Gazette, Quantico, Va., 66(2):44-50, Feb. 1982.
69. OTTAWAY, David B. Temor ao "vírus de Khomeini" leva Hussein a ajudar Bagdá. O Globo, Rio de Janeiro, 4 fevereiro 1982. p.16.
70. PANOSSIAN, Joseph. Iran Starts offensive, Claims Major Gains. The Washington Post, Washington, DC., 8 February 1983. p.10.
71. PARSONS, Sir Anthony. War in the oilfields: the Iran-Iraq conflict. NATO's sixteen Nations, Brussels, 29(3):15-9, May/June 1984.
72. PEREIRA, Judith. Britain aids Gulf chemical Warfare. New Scientist, London, 100(1389):367-8, 29 Dec. 1983.
73. PERIGO no Golfo: petroleiros viram alvo na guerra Irã X Iraque. Veja, São Paulo, (320):34, 23 maio 1984.
74. POLITICAL and security. Council calls on Iran and Iraq to settle dispute peacefull. UN Chroniche, New York, 17(9):5-8, Nov 1980.
75. O QUINTO ano da guerra no Golfo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 29 set. 1985. p.20.
76. ROSS, Dennis. Soviet views toward the Gulf war. Orbis. Philadelphia, Pa., 28(3):437-46, Fall 1984.
77. ROSSER, Owen David. The Iran-Iraq war. Defence, Maidehead, 15(12):713-6, Dec. 1984.

Hémes Fontes ✓

Ferreira de Araújo

Castro Alves ✓

Raimundo Côrrea ✓

Pedro Américo

Gonçalves Dias ✓

Vitor Meirelles ✓

Xiquinho Gonzaga ✓

Olavo Bilac ✓

Mestre Valentim

78. ROULEAU, Eric. Gigantesque bataille entre l'Iraq et l'Iran. Le Monde, Paris, 24 Fev. 1984. p.1 e 4.
79. OS SAUDITAS na guerra. Veja, São Paulo, (823):33-4, 13 jun. 1984.
80. SICHERMAN, Harvey. Reflections on the quater. Iraq and Iran at war: the search for security. Orbis, Philadelphia, Pa., 24(4):711-3, Winter 1981.
81. SMITH, William E. Acts of desperation: the war on shipping heats up as Iran and Iraq widen their struggle. Time, New York, 123(23):8-10, 4 june 1984.
82. \_\_\_\_\_. E. Clouds of desperation: poison gas, child soldiers and growing fears of a new offensive. Time, New York, 123 (12):6-8, 19 Mar. 1984.
83. SMITH, Willian E. et alii. Middle East: A holy war's troublesome fallout. Iran's victories over Iraq threaten the moderate arabs. Time, New York, 119(23):18-9, June 1982.
84. TAILLEFER, Pierre. A máquina de guerra iraniana. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 abr. 1984. p.9.
85. TALBOTT, Strobe. Preserving the oil flow. Time, New York, 116(12):8-10, 22 Sep. 1980.
86. TANQUE russo testado na guerra. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 jan 1981
87. TEERÃ ameaça também usar armas químicas em represália a Bagdá. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 mar. 1984. p.14.
88. TEERÃ garante navegação no Estreito de Ormuz. O Globo, Rio de Janeiro, 2 out. 1980.
89. TEERÃ reage à venda de Exocet para o Iraque. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 5 fev. 1983. p.9.
90. WASHINGTON quer levar Irã e Iraque ao esgotamento. Folha de São Paulo, São Paulo, 30 maio 1984. p.15.
91. WITHIN the Persian Gulf: impact of a war. Strategic Survey 1983-1984, London,:76-81, Spring 1984.
92. WRIGHT, Claudia. Implications of Iraq-Iran war. Foreign Affairs, New York, 59(2):275-303, Winter 1980/1981.



Achão, Nelio

A guerra Irã-Iraque.

2-C-8

DEVOLVER NOME LEIT. (662/87)

24 JUN 88	Seu
9 MAR 90	Quis RANIERES ENG
14 MAI 1993	cc L. CAVALHEIRO
09 JUN 1993	cc ROMERO
10 MAI 1972	cc FERREIRA J. M. D.
30 ABR 1996	H. Sakiyama
25 ABR 1998	Luiz Manoel
29 OUT 1998	BOYSTER
26 MAI 2005	Vine



00015770000662

A Guerra Ira-Iraque

2-C-8

*MINISTÉRIO DA MARINHA*  
*ESCOLA DE GUERRA NAVAL*  
**Biblioteca**

Achão, Nelio

A guerra Irã-Iraque

2-C-8

(662/87)

32-33